

MARIA ELIZA BUZETTI SPINELLI

PARENTALIDADE COMPARTILHADA:
REVENDO O LEGADO INTERGERACIONAL

PUC-SP

2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

MARIA ELIZA BUZETTI SPINELLI

PARENTALIDADE COMPARTILHADA:
REVENDO O LEGADO INTERGERACIONAL

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de MESTRE em Psicologia Clínica, sob orientação da Professora Doutora Ceneide Maria de Oliveira Cerveny.

PUC-SP

2006

BANCA EXAMINADORA

A minha sobrinha, afilhada e, hoje,
filhinha, Isabella, que a dor da vida
deu-me de presente.

AGRADECIMENTOS

Neste espaço, gostaria de citar cada pessoa que fez parte desta trajetória de dois anos, durante os quais elas tiveram sua parcela de participação na construção deste trabalho, mas a lista seria por demais extensa; então, deixo aqui registrado meu reconhecimento geral. Que, ao ler este trabalho, você saiba que fez parte dele, de alguma forma.

Ainda assim, não posso deixar de nomear algumas pessoas: em primeiro lugar, agradeço à **Dr^a Ceneide Maria de Oliveira Cerveny**, minha orientadora, pela dedicação, pelo profissionalismo e pela imensa paciência em socorrer-me, muitas vezes via correio, devido à distância; ela sempre me colocou no rumo, e pude seguir com mais segurança.

À **Dr^a Rosane Mantilla de Souza** e **Dr^a Maria Luiza Piszczman**, pelas preciosas sugestões que muito colaboraram para enriquecer este estudo, minha admiração e meu apreço.

Às minhas amigas e colegas de jornada, **Carla** e **Silvana**, sem as quais as idas e vindas, viagens a São Paulo, teriam sido muito menos divertidas e com as quais pude dividir muitas angústias e alegrias. Muito obrigada por vocês existirem na minha vida.

Ao **Sergio**, **Thiago**, **Chico** e à **Isabella**, meus amores, que suportaram minha irritação, minha cara feia, e souberam esperar por mim, obrigada. Pretendo estar mais inteira daqui pra frente.

Aos **casais entrevistados** que, gentilmente, cederam seu tempo e suas maravilhosas histórias de vida; nada disto seria possível sem vocês. Obrigada.

Por último, mas não menos importante, à **Leila**, **Simone** e **Maura**, que me deram suporte precioso na família e na clínica; sem vocês, minha jornada teria sido muito mais difícil. Vocês são ótimas.

O mais importante do mundo é isto: as pessoas não são sempre iguais. Não foram terminadas, mas estão sempre mudando... Afinam e desafinam. Verdade maior que a vida me ensinou. (Guimarães Rosa)

SUMÁRIO

RESUMO	viii
ABSTRACT	ix
INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – HISTÓRICO DA FAMÍLIA	18
1.1 A EVOLUÇÃO DO SENTIMENTO DE FAMÍLIA	18
1.2 AS TRANSFORMAÇÕES DA FAMÍLIA	19
CAPÍTULO 2 – AS QUESTÕES DE GÊNERO E A PARENTALIDADE	
COMPARTILHADA	26
CAPÍTULO 3 – A FAMÍLIA COMO SISTEMA	39
CAPÍTULO 4 – FAMÍLIA, INTERGERACIONALIDADE E TRANSMISSÃO DE	
PADRÕES RELACIONAIS	46
CAPÍTULO 5 – PROBLEMA	54
CAPÍTULO 6 – MÉTODO	55
6.1 PARTICIPANTES	56
6.2 PROCEDIMENTO	57
6.3 ANÁLISE DO MATERIAL	58
CAPÍTULO 7 – RESULTADOS E DISCUSSÃO	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS	78
APÊNDICES	83
1 MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E	
ESCLARECIDO	84
2 MODELO DOS INSTRUMENTOS DE COLETA DE MATERIAL	85
3 GENOGRAMAS E TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	87

RESUMO

Neste estudo, com base num recorte da parentalidade, que se define como parentalidade compartilhada, em que pai e mãe dividem entre si os cuidados com os filhos e ambos provêem a família, procurou-se encontrar indicativos, nas histórias familiares de alguns casais de pais, do que facilita este tipo de parentalidade. Quatro casais que estão em união estável e em situação familiar de dupla renda, com idades entre 30 e 45 anos, com renda familiar entre quinze e quarenta salários mínimos e que possuem um ou mais filhos na faixa etária de três a sete anos, foram entrevistados, conjuntamente, através da entrevista semi-estruturada, baseada na construção do genograma. A análise do material coletado permitiu concluir que o legado familiar influencia fortemente a constituição dos pais que compartilham a parentalidade; seja pela repetição de modelos ou para aprender a fazer diferente, os modelos de pai e mãe e de casamento estão na base da parentalidade compartilhada. A aprovação dos novos comportamentos de pai e mãe, por seus próprios pais, parece ser um elemento facilitador da mudança, bem como a existência de figuras nas gerações passadas que demonstravam afeto e que são admiradas pelos pais entrevistados. A influência da cultura, com valores de família unida, e a boa diferenciação que os entrevistados conseguiram de suas famílias parecem ser fatores determinantes para a parentalidade compartilhada. Este estudo foi concluído com a certeza de que este é um momento de transição na parentalidade; o compartilhar ainda é desproporcional, sobrecarregando homens e mulheres em aspectos diferentes; no entanto, devido à valorização que nossos entrevistados recebem de suas famílias, parece que, cada vez mais, almeja-se a igualdade nas relações.

ABSTRACT

This study focuses on parenting, which herein is defined as shared parenting, whereby both the father and the mother share child caring and are providers. The study observed indications provided by family history of parents who facilitate this type of parenting. Four couples in a stable relationship and living in a double-income household, with ages ranging from 30 to 45, where family income is fifteen to forty minimum salaries and that have one or more children from three to seven years old were interviewed together, using a semi-structured questionnaire based on the genogram's construction. The analysis of collected material was conducive to the conclusion that familial customs are a strong influence on the constitution of parents who share parenting. Whether by repeating role-models or to learn how to do things differently, father and mother roles and the style of the marriage itself are the basis of shared parenting. The approval of novel mother and father role-models by their own parents seems to be a facilitating element for change, as well as the existence of individuals from preceding generations who showed affection and who are admired by the interviewees' parents. The influence of culture and of values of a closely-knit family, and the sound sense of individuality that interviewees were able to establish with their families seem to be determining factors for shared parenting. This study is concluded with the assurance that parenting is undergoing changes at this moment; sharing is still disproportionate, where men and women are overburdened with different aspects; however, due to the recognition given to our interviewees by their families, it seems that an equal relationship is increasingly more desired in relationships.

INTRODUÇÃO

A parentalidade, do pai ou da mãe, é a mais difícil tarefa que os seres humanos têm para executar. Pois pessoas, diferentemente dos outros animais, não nascem sabendo como serem pais. Muitos de nós lutam do princípio ao fim. (Karl Menninger)

Até bem pouco tempo, geralmente, criar os filhos era encargo somente da mãe; ao pai, correspondia trazer dinheiro para casa. Este modelo de parentalidade, no qual a divisão de tarefas específicas de pai e mãe era a base de equilíbrio da relação, o qual será chamado de modelo tradicional, vem se modificando, juntamente com as modificações na sociedade. Hoje, o cenário é típico de uma fase de transição social: ainda convivem os tradicionais e os novos modelos de homem e pai, mulher e mãe.

Focaliza-se, neste estudo, um modelo aqui chamado de parentalidade compartilhada, no qual ambos os pais dividem entre si os cuidados com os filhos e o prover da família.

Uma vez que não faz parte da formação do homem o desenvolvimento das habilidades de cuidar de crianças, sendo esta, tradicionalmente, uma tarefa das mulheres, e que a formação das mulheres não inclui abrir mão dessas habilidades, ainda é recente, na nossa sociedade, um modelo de parentalidade em que os pais compartilham os cuidados com os filhos.

Porém, é no cuidar que se estabelece o vínculo, a forma primeira de se envolver com a criança, numa relação em que as emoções não poderão ficar de fora. Dessa forma, a relação pais/filhos é construída no dia a dia, nas pequenas coisas, no vivenciar de atividades rotineiras, com tempo para a criança e com a atenção voltada para ela; então, torna-se necessário que o homem envolva-se com o filho e a mulher abra espaço para tal aproximação.

Esse modelo de parentalidade compartilhada vem surgindo na nossa realidade, sobrevivendo em meio a um cenário social ainda patriarcal, no qual o modelo do pai foi construído como, emocionalmente, distante e comprometido, principalmente, com prover a família, e o modelo de mãe foi relacionado, prioritariamente, ao cuidar e nutrir.

Pensando que modelos de pai e mãe são também construções sociais, é possível perguntar, então, que fatores colaboram, hoje, para a construção dos pais que compartilham a parentalidade. Muito se fala das mudanças na sociedade, principalmente após o movimento feminista e seus reflexos no homem e na mulher e, conseqüentemente, nas figuras de pai e mãe. Acredita-se que é na família que modelos constituem-se e são herdados; assim, este estudo tem como base a família.

Como objeto de pesquisa, foram escolhidos pais que exercem a parentalidade compartilhada e suas histórias familiares: os modelos de pai e mãe; o modelo de casamento nas famílias; as expectativas familiares depositadas sobre os entrevistados; as relações com pessoas significativas para o exercício da parentalidade; a estrutura das famílias de origem e extensa; e a influência da cultura e do macro-sistema na adoção desse modelo de parentalidade. Buscaram-se, nos objetivos específicos, indicativos do que colaborou para a constituição desses pais que compartilham a parentalidade. Obtendo mais clareza sobre a influência das histórias familiares, talvez os dados possam servir de orientação a outros pais e, dessa forma, esse modelo de parentalidade compartilhada possa se fortalecer mais facilmente na sociedade, modificando a história das próximas gerações.

Ser pai e mãe não é algo dado, pronto, definido, não pode ser imposto, nem apenas desejado, precisa ser construído, no dia a dia, na relação com os filhos. Paulo Silveira é pontual quando comenta que “ser genitor de alguém não garante que se estabeleça uma relação entre eles. As relações são marcadas pelas vivências afetivas que nela ocorrem” (SILVEIRA, 1998, p. 31). Assim, como as relações pais/filhos precisam ser construídas, a sociedade constrói modelos de pai e mãe que influenciam tais relações.

Até pouco tempo atrás, o modelo patriarcal geralmente estabelecia uma relação pai/filho de distanciamento afetivo e uma relação mãe/filho de proximidade e cuidado. Após o movimento feminista, gradativamente, as mudanças na sociedade vêm necessitando de novas relações pais/filhos, nas quais o envolvimento afetivo, a participação e o cuidado sejam compartilhados por ambos os pais. Segundo Elisabeth Badinter, “depois de séculos de autoridade e de ausência do pai, parece surgir um novo conceito – o amor paterno – semelhante em tudo e por tudo ao amor materno” (BADINTER, 1986, p. 364).

Para isso, é muito importante os pais terem tempo e disponibilidade para viver com os filhos, para estar junto e presente, pois, muitas vezes, estamos juntos,

mas não presentes. Acompanhar a criança, deixar-se levar, deixar as coisas acontecerem, bastando apenas estar atento e interessado, curioso até. Nas palavras de Moacir Gadotti, “amor paterno é presença ativa e atenção. É construção. Não é instintivo, genético” (GADOTTI, 1998, p. 109). O mesmo pode ser dito em relação à mãe.

Se essas reflexões servem, na maioria das vezes, mais para o pai, em função do modelo antigo de pai distante afetivamente, ainda muito forte em nossa subjetividade, as mães precisam de reflexões distintas. Suas questões estão relacionadas a como se dividir entre trabalho e filhos, ou seja, entre ser mãe e manter sua vida pessoal, de forma que uma não exclua a outra, mas possam conviver o mais harmoniosamente possível. Segundo Valéria Meirelles, as mulheres ainda colocam a carreira como secundárias em suas vidas. Como resultado de suas pesquisas, ela afirma: “A carreira, para as mulheres, é parte co-central nas estruturas de suas vidas, uma vez que o amor, o casamento e os filhos estão em primeiro lugar” (MEIRELLES, 2001, p. 48). Ainda se mantém, na nossa subjetividade, o modelo de ser mãe em primeiro lugar, de forma que a mulher luta com sentimentos de inadequação e culpa por ter sua vida profissional; no entanto, somente assim ela pode abrir com mais facilidade espaço para o pai na relação com o filho. Cabe ao pai entrar neste espaço.

A importância do trabalho da mulher e do rendimento que ela recebe, além de manter sua individualidade, está na maior possibilidade de poder na relação com o homem e, dessa forma, maior equilíbrio na distribuição de tarefas e nas tomadas de decisões. Para Cloé Madanes e Cláudio Madanes (1997), no dinheiro está o poder de decisão e de negociação no casal; para que os pais compartilhem os cuidados com os filhos, é fundamental uma distribuição mais igualitária de poder.

Neste estudo, busca-se esse novo modelo de parentalidade em uma época pós-moderna, ainda pouco conhecido e estudado: os pais que compartilham entre si os cuidados com os filhos e ambos provêm a família, diferente do pai distante afetivamente e da mãe superenvolvida, modelo que, por muito tempo, prevaleceu na relação pais/filhos, marcando uma época e separando pai e mãe dentro de papéis rígidos e complementares.

É inquestionável que, conforme a idade das crianças, suas necessidades são diferentes e que elas precisam de um outro “estar” parental conforme vão crescendo, num movimento de troca, no qual um vai aprendendo com o outro.

A parentalidade é, assim, uma experiência construída e reconstruída constantemente, em um movimento que lembra o de navegar: ora em águas tranquilas e previsíveis, ora em águas desconhecidas e turbulentas, exigindo sempre do navegador a capacidade de re-interpretar o mar, reavaliar seus recursos e redirecionar a embarcação. (BERTHOUD, 2003, p. 90)

Para este estudo, foram escolhidos casais que têm filhos entre três e sete anos de idade. Entendendo que o processo de ser pai ou mãe está em contínua mudança, já que as necessidades do filho mudam conforme ele vai crescendo e desenvolvendo-se e que os pais precisam se desenvolver junto com ele, foi feito um recorte de um momento da parentalidade, uma faixa de grande desenvolvimento das crianças, e também de muita fragilidade, que requer, portanto, grande envolvimento dos pais.

Ceneide Cervený (2002), através de pesquisa desenvolvida em 1996-7, apresenta uma proposta de caracterização do ciclo vital da família em quatro etapas, sendo que a primeira, que engloba o recorte desta pesquisa, a autora chamou de Família na Fase de Aquisição. Entre as aquisições dessa fase, citam a aquisição de novas formas de relacionamento com a chegada dos filhos; os cônjuges renegociam, constantemente, valores e regras, e adaptam-se às necessidades de cada fase do desenvolvimento dos filhos, o que é fundamental para o desempenho da parentalidade compartilhada.

Segundo Berthoud (2003), em sua obra *Re-significando A Parentalidade: Desafio Para Toda Uma Vida*, pode-se definir estágios do processo de parentalidade, que ela chamou de ciclo da parentalidade. A autora definiu o segundo estágio, que vai da faixa de três a seis anos, onde se encaixa o recorte proposto, como o nascimento de uma relação entre pessoas; uma de suas tarefas é reconstruir a relação com o filho, e a principal função é ser educador.

Também Mônica McGoldrick (1995), em parceria com Randy Gerson (MCGOLDRICK; GERSON, 1995), no capítulo *Genetogramas e o Ciclo de Vida Familiar*, definem a primeira etapa do ciclo como Família com filhos pequenos, que vai de zero a dez anos, aproximadamente, e colocam como principal tarefa dos pais: passar a ser cuidadores da nova geração.

Assim, nos escritos desses autores, que estudam as etapas da família, encontra-se a ênfase na necessidade de adaptação dos pais às etapas do desenvolvimento dos filhos e às tarefas de relacionamento e cuidado para com os

filhos na faixa de idade do recorte da parentalidade aqui proposto. Na parentalidade compartilhada, espera-se que essas tarefas sejam desempenhadas por ambos os pais.

A parentalidade compartilhada estaria, dessa forma, dentro da ideologia de igualitarismo que, segundo Sérvulo Figueira (1986), embasa a família igualitária que vem se opor à família hierárquica. Na família igualitária, homem e mulher percebem-se como diferentes, mas iguais como indivíduos; é cultuada a liberdade de escolha; as noções de certo e errado não são bem delineadas. Na família hierárquica, ao contrário, homem e mulher são definidos por suas posições diferentes; há várias idéias do que é certo ou errado; vários mecanismos procuram ajustar as pessoas a determinadas formas de comportamento, pensamentos e desejos. Entretanto, é necessário que se vejam esses dois tipos de famílias como ideais, e não como realidades. Na prática, os modelos convivem, pois a modernização da sociedade, com a ideologia igualitária, ocorreu muito rapidamente, não dando tempo para uma mudança verdadeira no interior das pessoas; elas, muitas vezes, estão em conflito entre atitudes modernas e ideologias antigas.

Escolheu-se olhar para trás, para as gerações que antecedem os pais atuais, para os legados dessas gerações, pondo foco no que colaborou, positivamente, com a construção dos pais que, hoje, podem ser, ambos, emocionalmente envolvidos com seus filhos e provedores, procurando estabelecer uma relação de igualdade e diferenciando-se do modelo hierárquico tradicional.

Para isso, foi definido um olhar para as histórias familiares, acreditando-se que as famílias repetem-se; de geração em geração, transmitem valores, crenças e padrões de relação que constituem o que somos hoje. Para Cerveny (1996), as crenças, os mitos, as histórias familiares estão intimamente ligados com a nossa forma de inserção no mundo; e a família desempenha um papel primordial na transmissão dos mesmos. Segundo Marilene Krom (2000, p. 16-7), é possível "...perceber que o que nos foi legado influencia, de maneira poderosa, toda a nossa vida. [...] À medida que as pessoas nascem nessas famílias, ocupam determinado lugar, recebem expectativas que as acionam a dar cumprimento a esses mandatos."

Dessa forma, é preciso observar como os pais que compartilham os cuidados com os filhos, segundo o modelo analisado, conseguiram lidar com os modelos recebidos, muitas vezes tão diferentes. Essas famílias estão inseridas num

contexto mais amplo e sofrem diversas influências que vêm de fora da família; então, é importante olhar também o macro sistema ao qual elas pertencem.

Numa pesquisa realizada com adolescentes e jovens adultos do sexo masculino, na cidade do Rio de Janeiro, em 1994-5 (BARKER; LOEWENSTEIN, 1996), apesar da maioria corresponder ao estereótipo de homem latino e pai provedor, foi encontrado um certo número de homens que conseguiam contrariar os papéis tradicionais de gênero e desejavam ser pais afetivos e presentes. Para estes, um motivador do desejo foi ter estabelecido uma relação com um parente ou amigo da família que teria apoiado posturas não tradicionais de gênero, as quais lhe serviram de inspiração.

Pode-se, ainda, estender tais reflexões aos modelos de mulheres que desempenharam a maternidade de forma não tradicional e que, também, possam ter servido de inspiração para as mães que compartilham a parentalidade. Um exemplo vem de uma jovem mãe, de 31 anos, a qual afirma que uma influência para que hoje ela seja uma mãe que compartilha a parentalidade com o marido e tenha o seu emprego foi o fato de observar a relação conjugal de uma colega de faculdade, que trabalhava, tinha mais poder de decisão na relação com o marido, e ambos agiam em cooperação com os filhos. Ela compara este com o modelo de sua família de origem, em que a hierarquia masculina era mantida, mesmo a mãe trabalhando.

De qualquer forma, tais observações parecem mostrar que, além da transmissão dos modelos de pai e mãe, outras relações também influenciam a constituição dos pais atuais. Acredita-se que é preciso ampliar o olhar para o contexto onde esses pais estão inseridos; para outros relacionamentos significativos; para questões culturais, de raça, religião que compõem a história daqueles que são pais. A construção da parentalidade compartilhada da atualidade é, pois, sistemicamente determinada por diversos fatores interligados.

A Pesquisa Qualitativa foi eleita como método deste trabalho. Segundo Norman Denzin e Yvonna Lincoln (1994, p. 2), a Pesquisa Qualitativa possui um foco com métodos múltiplos que absorve uma abordagem interpretativa, naturalista, para determinado assunto, significando que a pesquisa qualitativa estuda os objetos em seu ambiente natural, tentando dar-lhe sentido, ou interpretando o fenômeno nos termos significativos trazidos pelos próprios entrevistados.

A Entrevista feita para coleta de material de estudo é semi-estruturada, pois se baseia na construção do genograma, com as perguntas clássicas sobre a

constituição da família em quatro gerações: avós, pais, irmãos, filhos; idades; profissões; casamentos; separações; mortes e outras questões que dependem das particularidades de cada família.

“Os genogramas são retratos gráficos da história e do padrão familiar, mostrando a estrutura básica, a demografia, o funcionamento e os relacionamentos da família” (MCGOLDRICK; GERSON, 1996, p. 144). Por se tratar de um desenho, o genograma proporciona uma visão imediata da constituição da família, bem como facilita o desenvolvimento das questões pertinentes a cada história por deixar evidente os pontos de dificuldades. Neste estudo, foi utilizado o genograma com foco em determinados temas; o genograma, como instrumento, deixa espaço para que as individualidades de cada história manifestem-se, permitindo uma maior riqueza de material.

O foco principal deste estudo é encontrar, na história familiar, os fatores que colaboraram para a constituição dos pais da atualidade. Quando se interrogam os membros da família sobre uma situação atual, voltando-se aos mitos, às regras, e às questões com carga emocional de gerações anteriores, as pautas reiterativas podem se tornar evidentes. Segundo McGoldrick e Gerson (1996), os genogramas sugerem possíveis conexões entre os eventos familiares; neles, podem ser vistas com clareza as pautas de enfermidades prévias e mudanças anteriores nas relações da família, originadas através das mudanças na estrutura familiar e em outras mudanças críticas da vida. Dessa forma, o genograma proporciona uma rica fonte de hipóteses sobre o que leva uma determinada família à mudança.

O material coletado será analisado através da Análise de Conteúdo, que é uma técnica de pesquisa e, como tal, tem determinadas características metodológicas como objetividade, sistematização e inferência. A Análise de Conteúdo é um conjunto de instrumentos metodológicos, cada dia mais aperfeiçoado, que se aplicam a discursos diversos. O tratamento do material seguirá os seguintes passos: transcrição; pré-análise; categorização (a priori e a posteriori) e discussão de resultados.

Os temas e as categorias para a análise de conteúdos são baseados nos objetivos específicos e estão embasados na Visão Sistêmica Intergeracional da Família.

Quando o pesquisador está ancorado em uma teoria com forte poder explicativo, é quase certo que esta já tenha fornecido

unidades de análise prévias (pode-se dizer, para usar a terminologia aqui empregada, que a teoria forneceu grande parte das informações necessárias para o detalhamento do problema, que, portanto, subsidiarão as análises). (LUNA, 2002, p. 66-7).

Decorrentes da análise do material, novos temas e categorias poderão ser, justificadamente, excluídos ou inseridos.

Dessa forma, este estudo tem como epistemologia a Visão Sistêmica Intergeracional da Família, através de autores como Murray Bowen (1991), com seu conceito de diferenciação de *self*, e Cerveny (2000), com a transmissão de padrões transgeracionais. A Visão Sistêmica da família é embasada na Teoria Geral dos Sistemas, proposta por Ludwig von Bertalanffy (1977), e na Cibernética defendida por Norbert Wiener (BATESON, 1986). Bertalanffy e Wiener nunca realizaram uma aproximação de suas teorias, embora ambos tratem de assuntos que dizem respeito às teorias do conhecimento de modo complementar e intimamente correlacionado. A intenção de Bertalanffy era criar uma teoria com a qual se pudessem estudar distintos fenômenos em distintas áreas do conhecimento, usando-se o mesmo modelo de referência. A Cibernética, cujos princípios estavam inicialmente relacionados às máquinas e à informação, estendeu-se para a compreensão da sociedade. Ambas as teorias foram utilizadas para a análise da família pelo antropólogo Gregory Bateson (1986), dando origem a diversos avanços na compreensão da família e direcionando a psicologia para um campo novo e rico, no qual a utilização de conceitos e analogias permitiu abordar o fenômeno familiar de forma global e não reducionista, privilegiando o estudo das relações interpessoais.

Para melhor compreensão, este estudo tem, no Capítulo 1, um histórico da família; procura-se focar a família no seu desenvolvimento, passando pelo sentimento de família e pelas transformações da família. No Capítulo 2, o enfoque está nas questões de gênero e no quanto elas estão presentes na parentalidade compartilhada. No Capítulo 3, aborda-se a família como sistema e as repercussões desta visão da família. No Capítulo 4, encontra-se a família, a intergeracionalidade e a transmissão de padrões relacionais, foco da análise deste trabalho. No Capítulo 5, tem-se a descrição do problema apresentado neste estudo. No Capítulo 6, faz-se uma explanação do método utilizado, com um passeio pelo procedimento. No último capítulo, discutem-se os resultados obtidos. Encerrando, tem-se as Considerações finais.

CAPÍTULO 1

HISTÓRICO DA FAMÍLIA

Durante as últimas quatro décadas, o Brasil vem passando por um intenso e extenso processo de modernização que atinge todos os quadrantes da sociedade. Sabemos que **tudo** mudou, que **tudo** muda e – estamos tentando nos acostumar a isso – que **tudo** pode mudar, e muito. (Sérvulo Figueira)

1.1 A EVOLUÇÃO DO SENTIMENTO DE FAMÍLIA

Próximo ao final da Idade Média, a casa grande era o local onde se reuniam, indiscriminadamente, a família, os clientes, os criados, os devedores e as visitas. Vivia-se mais no mundo da rua, da comunidade de trabalho, de festas, de oração; o social era prioritário. Dessa forma, o sentimento de família era enfraquecido ou quase não existia. Isso não significava que os pais não amassem seus filhos, mas a família era menos vista como um espaço de afetividade, de laço emocional do que como uma instituição moral e social. O apego aos filhos era passageiro; as crianças eram comparadas aos animais que, uma hora, deixavam seus donos: os animais morriam, as crianças saíam de casa e afastavam-se emocionalmente.

Os filhos eram bem vindos pelo prazer que proporcionavam aos pais, mas numa forma hedonística e centrada em si mesmo, como uma jóia, um luxo. Também era a forma de superar, parcialmente, a morte porque eram a continuidade do nome; filhos eram as bênçãos de Deus e, portanto, pessoas piedosas deveriam desejá-los, mas tais sentimentos ainda estavam muito distantes do sentimento de família.

O progresso do sentimento de família segue o progresso da vida privada e da intimidade doméstica; para isso, muito colaborou a postura de manter as crianças em casa. No entanto, mudanças só foram efetivadas no século XVIII com alterações na disposição dos cômodos da casa, individualizando-se espaços para dormir, comer, reunir-se e ter a vida social, antes todos misturados. Com a separação de

espaços físicos, as visitas não chegavam sem avisar, e a vida em família foi criando um espaço privado, onde a intimidade e o sentimento de família puderam se manifestar, quase igual ao do início século XIX e começo do século XX. “A reorganização da casa e a reforma dos costumes deixaram um espaço maior para a intimidade, que foi preenchida por uma família reduzida aos pais e às crianças, da qual se excluía os criados, os clientes e os amigos”. (ARIÈS, 1978, p. 186)

O reflexo da maior intimidade pode ser evidenciado pelas cartas escritas pelos homens que tinham de se afastar da família; eles mostravam preocupação pela saúde dos filhos, usavam termos carinhosos e davam sugestão de medicamentos e de vacinas. Já não mais se consolavam com a perda de um filho por outro que viria; cada filho era insubstituível, e sua perda irreparável. Um oficial general escreveu: “O resfriado de minhas duas filhas me preocupa [...] Mas parece-me que, enfim, o tempo melhorou esta manhã. Deixo-te inteiramente responsável pela inoculação de Xavière”.¹ (ARIÈS, 1978, p. 187)

Ainda no século XVII, 1602, uma carta diz: “Os pais que se preocupam com a educação de suas crianças merecem mais respeito do que aqueles que se contentam em pô-las no mundo. Eles lhe dão não apenas a vida, mas uma vida boa e santa”.² (ARIÈS, 1978, p.195).

Nessas cartas, é possível perceber o salto qualitativo dado à importância da criança na família, além de uma estrutura de família com novos valores, que a privacidade permitiu desenvolver. Muda a relação pais/filhos, pois agora são os pais os responsáveis pela educação, baseada na divisão de tarefas: o pai é responsável pelo trabalho e pelo prover e a mãe, pelos cuidados.

1.2 AS TRANSFORMAÇÕES DA FAMÍLIA

Enquanto, no século XVIII, na Europa, a família nuclear vinha se estabelecendo com sua privacidade, no Brasil, segundo Jurandir Costa (1989), por influência da colonização que tinha como valor uma idéia de que o sexo e o trabalho manual denegriam o homem, a família antiga prevalecia. Era constituída com uma

¹ CORRESPONDANCE inédite du General de Martange, 1576-1782. Breard, 1898.

² ACADEMIA Sive Vita Scholastica, Arnheih, 1602.

dupla moral: a esposa tinha apenas o papel social de continuidade da linhagem; o homem mostrava sua virilidade fora do casamento, com escravas ou mesmo com moleques que, muitas vezes, eram seus próprios filhos. O cuidado dos filhos era atribuído às escravas; o trabalho também era desempenhado pelos escravos, que viviam nas senzalas ao redor da casa grande, sob a custódia do senhor de engenho; dessa forma, a família era uma grande comunidade, mantendo o modelo antigo.

Somente com a chegada da família real ao Brasil, no século XIX, com o modelo da família burguesa já estabelecido em Portugal, a família nuclear começou a aparecer no Brasil, com seus valores de privacidade, com manifestação de afeto e sexualidade dentro da família e com a educação dos filhos como encargo dos pais. A mulher ganha um novo status na sociedade, com a função de cuidadora, responsável pelo amor, proteção e boa educação dos filhos; ao pai, cabe a função de provedor; e a vida familiar passa a se organizar em torno dos filhos. É a família nuclear amorosa sob o regime do patriarcado; nesse ponto, igualada ao ideal de família burguesa. Aos poucos e cada vez mais, a família brasileira é influenciada pelos padrões da Europa e da América do Norte.

Segundo Mariza Corrêa (1993), a ótica da família patriarcal, como modelo da história da família no Brasil, deixa de lado a diversidade de outras estruturas que também conviviam com o modelo patriarcal, como um reflexo da classe dominante controladora do comportamento social no Brasil Colônia.

O conceito de “família patriarcal”, como tem sido utilizado até agora, achata as diferenças, comprimindo-as até caberem todas num mesmo molde que é, então, utilizado como ponto central de referência quando se fala de família no Brasil. [...] A família patriarcal pode ter existido, e seu papel ter sido extremamente importante; apenas não existiu sozinha, nem comandou do alto da varanda da casa grande o processo total de formação da sociedade brasileira. (CORRÊA, 1993, p. 27)

Entretanto, a família patriarcal é o tipo de família que parecia prevalecer, e que se estava acostumado a enxergar, nos setores médios da sociedade brasileira na década de 50. Nesse tipo de família, homem e mulher percebem a si mesmos como intrinsecamente diferentes: o poder do homem é superior ao de sua esposa, devido ao trabalho fora de casa e ao ganho financeiro, e a monogamia é esperada só da esposa. A relação com os filhos é também marcada pela diferença: o adulto está na posição acima, de quem sabe mais, melhor e usa, legitimamente, a disciplina. As diferenças aparecem na forma concreta de posturas, linguagem,

vestimentas e até de sentimentos. É a ideologia da diferença, da hierarquia e da desigualdade que marca essas famílias, mas tudo se dá no nível de ideal; a família concreta nem sempre segue essas regras, mas persegue este modelo e compara-se a ele.

Como comenta Roberto Da Matta (1987), a família patriarcal significa uma forma de sucesso ou de superioridade social; por isso, é um valor. A família patriarcal, como valor, é um ideal que se deseja alcançar, mas ela não existe sozinha. Dentro da Casa Grande (ou hoje na casa da patroa de classe média alta), esse ideal de família só se constituiu em oposição a outras antifamílias, que delas faziam parte e das quais ela necessitava. Porém, tais outras famílias localizavam-se nas senzalas (e hoje nas periferias das cidades ou nas favelas) e evitava-se contaminação dos elos familiares do trabalhador com a família a quem servia. Assim, essas outras famílias incluíam-se e excluía-m-se da família patriarcal. Porém, pode-se ver que é impossível a existência da família patriarcal, como valor, sem a idéia de diversidade.

Para Corrêa (1993), o casamento nessas famílias tinha como principal finalidade a manutenção da propriedade; dessa forma, no Brasil, a família patriarcal instala-se onde existiam as grandes unidades agrárias de produção: engenhos de açúcar, fazenda de criação ou plantação de café. Nessa visão histórica, a transformação da família, assim constituída, dá-se por decadência, com o advento da industrialização e a ruína das grandes propriedades rurais, ocorrendo uma retirada do campo para as cidades. Começa a aparecer a família conjugal moderna, típico produto da urbanização, que se restringia ao casal e a seus filhos, na qual o casamento acontecia para a satisfação de impulsos sexuais e afetivos. Com a saída da mulher para o trabalho, o homem foi perdendo seu poder e controle, até chegar a dividir, na prática, as funções e, psicologicamente, o poder com a mulher, o que poria fim ao patriarcado e, pelo menos na teoria, seria a democratização da intimidade.

Complementando tal visão histórica das transformações na família, Figueira (1986) põe foco na ideologia dominante, além das causas sociais e políticas, como principal transformadora da família. Para ele, a passagem progressiva do patriarcado para a família moderna dá-se pela mudança progressiva da ideologia de diferença e desigualdade para a ideologia, agora dominante, de "igualitarismo"; Nesta, as diferenças existem, mas são respeitadas; há a pluralidade de escolhas que só são

limitadas pelo respeito à individualidade do outro; a noção de certo e errado não são bem delineadas. Até os sinais visíveis de diferenças atenuam-se, nas vestimentas, nas posturas e na linguagem, a não ser pela expressão de gosto de cada um. Novamente, porém, tudo se dá no nível de ideal, uma vez que, na prática, as famílias estão em transição, no conflito entre o tradicional e o moderno. Portanto, as transformações não são, de forma alguma, lineares; simultaneamente, estão sendo apresentados ideais conflitantes que colocam as famílias numa alternância de modelos.

Desencadeada na década de 30, e que tende a consolidar-se nos anos 50 do século passado, a mudança de ideologia que transformaria a sociedade aparece muito rapidamente. Procurando implantar os valores de igualdade e liberdade, deixando para trás a cultura da diferença e da dominação, vai de encontro à família patriarcal, um modelo muito forte e que, por muito tempo, impõe-se como instituição normatizadora da sociedade, definindo comportamentos e mentalidade das pessoas.

Por ser muito drástica e rápida, a transformação não dá às pessoas a chance de modernizarem-se realmente, profundamente, nos seus conteúdos e na sua identidade. Ocorrem mudanças na prática, mas não no interior das pessoas. Conforme afirma Figueira (1986, p. 18), “pela própria velocidade do processo no Brasil, o que se tem é a aquisição de novas identidades (articuladas de modo complexo e variável aos novos ideais), que se sobrepõem às antigas identidades posicionais, sem, contudo, alterá-las substancialmente.”

A saída da mulher para o trabalho foi um grande agente transformador da família, pois propiciou a busca por igualdade nas relações homem/mulher. Uma vez que as mulheres também passaram a possuir renda, podiam sair de casamentos insatisfatórios, não se submeter a abusos de poder e, na melhor das hipóteses, negociar as regras da relação. Em todas as alternativas, certamente, ocorre uma diminuição do poder do homem. Embora muitas situações desse tipo tenham ocorrido, vêem-se muitas mulheres sobrecarregadas, com dupla jornada de trabalho, ganhando menos que os homens e sem a participação deles na esfera doméstica.

Onde está a igualdade? Elas reclamam, raivosas, pela divisão mais justa dos deveres e poderes e, ao mesmo tempo, corroem interiormente uma culpa por deixar os filhos pelo trabalho e gostariam de crucificar quem queimou sutiãs em praça pública. Os homens, de quem foi diminuído o poder, vêem-se paralisados, destituídos não só da hierarquia, mas de sua especificidade de provedor, sem

identidade e, ainda, estão recebendo expectativas contraditórias da parte das mulheres. Elas desejam, como afirma Badinter (2005, p. 147), “que o homem conserve as virtudes do avô (força protetora, coragem e senso de responsabilidade) e que adquira as da avó (escuta, ternura e compaixão)”.

Nessas colocações, é possível perceber que os ideais modernos ainda estão convivendo com os ideais antigos no interior das pessoas, como se elas tivessem vestido uma roupa nova sem despir a velha. É o que Figueira (1986) chama de dimensão invisível da mudança social, ou como diz Ana Maria Nicolaci-da-Costa (1986), é a nostalgia do tradicional e a carência do novo. É, pois, difícil substituir, tão rapidamente, a força dos ideais de muitos anos de patriarcado.

Numa conversa atual com jovens homens entre 22 e 25 anos, sobre o que esperam da mulher do século XXI, um deles respondeu que espera que a mulher queira dividir com o homem as responsabilidades financeiras, ter o seu trabalho, mas que também goste de cozinhar. Os ideais da igualdade e da não diferença da sociedade moderna convivem com os ideais das diferenças que separam as funções em funções de homem e de mulher, próprios do modelo antigo; isso fica evidente na resposta desse jovem.

Nos exemplos anteriores, percebe-se como a ideologia de uma época tenta definir a forma de homens e mulheres relacionarem-se como casal e família.

A ideologia também procura definir o comportamento moral de uma época. Sergio Teixeira (2004) realizou um estudo sobre as chamadas “camisolas do dia”, peças que eram, socialmente, prescritas às esposas recém-casadas, para a primeira vez em que dormiam com seus maridos, e que eram cheias de simbolismo. Por ser imperativa a sua prescrição, o autor considera tais peças como uma instituição social, situando-as nas camadas médias e superiores do Brasil dos anos 30 a 50 do século passado. Em extensa análise das entrevistas, com 45 mulheres e 5 homens que realizaram seus casamentos nesse período, o autor encontra todos os indícios da moralidade da época quanto à importância da virgindade e do casamento e quanto ao que isso significava para a mulher. Ele aponta rituais e simbolismos que, somente se cumpridos pela mulher, “afirmam sua honra, e a dos que lhe eram próximos, e sua agregação legítima ao grupo das senhoras casadas e futuras mães de família” (TEIXEIRA, 2004, p. 325). O autor refere-se, ainda, à música de Herivelto Martins e David Nasser, *A camisola do dia*:

Amor, eu me lembro ainda.
Era linda, muito linda;
um céu azul de organdi,
a camisola do dia,
tão transparente e macia,
que eu dei de presente a ti.
Tinha rendas de Sevilha,
a pequena maravilha
que o teu corpinho abrigava.
E eu era o dono de tudo,
do divino conteúdo
que a camisola ocultava.
A camisola que, um dia,
guardou a minha alegria,
desbotou, perdeu a cor;
abandonada no leito,
que nunca mais foi desfeito
pelas vigílias do amor.³

Ele explica que, na confecção do enxoval da noiva, no qual se inclui a camisola do dia, só era permitida a participação de pessoas da família ou muito íntimas da noiva; por isso, é inconcebível o verso da música que diz: “que eu dei de presente a ti”, pois fere todo o recato da época, mas se justifica pelo exercício da liberdade poética.

Pode-se perceber que, nesse poema, datado de 1957, os autores delatam a convergência do antigo e do moderno, que já estava ocorrendo nas atitudes e sentimentos das pessoas: ainda mantém o simbolismo da camisola do dia, mas o noivo ousa ofertar à noiva. Em outro verso, fica implícita a cor azul da camisola: “um céu azul de organdi”, contrapondo-se ao branco tradicional da virgindade, o que pode sugerir a quebra dessa imposição. Por fim, a última parte do poema parece falar do rompimento da relação, mesmo se usando a camisola do dia; novamente mostra o antigo e o novo, pois as separações só começaram a ocorrer com maior frequência após a saída da mulher para o trabalho, numa época posterior àquela das camisolas do dia.

O próprio autor da pesquisa confirma tal entendimento do poema, quando explica o desuso da camisola do dia: “a investigação exploratória mostrou que a instituição (camisola do dia), que já dava sinais de esvaziamento no final dos anos 1950, desaparece nos anos 1960. O que se dá por transformações estruturais na

³ MARTINS, H.; NASSER, D. **A camisola do dia**. 1957.

vida das mulheres por conta, sobretudo, da ampla entrada delas no mercado de trabalho.” (TEIXEIRA, 2004, p. 286)

Como a música data de 1957, parece retratar um momento histórico de maior liberdade da mulher e de uma nova moralidade, embora mesclada do antigo modelo.

Maria José Carneiro (1986) faz uma análise da dramaturgia de Nelson Rodrigues que, em suas peças, representa as crises nas relações intrafamiliares na década de 50. O autor mostra a persistência da família tradicional, como valor, e o conflito que ocorre quando aparecem atitudes inovadoras nas posições individuais. É um teatro que o próprio Nelson chamou de "teatro desagradável"⁴, porque vai delatar a representação que as famílias viviam de um modelo familiar que não podia mais se sustentar. Carneiro, em sua análise, chama essa família de “família rodrigueana” e diz tratar-se de uma...

família que inclui aspectos inovadores, modernos no que diz respeito às posições individuais, ao mesmo tempo em que se mantém enquanto [sic] instituição normatizadora, com mecanismos (valores e ação repressiva) de reprodução de uma estrutura patriarcal autoritária, baseada no princípio da honra e da solidariedade do grupo. (CARNEIRO, 1986, p. 73)

É necessário, pois, ter consciência dessa visão de família como valor, que está presente no cotidiano, muitas vezes submersa em atitudes sutis, só se manifestando em sensações de incomodo, de conflito, de culpa ou inadequação. Quando existe a proposta de estudar os pais que compartilham a parentalidade, um modelo supostamente moderno, não é possível deixar de lado, na análise, a confluência do antigo e do moderno, muitas vezes disfarçado, como na desagradável família rodrigueana.

⁴ RODRIGUES, N. Dionysio. SNT, outubro, 1949.

CAPÍTULO 2

AS QUESTÕES DE GÊNERO E A PARENTALIDADE COMPARTILHADA

A tradição serve como guia às pessoas nos momentos difíceis, estabelecendo regras de comportamento e formas de relação, facilitando a negociação naqueles períodos novos e difíceis da vida. Porém, a tradição tem suas raízes em ideais de dominação social que determinam papéis muito diferentes para homens e mulheres, definindo cada gênero como portador de capacidades diferenciadas e limitando a percepção de cada pessoa de suas próprias capacidades. (Lawrence Levner)

As questões de gênero sempre estiveram presentes ao se abordar o fenômeno da parentalidade. Neste estudo, quando se fala de parentalidade compartilhada e refere-se a um modelo em que o casal de pais divide entre si os cuidados para com os filhos e, ao mesmo tempo, ambos provêem a família, o que se espera do gênero masculino e feminino como pai e mãe difere muito dos padrões tradicionais de gênero. No modelo de parentalidade chamado de tradicional, compartilhar era dividir funções, a mãe cuidadora e o pai provedor, como característica do modelo patriarcal que se baseia numa complementaridade de papéis.

A parentalidade compartilhada, como se definiu, assemelha-se mais ao modelo feminista de família; este, segundo Mariane Walters e colaboradores (1996), caracteriza-se por uma simetria nos papéis e um critério mais igualitário de poder entre o homem e a mulher, num enfoque mais democrático e consensual na criação dos filhos. Para as autoras, o patriarcado separa as funções de pai e mãe, determinando para o homem tarefas instrumentais, como ganhar dinheiro através do trabalho, colocando-os no espaço público, com autonomia e poder, e delega às mulheres tarefas emocionais, como cuidar das relações e criar os filhos, que as coloca no espaço privado e em situação de dependência.

Embora muitas pessoas admitam que o modelo feminista de família é mais satisfatório para os dois, homem e mulher, é claro que ambos precisam abdicar de

algum poder para exercê-lo. O homem perde a exclusividade do espaço público, o poder e o status que isso lhe confere, e a mulher perde a posição de ser, economicamente, mantida pelo homem e a exclusividade do domínio do espaço privado.

Atualmente, vive-se um momento de transição; a rigidez do modelo patriarcal vem sendo questionada, e estão ocorrendo algumas mudanças. O que se vê são mudanças de condutas: a mulher saindo para o mercado de trabalho e assumindo uma parte das despesas da casa; no entanto, ainda há muito pouco envolvimento do homem e da mulher com uma nova organização da vida da família, com uma verdadeira distribuição mais eqüitativa de poder e com maior democracia na tomada de decisões entre o casal. Por outro lado, também acontecem casos nos quais existe o compartilhar das atividades de cuidado e a introdução de maior igualdade de gênero.

Para Douglas Breulin, Richard Schwartz e Betty MacKune-Karrer (2000), no metaconceito de gênero, as crenças patriarcais são opressivas para alguns membros da família e prejudiciais para o crescimento dos indivíduos, da família ou da sociedade. Eles acreditam que as famílias atingem o equilíbrio por meio da colaboração e que a mãe e o pai precisam de oportunidades iguais para influenciar nas decisões, compartilhar as responsabilidades e ter acesso aos recursos familiares e sociais.

Dentre as várias transformações, que vêm ocorrendo no cenário social e que incidem sobre a dinâmica familiar, está o acesso das mulheres ao mundo do trabalho fora de casa; este se tornou uma revolução no início do século XX, teve sua importância reconhecida na virada do mesmo século e deu início a tentativas de equilíbrio de poder entre os gêneros. Para Nathalie Itaboraí, o trabalho feminino tem sido associado como causa ou condição para as mudanças em curso nas condições de gênero e até no formato das famílias; ele “representa maior poder de barganha na relação familiar” (ITABORAÍ, 2002, p. 2).

Existem dúvidas sobre os benefícios do trabalho feminino, uma vez que ele concorre ou acumula-se com outras atividades familiares e domésticas. Izabel Possatti e Mardônio Dias (2002) realizaram uma pesquisa sobre os fatores que colaboram para o bem estar psicológico da mulher que desempenha um trabalho pago e, ao mesmo tempo, o papel de mãe. Encontraram como resultado um bom índice de bem estar psicológico; as recompensas nos papéis de mãe e trabalhadora

foram maiores que as preocupações. O fator que mais explicou o bem estar psicológico foi uma recompensa advinda do trabalho: o fator poder de decisão (autonomia, estimulação, desafio, possibilidade de ajudar e ajuste do trabalho a necessidades e interesses). Embora as recompensas advindas do papel de mãe tenham sido mais elevadas, elas também representam preocupação constante, desta forma, para tal estudo, não fazendo parte da explicação para o índice de bem estar psicológico. Para os autores, a possibilidade de vivenciar o poder de decisão promove uma auto-estima elevada, como também o senso de domínio do ambiente, que permite que a pessoa veja-se como um ser capaz de atuar sobre a sua vida, criando as condições, modificando-as e controlando-as.

Pode-se concluir que a saída da mulher para o trabalho pode proporcionar a ela a posse de si mesma; pode ajudá-la a experimentar a autonomia, colocando-a em condição de maior igualdade financeira que o homem e, conseqüentemente, melhor distribuição de poder na relação. Ela amplia seus horizontes e aumenta sua rede de amizades, e tais fatores podem levar ao bem estar psicológico. Não se pode esquecer, no entanto, das diversidades da realidade do trabalho feminino e de que são as mulheres com nível superior que conquistam espaço no mercado de trabalho com condições adequadas para obter satisfação; essa pode não ser a realidade das classes sociais mais baixas.

A saída das mulheres para o trabalho proporcionou um pouco de abertura ao papel da mulher/mãe/cuidadora, mas esse trabalho, no início, só tinha condição de ocorrer se houvesse impossibilidade do provedor. Só quando começaram os questionamentos quanto à satisfação pessoal, ao direito à escolha individual, ou seja, quanto à mulher ser vista como pessoa além de mãe, é que o trabalho da mulher trouxe as questões de gênero para dentro da família, com as tentativas de divisão de tarefas e os conflitos de culpa para a mulher. Assim, uma mudança real no modelo tradicional de mãe começou a acontecer, e o trabalho passou a ser uma questão de escolha também do gênero feminino.

Adriana Wagner e colaboradores (2005) realizaram uma pesquisa, buscando conhecer a divisão das tarefas educativas desempenhadas pelo pai e pela mãe, em famílias de nível sócio-econômico médio, com filhos em idade escolar. Foram entrevistadas cem famílias, e encontrou-se, como resultado, a distribuição delas em dois grupos, cada um com mais ou menos cinquenta por cento. No grupo I, a mãe caracterizou-se como a principal responsável; no grupo II, havia uma

distribuição mais igualitária das tarefas entre pai e mãe. Neste, das oito tarefas, seis são divididas e duas, que se referem à nutrição e ao acompanhamento do cotidiano do filho, são das mulheres, mesmo daquelas que trabalham fora e têm participação semelhante ao marido no sustento dos filhos. No estudo, é possível constatar que, embora sejam evidentes as mudanças e a evolução das famílias de nível médio quanto à divisão de tarefas, há coexistência do modelo tradicional e variações dos novos modelos, numa evidente fase de transição. As mães ainda se colocam, em algum grau, na função prioritária de cuidadoras, e seus trabalhos são sentidos como secundários; os pais ainda resistem, em algum grau, a assumir as funções de cuidado e colocam o prover ainda como sua prioridade.

Se os pais conseguem enfrentar suas questões de gênero frente às exigências do novo modelo de pai e mãe e, dessa forma, compartilham os cuidados com a criança, a parentalidade pode ser realmente um motivo de aproximação do casal. Jamais um casal pode se sentir tão unido quanto ao cuidar junto de um filho; a cumplicidade que se desenvolve quando ambos os pais estão atentos à criança é algo incomparável. As questões de maternidade e paternidade fazem com que o casal conheça a si mesmo num grau que antes não era possível. Assim, o que pode também ser objeto de pesquisa é a relação entre: o pai estar mais envolvido nos cuidados com o filho e a mãe sentir-se mais disposta a afastar-se do papel materno, com mais sobra de tempo e energia para o relacionamento conjugal; então, os filhos em vez de afastar, podem aproximar o casal.

Para Joan Peters (1999), conforme os papéis dos cônjuges divergem com a chegada dos filhos (a mãe sendo a cuidadora e o pai, o provedor, isolados nas posições tradicionais de gênero), mais o casal distancia-se, quebrando os laços de amizade, igualdade e companheirismo que antes existiam. Com isso, não se afirma que os cuidados parentais compartilhados são a solução para os casais, mas que as pessoas estão mais unidas e menos propensas a culpar-se devido às inúmeras situações novas que surgem com o nascimento de um filho, podendo lidar melhor com elas.

Com a mulher saindo para o trabalho, e continuando envolvida com os filhos, e o homem profundamente envolvido com os filhos, e continuando com seu trabalho, têm-se, na prática, as atitudes da parentalidade aqui chamada de compartilhada. Nela, o casal tem trabalho remunerado, ao mesmo tempo em que ambos se preocupam com a manutenção da vida afetiva e familiar, o que é diferente

do modelo tradicional. É a demonstração de interesse nas atitudes de partilha e igualdade que rompe com padrões tradicionais de família e com algumas diferenças de gênero como pais.

Na prática, o que se encontram são graus muito variados de envolvimento do pai e da mãe nos cuidados com os filhos e, principalmente, na responsabilidade por tais cuidados.

Peters (1999), no seu estudo com casais americanos que representam este modelo, aqui chamado parentalidade compartilhada, conclui que apesar de todos os pais estarem profundamente envolvidos com seus filhos, nenhum deles parecia exercer a paternidade tão intensamente quanto as esposas pareciam fazê-lo com a maternidade. Outra pesquisadora, Diane Eherenshaft, num vasto estudo sobre o assunto, aponta que um quarto das tarefas com o filho são feitas somente pela mãe e conclui: "as mulheres 'são' mães, enquanto os homens 'fazem' o papel materno" (EHERENSAFT, 1978, p. 96). Ela observou que os homens arranjam tempo voluntário para os cuidados com os filhos; a maioria deles, porém, não pensa mais a respeito do assunto quando está de folga, tem limites mais claros e pode afastá-los sem culpa, deixá-los chorar, mesmo quando são pais amorosos.

Considerando a época dessas pesquisas, talvez também se encontrem, hoje em dia, resultados semelhantes, mostrando que as mudanças não foram tantas. Observando um casal de pais na sala de espera de um consultório médico, constatou-se: enquanto a mãe entretinha as três crianças, o pai pegou uma revista para ler; quando o pai ficou sozinho com duas das crianças e a menor, de um ano e meio, aproximadamente, começou a chamar pela mãe, ele acalmou a criança, brincando com ela; porém, logo que ela distraiu-se na brincadeira, ele pegou novamente a revista e "desligou-se", tanto que a criança ia saindo pela porta do consultório quando a secretária o chamou.

No Brasil, pesquisas como as de Rosane Mantilla de Souza (1994) e Valéria Meirelles (2001), em entrevistas com pais e mães que dividem a parentalidade, encontraram resultados que demonstram que os homens participam mais ativamente dos cuidados com os filhos; porém, a responsabilidade por esse cuidado ainda é considerada da mulher, por elas mesmas e pelos homens.

Com essas observações, pode-se perceber o que Figueira (1986) afirma quando diz que o arcaico e o moderno ainda convivem nas questões da família atual e que os casais, embora compartilhando os cuidados com a prole, conseguem um

grau de igualdade e democracia muito variável, repetindo, muitas vezes, os padrões tradicionais de gênero. Levner parece concordar, quando afirma: “apesar das dramáticas mudanças no conteúdo e na estrutura da vida familiar, durante os últimos 30 anos, a dinâmica verdadeira dos relacionamentos heterossexuais parece ter mudado muito pouco” (LEVNER, 2002, p. 41).

A autora baseia-se na observação de que os casais continuam a viver seus relacionamentos em termos da divisão tradicional de papéis de acordo com o gênero e de que isso limita tanto o homem como a mulher. Refere-se, principalmente, à crença de que ele não tem capacidade emocional suficiente para se responsabilizar pelo relacionamento e pela família e teme a intimidade, enquanto ela tem a capacidade e responsabiliza-se por administrar os relacionamentos e encorajar os vínculos afetivos na família. Essa divisão faz com que o homem sinta-se incompetente e a mulher desapontada nos relacionamentos. Ela sugere a mudança do conceito de “família com dois profissionais” para o novo conceito de “família de tripla jornada”; a terceira jornada é a vida familiar, desempenhada pelos dois. Isso inclui uma mudança de valores: a vida doméstica e a profissional têm igual valor e exigem que “homens e mulheres possuam tanto o território instrumental de uma profissão, quanto o território relacional de uma família” (LEVNER, 2002, p. 41). Esse modelo, ou conceito de família, está em concordância com a definição, aqui utilizada de parentalidade compartilhada.

Com todos esses exemplos, pode-se ter a certeza de que mudanças estão ocorrendo e que a distribuição mais igualitária de tarefas de cuidado entre o homem e a mulher é uma realidade; porém, ainda resquícios dos papéis tradicionais de gênero interpõem-se no dia a dia dos casais. Observando uma conversa entre três jovens casais, entre 22 e 25 anos, sobre o envolvimento do homem nas tarefas de casa, um deles coloca: “Eu não me imagino fazendo um comentário sobre a roupa precisar ficar de molho antes de lavar, isso é coisa de gay”. Parece que as diferenças ainda são marcadas e o que é próprio de homem e de mulher impõe-se nos modelos definidos pela sociedade.

É possível refletir sobre como os casais estão negociando suas regras de convivência (quem toma as decisões, quem é responsável pelo quê), e a resposta para essas questões parece passar pelos modelos impostos pela sociedade, nos quais ainda aparecem as desigualdades e as diferenças de poder entre os gêneros.

Num estudo realizado por Maria Lúcia Garcia (2001), sobre as estratégias de enfrentamento usadas por mulheres casadas, verificou-se que a maioria delas usa variações de formas diretas e indiretas de enfrentamento, enquanto os homens, em sua maioria, usam formas diretas de enfrentamento. As formas indiretas foram consideradas, pelas mulheres, como esperteza no trato com o parceiro; em contrapartida, a forma direta dos homens foi considerada como intolerância e impaciência. Parece que, ainda hoje, o modelo social de fragilidade da mulher e de maior poder do homem repete-se, em algum grau, nas relações.

Isso faz lembrar a letra da música *Dom de Iludir*, de Caetano Veloso (1982); frente à superioridade masculina, só resta à mulher a alternativa da mentira: “Não me venha falar da malícia de toda mulher... você está, você é, você faz, você quer, você tem... Como pode querer que a mulher vá viver sem mentir.” Essa composição veio em resposta a um poema-canção, *Para que Mentir?*, de Noel Rosa, escrito em 1934 (GOGLIANO; ROSA, 1991), no qual aparece, com maior força, devido à época, a superioridade masculina e a diminuição da mulher: “Pra que mentir, se tu **ainda** não tens a malícia de **toda** mulher?” Pode-se ver aí uma evolução da consciência da desigualdade de gênero, de uma canção para outra, representando o momento histórico de transformação, dentro de um contexto específico de poesia e música no Brasil.

Segundo Souza (1994), o gênero é uma construção sócio-histórica; a masculinidade e a feminilidade não existem “per se” mas, somente, em relação a um contexto.

Dessa forma, a transformação da parentalidade ocorre paralela à transformação da sociedade, pois o modelo de homem é fruto do sistema social e por ele mantido. Com o comportamento competitivo, a busca de ter, o patrimônio como garantia de sucesso, o homem reflete os valores do sistema capitalista e, por isso, a transformação é lenta, pois depende de uma transformação, na sociedade como um todo, para valores mais democratas e igualitários.

As mulheres vivenciam mais insatisfação com os papéis e com as limitações do conceito tradicional de gênero; os homens estão cada vez mais conscientes do preço que pagam por serem os provedores e limitarem-se aos papéis estabelecidos pelos antigos conceitos de gênero.

Assim, algumas características socialmente relacionadas ao gênero, masculino e feminino, precisam ser questionadas, a fim de que ocorra a mudança

para uma relação mais igualitária e para o desempenho de uma parentalidade compartilhada e, portanto, estabeleça-se uma maior democratização nas relações. A seguir, discutem-se algumas características que dificultam essa transformação.

Para Sócrates Nolasco (1993), em menos de cinquenta anos, mudou radicalmente o que se espera do pai, distanciando-se de um modelo que se tornou obsoleto, para outro considerado novo, em que os comportamentos esperados são outros. Ele usa a expressão “novo pai” e “novo homem”, dizendo que muito do novo homem passa pela nova paternidade.

Daquele pai provedor e, supostamente, distanciado afetivamente dos filhos, salta-se para um modelo de pai ao qual se acrescentam adjetivos de “pai herói”, “pai protetor”, numa imagem endeusada, que não deixa espaço para sentimentos ambíguos frente à nova postura proposta. Então, criou-se uma exigência inalcançável: que o homem, acostumado a não poder falhar, mais uma vez abafou seus sentimentos para poder cumprir o novo papel; dessa forma, tornou a verdadeira proximidade impossível.

Uma das principais características associadas ao gênero masculino a ser enfrentada, diante da nova postura de pai, é a lida com os sentimentos; isso, até então, pertencia a uma esfera muito feminina.

Muitos sentimentos estão em ebulição frente à paternidade; alguns deles são muito contraditórios e difíceis de serem enfrentados, principalmente para quem não está habituado a olhar para dentro de si mesmo. Uma primeira dificuldade a ser vencida, no novo modelo de pai, é o enfrentamento da dor causada pela confirmação, na relação mais próxima com o filho, da falta do seu próprio pai, da tristeza por não ter sido criado com intimidade. “O homem padece no isolamento de quem deseja amar e ser amado e não sabe como fazê-lo” (NOLASCO, 1993, p. 152). O pai da atualidade vem, geralmente, de uma relação com seu pai enrijecida pelos modelos tradicionais de masculinidade, nos quais a expressão de afeto não cabia, e precisa aprender de outra forma; não pela identificação com o próprio pai, mas através de repetidas experiências cotidianas de intimidade e encontro.

Aguinaldo Gomes e Vera Resende realizaram uma pesquisa com pais, chamados, por eles, de contemporâneos, isto é, “o pai que transita entre valores novos e arcaicos” (GOMES; RESENDE, 2004, p. 2), com o objetivo de compreender o processo que o leva a construir a sua subjetividade de pai e a instrumentar-se para enfrentar novas demandas. Na investigação da família de origem desses pais,

encontrou como resultado o reconhecimento de um modelo de pai com muita dificuldade de deixar fluir e circular o afeto, o que levou os pais contemporâneos a desejarem ser pais diferentes e idealizados, resistindo ao papel de pai que sempre lhes foi imposto culturalmente. Os entrevistados admitiram que a identidade masculina não pode ser atrelada a valores que negam ao homem o direito de sentir e de emocionar-se, como também estão dispostos a confrontar tais imposições. Para o autor, não há uma construção linear de paternidade.

O modelo tradicional de paternidade vai, progressivamente, desarticulando-se, conforme o homem, ao se tornar pai, permitir-se reviver neste papel a relação com o pai da infância, ressignificar sua experiência e perceber o encontro de seus sentimentos antigos com os atuais. (GOMES; RESENDE, 2004, p. 6)

Pode-se observar, nessa pesquisa, a importância de refletir sobre a história e ultrapassá-la; mesmo sem ter um modelo a seguir, criar o próprio modelo de ser pai, mais humano e mais afastado do conceito tradicional de gênero masculino.

Outra questão de gênero a ser levada em conta, frente à paternidade, vem da dificuldade masculina de lidar com a perda da individualidade. Como os filhos invadem seus limites, os homens sentem-se sufocados, com a sensação de que os filhos estão próximos demais, como se expressa Peters (1999, p. 167) “Em razão dos filhos obscurecerem os limites da individualidade, os homens, muito atentos aos seus limites, sentem-se ‘claustrofóbicos’ ao estar com eles”.

As crianças, principalmente as pequenas, precisam ser cortejadas e não respondem socialmente, a qualquer apelo, com a prontidão de um adulto. Muitas vezes, os homens sentem-se constrangidos, ao ter de fazer a corte, e têm muito medo de precisar de uma resposta, mas não poder contar com ela; isso poderia estar ligado ao padrão masculino tradicional de temer o fracasso ou a incompetência.

Além disso, no encontro com a criança pequena, pode aparecer uma sensação de infantilidade ou uma postura muito feminina; tais sentimentos, às vezes, são profundamente temidos pelos homens.

O que os homens sabem fazer nessas situações é evitar tais sentimentos dolorosos e conflituosos. Segundo Peters (1999), muitas vezes, eles não percebem tais sentimentos como medo, dor, tristeza, vergonha, que são mais profundos; eles apenas se sentem chateados, não sabem o que fazer e desistem da proximidade.

O modelo social tradicional de pai pode estar atrelado a virilidade e macheza, adjetivos que, geralmente, estão ligados ao gênero masculino tradicional em nossa cultura. Virilidade, porque um filho é a confirmação de ser homem, e macheza, porque os comportamentos de pai estão ligados a poder, autoridade e até violência; esses precisam ser cumpridos, com receio do homem ser desvalorizado e colocar em dúvida sua masculinidade. Então, os modelos de paternidade são construídos socialmente; não é algo que vem do interior do homem, mas é um modelo que está tão grudado a ele, do qual não se apercebe, que acaba sendo um peso que carrega. Cada homem lida melhor ou pior com isso.

É uma noção de paternidade que se assemelha à função de um chefe, patrão, que está ali para fazer valer seu ponto de vista. Sua autoridade está ligada à obrigatoriedade e é mais uma área na qual o homem deve demonstrar competência, força, poder. É preciso desvincular paternidade da obrigatoriedade para que o homem não apenas cumpra papéis, mas possa se deparar com a gama de sentimentos que essa paternidade proporciona. Sem entrar em contato com os sentimentos, torna-se difícil criar proximidade e intimidade. Lidando com as questões de gênero frente à paternidade, o homem tem a chance de viver o que não viveu.

Para Nolasco, o “novo homem” e o “novo pai” não devem ser a antítese do antigo: aquele que não chorava agora chora; o que tinha de ser forte agora pode ser frágil; dessa forma, o antigo continua na sua base, e o modelo continua vindo de fora do homem. É necessária, pois, uma integração do que o homem pensa com o que ele sente e faz, num projeto de individuação. A transformação masculina “passa pelo resgate de suas identidades no que nelas existe de humano. Uma identidade tecida a partir da sintonia com eles mesmos e aberta às necessidades do outro” (NOLASCO, 1993, p. 179).

Algumas das características tradicionais do gênero masculino, aqui levantadas, tais como: dificuldade de lidar com os sentimentos, necessidade de ser competente, tendência à individualidade e dificuldade de entrar em contato consigo mesmo podem se tornar dificultadores para o desempenho da parentalidade compartilhada.

Para as mães, as características do gênero feminino que interferem na parentalidade compartilhada são opostas às do homem. No modelo tradicional, enquanto os homens temem e fogem da proximidade com os filhos, as mulheres envolvem-se muito, numa complementaridade. O modelo materno que a cultura

ensinou às mulheres é de cuidar da família; a maternidade acaba sendo uma vocação, um papel que, provavelmente, foi passado de mãe para filha; as mães não conseguem conter a si mesmas para cumprir esse papel. “Administrar os filhos e o lar é um reflexo da maioria das mulheres, mais automático que se arrumar”. (PETERS, 1999, p. 116). A maternidade pode acabar sendo um jeito de ser no mundo; assim, algumas mulheres condicionam a sua aprovação social ao comportamento dos filhos, pela roupa limpa e pelo cabelo penteado, e a auto-imagem de uma mãe fica ligada à imagem de seu filho.

Uma questão de gênero ligada à maternidade é a existência de um “instinto materno” como uma característica das mulheres; tal instinto é, para este estudo, socialmente construído, assim como o de pai provedor. Para Badinter, existia uma contestação sobre a predominância do biológico nas questões de maternidade e paternidade:

...com a fecundação em vitro, e outros métodos, implica uma nova concepção de maternidade. A verdadeira mãe não seria tanto aquela que lega seu material genético, gesta o filho e dá a luz, mas aquela que o educa e concede-lhe seu amor. Quanto mais os imperativos da natureza recuarem, mais o conceito de maternidade se aproximará daquele de paternidade. (BADINTER, 1986, p. 253)

Essa colocação expressa o desafio do movimento feminista pela igualdade; enquanto fica-se preso às diferenças da natureza, mais elas servem de motivo para diferenciar papéis e funções. Hoje, é com muita preocupação que Badinter vê um movimento para o retorno da concepção de instinto materno, com uma tendência a elevar as diferenças biológicas entre os sexos.

...o retorno do biológico, após mais de dez anos (sem oposição por parte do feminismo), torna difícil, se não impossível, a marcha para a igualdade. Não se pode, ao mesmo tempo, invocar o instinto maternal e ter a esperança de implicar mais os homens na educação dos filhos e na gestão do cotidiano. (BADINTER, 2005, p.160)

Em função desse modelo de mãe, ao contrário dos homens, o que as mulheres mais precisam é de individualidade; na postura de cuidadoras, de administradoras de lares e possuidoras de instinto materno, elas afastam-se de si mesmas. Para Peters, as mães administradoras de lares perdem-se nos detalhes do cotidiano; os detalhes da vida cotidiana dos filhos distorcem seus julgamentos e seu amor próprio; eles, literalmente, tiram as mães do mundo, “os detalhes envolvem-

nas tão intensamente que o resto de sua identidade pode ficar submerso”. (PETERS, 1999, p. 114). A autora ainda afirma que, ironicamente, ao contrário, quando os filhos são apenas uma parte da vida das mães, e não o seu centro; eles empurram-na para o mundo, motivando-a e abrindo caminhos. Ela argumenta que as mães que não ficam o tempo todo à disposição de seus filhos beneficiam a criança; esta se torna mais autoconfiante, e não tem que lidar com uma mãe, por vezes, superenvolvida, estressada ou ressentida.

Concordando com esse pensamento, acredita-se que, na parentalidade compartilhada, o fato de distribuir o papel materno tradicional com outras pessoas beneficia as crianças; elas aprendem a confiar em vários adultos, e não apenas em um, sem ficar sufocadas com as atenções de alguém, para quem a maternidade é uma vocação.

As crianças são, naturalmente, ambivalentes: uma parte delas quer toda atenção para si e outra parte quer que sua mãe integre-se ao mundo. Elas orgulham-se de suas mães trabalharem; as mães que mostram que amam seus filhos, mas também amam seus trabalhos, receberão, em algum momento, a confirmação de que as crianças estão contentes por ela trabalhar. Se a mãe tiver sua individualidade, dá permissão aos filhos de também desenvolver a sua; se ela faz o que é certo para si, também dá modelo para que os filhos façam o que é certo para eles, e não somente o que se quer para eles, promovendo a diferenciação.

Com tudo isso, o que se deseja é mostrar a dificuldade ainda atual da mulher em dividir-se entre a maternidade e os projetos de vida pessoal. Badinter acredita estar ocorrendo uma regressão: a supervalorização da maternidade, devido à retomada do instinto materno, valoriza as diferenças biológicas que não são propícias à emancipação feminina. “Como pôr fim à desigualdade dos salários e das funções se, desde o início, atribui-se à mulher um instinto que a predispõe a ficar em casa?” (BADINTER, 2005, p. 169).

As dificuldades, referentes às características do gênero feminino, que as mulheres precisam vencer para desempenhar a parentalidade compartilhada estão ligadas a desvestir-se do papel integral de cuidadoras e administradoras de lares e buscar maior individualidade e outras realizações pessoais. Dessa forma, abrir espaço para o homem envolver-se mais como pai também cuidador e dividir com ela a parentalidade.

No entanto, mesmo os pais que se propõem a desempenhar este modelo de parentalidade compartilhada, além de dividirem entre si os cuidados com a criança, precisam conseguir inserir uma rede de apoio. É importante abrir a família para incluir a família extensa, na figura de avós ou outros parentes próximos, como também contar com uma escola de educação infantil, com uma prestadora de serviços confiável, com amigos e vizinhos, com pessoas que amem a criança e possam cuidar dela com regularidade. A mãe que sabe que outras pessoas estão sendo responsáveis por seu filho pode fazer outra atividade com menos culpa e ansiedade; essa é, realmente, uma grande modificação no modelo tradicional de maternidade.

Com base nas dificuldades que homens e mulheres precisam enfrentar, (impostas, por muito tempo, como próprias de cada gênero), afirma-se que é possível, apesar das diferenças, aproximar os interesses e indiferenciar os papéis e que esse é um caminho para a igualdade entre os sexos.

Assim, acredita-se que, vencidas as dificuldades quanto aos padrões de gênero enfrentadas pelo homem e pela mulher e aproximando-se do modelo de parentalidade compartilhada, fica-se diante de uma tentativa de democratização das relações, que colabora para um relacionamento familiar em que todos têm a ganhar. O homem, concordando-se com Nolasco (1993), ganha ao sair do isolamento de quem deseja amar e ser amado. A mulher, concordando-se com a preocupação de Peters (1999), ganha maior autonomia e identidade quanto aos perigos da vocação de ser mãe. O casal ganha em proximidade e intimidade e na construção de relações mais igualitárias, nas quais as diferenças entre os sexos existem, mas não determinam funções e papéis, conforme Badinter (2005). E as crianças? Estas ganham por terem pais mais satisfeitos e inteiros.

Embora, tendo-se consciência de que existe uma ampla variação no grau em que os casais compartilham a parentalidade, acredita-se que, cada vez mais, esse modelo é necessário nos tempos atuais. Por isso, justifica-se aprofundar essa área de conhecimento, neste estudo, buscando-se o que colaborou para facilitar a postura de compartilhar a parentalidade, no legado intergeracional.

CAPÍTULO 3

A FAMÍLIA COMO SISTEMA

...estou convicta de que não é a ciência que vai promover mudanças. Cada um de nós, ao mudar seu paradigma, é que se constituirá como um foco de possíveis e significativas transformações. (Maria José Esteves de Vasconcelos)

Quando a família passou a ser vista como um sistema, ou seja, um conjunto de componentes em estado de interação, ampliou-se o conceito de família para uma área nova. Desde a década de 50, esse conceito vem se desenvolvendo, baseado na Teoria Geral dos Sistemas, de Bertalanffy, e na Cibernética, de Wiener, as quais Maria José Vasconcelos (2002) chama de vertentes teóricas da “ciência dos sistemas”; ela afirma que a origem dos conceitos sistêmicos vem do entrelaçamento destas duas teorias. Foi o antropólogo Bateson (1986) que, no início da década de 50, aproximou a Teoria Geral dos Sistemas e a Cibernética, desenvolvidas paralelamente, e aplicou seus princípios à família, direcionando o trabalho terapêutico para um campo novo e rico.

De acordo com tais teorias, a família é um **sistema aberto**, que interage com o meio ambiente, estabelecendo troca de matéria, energia e informação; os membros da família estabelecem uma relação com o meio ambiente de complementaridade com as suas necessidades: os pais trabalham, os filhos vão à escola, existe interação com a empresa e com a instituição educativa.

Definindo-se sistema como um complexo de elementos em interação (BERTALANFFY, 1977), a existência de interação ou de relação entre os componentes e entre estes e o ambiente é, então, um aspecto central que identifica a existência do sistema como entidade. Desse modo, para compreender o comportamento das partes, torna-se indispensável levar em consideração as relações. As relações são o que dá coesão ao sistema todo, conferindo-lhe um caráter de **totalidade** ou **globalidade**, uma das características definidoras do sistema.

O todo de um sistema, para ser compreendido, tem que ser observado através de sua globalidade. Não é possível imaginar que se pode conhecer uma família a partir do conhecimento das características individuais de cada membro.

Bertalanffy⁵ (citado por NICHOLS e SCHWARTZ, 1998, p. 90) foi pioneiro na idéia de que um sistema era mais que a soma de suas partes: “Quando as coisas são organizadas num padrão, algo emerge do padrão, e do relacionamento das partes dentro dele, que é maior ou diferente”. Assim, Bertalanffy transmitiu a importância de se concentrar no padrão de relacionamento dentro do sistema ou entre os sistemas, e não na substância de suas partes.

A família pode ser vista como um todo constituído de partes que interagem de forma específica. Cada membro de uma família possui tendência à autonomia e à integração. Se for analisada a família como um sistema, consideram-se os indivíduos como **subsistemas**. O indivíduo mantém sua individualidade, ao mesmo tempo em que pertence a um grupo, no qual é uma das partes integrantes. Pode-se observar vários subsistemas na família: subsistema conjugal (formado pelo marido e pela esposa), subsistema fraternal (formado pelos filhos), subsistema dos homens (formado pelo pai e os filhos homens), e o mesmo indivíduo pode pertencer a mais de um subsistema. O contexto no qual uma família está inserida chama-se **supra-sistema**. Por exemplo, a cidade de Curitiba.

Costuma-se dizer que a natureza constitui-se de sistemas dentro de sistemas. Tanto os subsistemas dentro de sistemas, quanto o sistema em relação aos outros sistemas com os quais interage, necessitam de **fronteiras** para proteger sua diferenciação e coesão. Portanto, como os muros de uma casa podem ser as fronteiras que definem seus limites, a família e os subsistemas são delimitados por fronteiras, para que não haja invasão de outros sistemas. Quando o casal une-se, precisa de fronteiras para fortalecer a sua relação, deixando a família de origem e os amigos com limites de aproximação. As fronteiras são, pois, necessárias para a proteção e a manutenção da integridade do sistema. Para que possam funcionar, as fronteiras devem ser nítidas e flexíveis, permitindo trocas com o meio, bem como sua modificação quando necessário. As fronteiras precisam manter a coesão e, ao mesmo tempo, permitir a entrada do novo para haver crescimento. O risco da disfuncionabilidade das fronteiras vai da perda da identidade pelo excesso de

⁵ BERTALANFFY, L. von. **General system theory**. New York, USA: George Braziller, 1968.

invasão até a impossibilidade de crescimento e desenvolvimento pela falta de entrada de novas informações.

O desafio dos pais que compartilham a parentalidade é, portanto, conseguir manter uma fronteira nítida e flexível ao redor do subsistema conjugal, uma vez que, ambos trabalhando e sendo pais participativos, podem facilmente invadir o subsistema conjugal com as funções do subsistema parental.

Observando o modo pelo qual os sistemas interagem, percebe-se que um sistema é uma estrutura organizada em níveis, hierarquicamente. Quaisquer sistemas, desde uma colmeia até a rede elétrica de uma cidade, são organizados de forma hierárquica, sem que isso signifique que os elementos tenham maior ou menor importância dentro do sistema; os elementos têm, sim, funções diferenciadas, todas necessárias para o funcionamento do sistema. Basta se imaginar a falta que faz a limpeza pública para uma cidade.

Tal organização é comandada por um **código de regras** que rege o funcionamento de qualquer elemento do sistema, e do sistema com um todo, e que é definido pelo **subsistema decisório**. Numa família, é esperado que o subsistema decisório seja composto pelo pai e pela mãe; na maioria das culturas, cabe aos pais a função de cuidar, educar, proteger e, até certo ponto, dirigir os rumos da vida dos filhos. O código de regras, portanto, deveria ser definido pelos pais, incluindo-se as regras universais, que foram assimiladas através da cultura e passadas de geração em geração, e as regras específicas de cada família, as quais nascem dentro das necessidades e dos valores próprios daquela família. O código de regras define os comportamentos possíveis dentro do sistema; na família, cada membro passa a saber o que é esperado dele, até aonde pode ir e quais pressões irá sofrer para que retroceda.

Então, os sistemas funcionam como uma auto-regulagem, que procura manter o sistema coeso, com suas regras e dentro de suas fronteiras, mantendo uma estabilidade funcional, equilibrando o que o sistema importa e exporta do meio. A esta tendência dos sistemas, de buscar seu equilíbrio de forma auto-regulada, denomina-se **homeostase**. “A auto-regulação é também importante para garantir a estabilização do sistema, para corrigir os desvios em relação a um estado a ser mantido, ou seja, para a conservação da homeostase...” (VASCONCELOS, 2002, p. 221).

Na família, a tendência à homeostase confere-lhe identidade e continuidade, a medida em que se mantém fiel a determinados valores e padrões de interação que são próprios de sua história. Como se costuma dizer: “Na minha família é assim”.

Entretanto, um sistema precisa tanto da identidade e da homeostase, quanto estar aberto para novas aprendizagens, para poder crescer e desenvolver-se. A tendência do sistema em buscar as mudanças e adaptar-se às exigências do desenvolvimento chama-se **morfogênese**.

Vasconcelos (2002) usa o termo mecanismo morfogenético (morfo = forma), ou seja, um mecanismo que produz a gênese ou o nascimento de formas novas de funcionamento.

Tanto a homeostase, quanto a morfogênese são processos necessários à preservação e ao crescimento do sistema.

Encontra-se, na parentalidade compartilhada, a integração desses dois processos. É preciso mudar algumas regras sociais e, provavelmente, da família de origem, que separavam funções de pai e mãe, fazendo-se a morfogênese do sistema familiar para as novas exigências de uma sociedade na qual a mulher sai para o trabalho fora de casa. Por outro lado, espera-se que o casal de pais continue sendo o sistema decisório e mantenha a hierarquia em relação aos filhos, mantendo a homeostase do sistema familiar, já que, muito provavelmente, era essa a regra na família de origem.

Os processos de homeostase e morfogênese ocorrem através do **mecanismo de retroalimentação**, conceito que vem da Cibernética e significa receber informação sobre os resultados de seu desempenho passado e tornar-se capaz de ajustar sua conduta futura (VASCONCELOS, 2002). A **retroalimentação negativa** acontece quando o sistema ajusta sua conduta diminuindo o desvio; o adjetivo negativo refere-se ao efeito de reduzir a amplitude do desvio. A **retroalimentação positiva** acontece quando, ao contrário, a informação provoca o ajuste de conduta, ampliando ou acentuando o desvio em relação às regras que o caracterizavam.

Como visto, o **código de regras** de uma família define até onde os indivíduos podem ir, para continuar pertencendo àquela família; tal limite constitui o **umbral homeostático** e define os direitos e os deveres de cada indivíduo da família.

Quando o indivíduo está dentro do umbral homeostático, o sistema continua em equilíbrio e nada é alterado; porém, se ele quebra a regra e o umbral é

ultrapassado, o sistema pode recorrer a um mecanismo de retroalimentação negativa para fazer voltar à homeostase; se o indivíduo que quebrou a regra retrocede, o mecanismo funciona reduzindo o desvio da norma estabelecida. Se, ao contrário, o indivíduo resiste a retroceder, ocorre a desestabilização do sistema pela existência de mecanismos de retroalimentação positiva, que aumentam o desvio do umbral homeostático, levando à morfogênese. O que pode ocorrer é imprevisível, mas uma mudança ocorrerá, na certa, podendo forçar o sistema a rever suas regras ou o indivíduo a ser expulso do sistema.

Pode-se pensar num exemplo de pais que compartilham a parentalidade: foi estabelecida a regra de o pai e a mãe alternarem a tarefa de arrumar o cabelo da filha para ir a escola; porém, o pai não tem muito jeito e, toda vez que ele arruma o cabelo, a mãe sofre críticas da professora como se ela fosse uma mãe relaxada. Enquanto ambos continuam arrumando o cabelo da filha, estão dentro do umbral homeostático; porém, quando a mãe, não suportando as críticas, passa a não deixar o pai arrumar o cabelo da filha, ultrapassa-se o umbral; por outro lado, se o pai volta à regra, ocorrem mecanismos de retroalimentação negativa que faz voltar à homeostase (ambos arrumam o cabelo da filha). No entanto, se a mãe, de fato, não agüenta as críticas e não aceita mais que o pai arrume o cabelo, ocorrem mecanismos de retroalimentação positivos que ultrapassam o umbral, levando à morfogênese, e o casal passa a rever a regra: no caso da ida à escola, o pai pode não pentear mais o cabelo da filha, pode fazer um curso de cabeleireiro, ou ambos podem tirar a filha da escola.

De qualquer forma, deve-se enfatizar que é a alternância entre homeostase e morfogênese que faz com que um sistema evolua e mantenha-se vivo, ao mesmo tempo em que mantém sua continuidade e identidade.

Foi relatado que a família é um sistema aberto e, assim, cabe a ela o **princípio da eqüifinalidade**, um dos conceitos considerados centrais na Teoria Geral dos Sistemas. Num sistema considerado fechado, os processos seguem um caminho fixo; o estado final do sistema é determinado pelas condições iniciais. Isso, no entanto, não é o que acontece nos sistemas abertos; neles, o mesmo estado final pode ser alcançado partindo-se de diferentes condições iniciais e por diferentes trajetos, e as mesmas condições iniciais podem levar a diferentes estados finais, dependendo dos processos interacionais presentes; a isso se chama eqüifinalidade.

No exemplo do pai pentear os cabelos da filha, uma condição inicial, como depende das interações entre todos os envolvidos, pode levar a diferentes estados finais, inclusive a cortar-se o cabelo da filha.

Voltando-se à idéia de que, na interação entre os membros de um sistema, as ações de todos influenciam e são influenciadas pelas demais, de modo que se torna impossível estabelecer qual foi o estímulo inicial, que causou determinado evento, defende-se uma **causalidade circular**. Os circuitos interacionais são circulares e seguem um modelo de influências recíprocas. Bateson (1986), nos anos 50, entrando em contato com a Cibernética, ficou interessado nos processos de retroalimentação dos sistemas e foi o pioneiro na mudança conceitual do modo de pensar os sistemas familiares: da mudança da causalidade linear – causa-efeito – para a causalidade circular. No modelo circular, procura-se abranger todas as variáveis que participam de um evento, além de incluir o próprio sujeito e suas reações no circuito.

Então, no exemplo do pai que penteava os cabelos da filha, é possível dizer que a professora, com suas críticas, foi a causa do conflito, ou que o pai foi a causa, por não saber pentear os cabelos; dessa forma, tem-se um modelo linear, em busca do “porquê”: o conflito surgiu porque a professora criticou ou porque o pai não sabe pentear os cabelos. No modelo circular, porém, está-se em busca de “como” o fenômeno ocorre, olhando-se a interação entre todos os envolvidos e como a reação de um influencia e é influenciada pela reação do outro. Assim, um constrangimento da mãe, ao levar a filha despenteada para a escola, abriu espaço para uma crítica da professora, que aumentou o embaraço da mãe, que transmitiu ao pai, fazendo com que ele não se sentisse validado em seus esforços e piorasse a situação do cabelo. Esta foi uma seqüência de observação escolhida, mas seria possível iniciar a seqüência em outro ponto: pelo pai que se sentia inseguro ao pentear a filha; aí, têm-se interações nas quais cada indivíduo é influenciado e influencia o outro.

Muitas são as conseqüências deste modelo de causalidade linear, mas uma das mais diretas é: ninguém consegue mais analisar os fatos que acontecem consigo apenas como vítimas de forças que não se podem controlar, mas sim se passa a buscar qual a sua contribuição para o acontecido.

A visão sistêmica traz mudanças no paradigma de como se faz uma leitura da realidade; não é só um modelo científico, mas uma proposta de postura perante a vida.

A Visão Sistêmica é complementada pela Cibernética de segunda ordem, que aplica os princípios da Cibernética no observador, apontando que o observador também é parte do sistema, influenciando e sendo influenciado por ele; questiona-se, então, a possibilidade de se conhecer objetivamente o mundo. Uma vez que a subjetividade do observador está presente, construindo uma realidade que ele observa, surge o construtivismo, o qual modifica, radicalmente, a visão de mundo objetivo e separado do observador. Segundo Michael Nichols e Richard Schwartz (1998), o observador não deveria considerar o que está vendo na família como coisas existentes nela; em vez disso, deveria compreender que o que está vendo é produto de suas suposições sobre as pessoas, as famílias e os problemas, e também de suas interações com a família.

Assim, as conseqüências de pensar a família como um sistema vão nortear o trabalho e a postura desta pesquisadora.

CAPÍTULO 4

FAMÍLIA, INTERGERACIONALIDADE E TRANSMISSÃO DE PADRÕES RELACIONAIS

...toda família transmite o seu modelo, mesmo aquelas que cuidam muito para não o fazer.
(Mony Elkaim)

Este estudo busca na família, ou seja, nas gerações anteriores, material de estudo que auxilie na construção de uma realidade sobre quais aspectos familiares facilitam a postura dos pais da atualidade que compartilham a parentalidade. Mony Elkaim (1996) refere-se a Bowen, Boszormenyi-Nagy e Andolfi como alguns dos primeiros autores de terapia familiar que incluíam a idéia de um olhar às gerações precedentes para ampliar o estudo e a compreensão dos fenômenos que ocorriam no presente da família. Os autores viam a família humana multigeracional como uma rede relacional que possui papel fundamental na vida do indivíduo; independente do tipo de família, ela sempre transmitirá seus modelos. As famílias repetem a si mesmas; o que acontece numa geração pode se repetir na seguinte, ou seja, as mesmas questões tendem a aparecer de geração em geração, apesar de a conduta atual ter formas variadas (MCGOLDRICK; GERSON, 1996).

Bowen (1991) chamou tais repetições de **transmissão multigeracional de pautas familiares**; dessa forma, dependendo do grau de maturidade e autonomia, cabe aos membros da família a grande tarefa de “passar na peneira” o que querem levar para suas vidas e o que querem modificar, diferenciando-se como seres humanos únicos e donos da sua história. A isso, Bowen chama de **diferenciação de self**.

O conceito de diferenciação de self, ou de si mesmo, relaciona-se com o grau de diferenciação emocional que uma pessoa vai tendo na ligação com seus pais. A criança separa-se, fisicamente, da mãe no momento em que nasce; porém, leva uma vida toda para conseguir graus de separação emocional que levam a uma diferenciação, a um eu separado de seus pais, a uma autonomia. Para Bowen (1991), a diferenciação depende de vários fatores: inicialmente, da capacidade da mãe permitir que o filho cresça separado dela, também dependendo do grau de

diferenciação que a mãe conseguiu de seus próprios pais; depois, da natureza da relação com o marido, com outras pessoas significativas; por último, de sua capacidade para suportar tensões. O envolvimento emocional com o pai depende da relação do casal, da maturidade dos adultos e da existência de espaço para a criança apegar-se, emocionalmente, a outra pessoa.

Essa visão aponta a influência da família de origem e a importância de compartilhar a criança entre os pais como caminhos para facilitar a diferenciação. O tempo poderá mostrar se os pais atuais, que têm como premissa básica compartilhar as tarefas e o envolvimento com o filho, ajudam a produzir crianças que podem se tornar adultos com maior diferenciação. Esta é uma área na qual se necessita de pesquisas.

O conceito fundamental da teoria de Bowen (1991) é o de **massa indiferenciada do eu da família**; trata-se de uma identidade emocional aglutinada, como nas famílias aglutinadas de Salvador Minuchin (1988), na qual o indivíduo está comprometido emocionalmente, sem possibilidade de autonomia. A família deveria propiciar o pertencimento e a diferenciação; porém, nas famílias aglutinadas, pertencer significa ser igual, uma massa indiferenciada, sem possibilidade de auto-expressão e desenvolvimento de individualidades. No entanto, os indivíduos não se diferenciam igualmente, no mesmo grau; ao contrário, atingem diferentes estágios de diferenciação e, sob intensa tensão, podem regredir a estágios de menor diferenciação.

Bowen (1991) propõe uma **escala de diferenciação do self**, que vai de zero a cem, dividida em quatro quadrantes. No primeiro quadrante, está a não-diferenciação ou não-self, ou seja, um grau profundo de fusão do eu na família; no outro extremo da escala, estão as pessoas diferenciadas. Entre as pessoas que se encontram no último quadrante, encontram-se aquelas que: seguem seus princípios; orientam-se por si mesmas; estão seguras de suas opiniões e convicções, e não se deixam influenciar ou dominar; não são rígidas, pois estão abertas a se liberar de velhas crenças para abraçar outras novas. São pessoas com alto grau de diferenciação e, portanto, podem rever modelos aprendidos na família de origem, ultrapassar uma época e desempenhar as necessidades dos novos modelos de parentalidade. Sendo assim, a diferenciação é um fator de suma importância a ser observado, na repetição ou na mudança de padrões aprendidos nas famílias.

Entretanto, não se pode pensar que as repetições vêm somente dos pais ou da família de origem, pois, segundo Cervený (2000), é no sistema familiar como um todo, incluindo as gerações passadas, que ocorre a transmissão dos padrões intergeracionais; esta transmissão pode pular uma geração, não necessariamente passando de geração em geração. Concordando com esta afirmação, quando se usa a visão sistêmica, inclui-se o contexto maior para compreender o que se passa com a família. Refere-se, pois, à etnia, como uma combinação de raça, religião e história cultural, aquilo que é transmitido pela família ao longo das gerações e reforçado pela comunidade que a cerca (MCGOLDRICK, 1995).

A etnia preenche uma profunda necessidade de identidade e continuidade histórica; são as tradições, os rituais que fazem com que o indivíduo sinta-se pertencendo a um grupo; muitas vezes, uma família apresenta características muito diferentes de outra, que fica difícil compreendê-la se não for colocado o foco na etnicidade. “...somos agora mais sensíveis à importância de conhecer algumas características do grupo étnico de que uma família descende, para não supormos que estão doentes simplesmente porque são diferentes.” (NICHOLS; SHWARTZ, 1998, p. 129).

Dessa forma, é preciso considerar a importância das origens, das tradições e dos valores culturais transmitidos pelas gerações dos pais da atualidade que influem, hora facilitando, hora dificultando, na condição de pais que compartilham a parentalidade a continuarem sentindo-se parte do grupo.

Muitas vezes, segundo Figueira (1986), o comportamento tem um conteúdo moderno, mas a imposição que lhe é colocada faz com que fique igual ao comportamento antigo, na forma, funcionando como reação, não permitindo uma verdadeira interiorização do novo.

Em se tratando da parentalidade compartilhada, que é um novo modelo e, como tal, é diferente do antigo, busca-se, essencialmente, a mudança das heranças ora recebidas da família, as quais estão diretamente ligadas às características dos pais que compartilham a parentalidade e que podem dificultar a mudança de sua postura frente às necessidades atuais. Se as famílias repetem os padrões aprendidos, também os podem modificar com as interações em que se envolvem e que podem ajudar a modificar ou manter as heranças.

Cervený aborda o antimodelo, ou seja, uma repetição que acontece pelo oposto do modelo recebido, mas que continua uma repetição porque tem o modelo

como referência: “a forma de repetição do antimodelo é tão rígida e determinante como a do próprio modelo e, não raro, de uma simetria que acaba lembrando o que se queria anular” (CERVENY, 2000, p. 53). Assim, uma mãe que teve como modelo de mãe uma pessoa que se envolveu com a maternidade em tempo integral, sem desenvolver um trabalho pessoal, pode, no antimodelo, apenas se envolver com o trabalho, não se desenvolvendo como mãe; o antimodelo não seria uma mudança de fato, mas o inversamente igual. Neste estudo, é preciso observar, com muito cuidado, como os modelos de pai e mãe estão sendo reconstruídos pelos pais atuais e se não estão caindo no antimodelo.

Os pais que cumpriram um modelo de pai provedor ou de mãe cuidadora podem criar uma expectativa de que o filho seja diferente deles; por exemplo, uma mãe que não teve uma profissão espera que a filha não seja só mãe, mas desenvolva-se profissionalmente. Muitas vezes, as expectativas antecedem o nascimento: as famílias já esperam que o filho seja menino ou menina, que se pareça com este ou com aquele, sem contar que venha com muita saúde; quando isso não acontece, ou mesmo se acontece, existe consequência para a história futura do indivíduo. Assim, “o que nos foi legado influência de maneira poderosa toda a nossa vida” (KROM, 2000, p. 16). É preciso assumir algum compromisso frente a tais expectativas, cumprindo os mandatos ou rebelando-se, e cada uma dessas posturas terá as suas consequências: um “sim” que se diga pode gerar muita raiva, por não se ter escolha; por outro lado, um “não” pode gerar muita culpa, pela decepção que pode causar.

As expectativas são mais claras e têm maior poder nos momentos nodais da história, ou nas passagens para novas fases do ciclo de vida da família, como no casamento, no nascimento de filhos, na escolha de profissão, na velhice e na morte, momentos em que, freqüentemente, surgem as “missões a cumprir”. Se os membros da família conseguem lidar com as expectativas, cumprindo sem sentir raiva ou não cumprindo sem sentir culpa, podem alcançar um grau melhor de diferenciação. Os pais, no momento de serem pais, são influenciados pela forma como lidaram com as expectativas que receberam e com as que estão recebendo no momento, a fim de conseguir, com maior ou menor facilidade, as mudanças necessárias para desempenhar a parentalidade compartilhada.

A família tem uma estrutura, na qual se podem reconhecer repetições entre as gerações; essa é a primeira informação aparente que se tem da família, ao olhar um genograma. Observar a estrutura de uma família pode dar, num primeiro momento, a composição da família: se é uma família nuclear intacta, ou uma família com só um dos pais, se teve separação ou morte, se um dos pais casou-se novamente, se é uma família em que três gerações vivem juntas, se inclui mais membros. Em cada uma das composições, pode-se ter questões a levantar: na família intacta, é possível ater-se a como está o casal e se há envolvimento de um filho na relação do casal, formando um triângulo; nas famílias com apenas um genitor, muitas são as questões quanto à participação daquele que não mora na casa, quanto ao envolvimento com a madrasta/padrasto ou com irmãos de segundos relacionamentos; se houve morte, a questão é como foi processado o luto; nas famílias em que três gerações vivem juntas, pode-se interessar em ver quem se ocupa das crianças, se existe possibilidade de privacidade e autonomia para todos os subsistemas, e o mesmo pode ser observado nas famílias que incluem membros como irmãs, tios, primos e filhos adotivos.

Num segundo momento da observação da estrutura familiar, é possível ater-se à constelação fraterna, ou seja, à influência que tem a posição do nascimento, a ordem em que a pessoa nasceu: se ela é o filho mais velho, o caçula, o do meio ou um filho único; cada uma dessas posições tem características próprias quanto ao cumprimento de expectativas, embora isso não seja uma regra.

Segundo McGoldrick e Gerson (1996), referindo-se ao trabalho de Walter Toman⁶ (1976), pode-se fazer algumas considerações. Do filho mais velho, espera-se que seja o melhor, o mais inteligente, mais responsável e que seja o mantenedor das tradições; o filho menor está sempre em perigo de ser o bebê mimado e mais fraco da família; o segundo filho sofre pressão de ambos os lados, luta para alcançar o irmão maior e teme que o irmão menor o alcance; o filho único está mais exposto a ser mimado e a que concentrem nele todas as expectativas. A diferença das idades entre os irmãos também deve ser observada: mais de seis anos de diferença é como se fosse primeiro filho novamente, ou filho único, pois os irmãos passam pelas etapas do desenvolvimento um de cada vez; filhos com idade mais próxima podem se unir mais, formando um subsistema.

⁶ TOMAN, W. **Family constellation**. 3. ed. New York, USA: Springer, 1976.

Muitas pessoas encaixam-se nessas descrições das características, conforme a posição de nascimento, mas outras não; por isso, não se pode tomar tal descrição como definitiva. Muitos outros fatores podem influenciar, alterando radicalmente a situação: mortes anteriores ou posteriores ao nascimento e situações específicas de cada família, como morte de um avô próxima do nascimento.

Finalmente, a posição do nascimento pode influir no casamento, na comunicação, na negociação de crises e na proximidade: aqueles que se casam com pessoas da mesma posição, filhos mais velhos, por exemplo, podem ter dificuldades em adaptar-se, competindo pelo poder na relação; aqueles que se casam em posição complementar, repetem, no casamento, a relação com os irmãos e podem ter mais facilidade, pois já conhecem a situação a ser vivida.

Num terceiro momento, ao observar a estrutura de uma família, é possível também perceber repetições de gerações com o mesmo tema: divórcios; mortes prematuras; primeiros filhos que não contraem casamento; famílias numerosas e outros. Pode-se observar, ainda, as diferenças nas composições das famílias dos cônjuges. Por exemplo, um dos cônjuges teve muitas separações em sua família de origem, isso se tornou algo comum, enquanto que o outro tem uma composição de família intacta; nesse caso, é preciso observar a expectativa que cada um tem do casamento. Outro exemplo acontece quando um dos cônjuges vem de família muito numerosa e o outro é filho único; é preciso ficar atento à necessidade de intimidade e de compartilhar, aprendida em de cada um dos modelos. Segundo McGoldrick e Gerson (1996), o contraste na estrutura familiar dos cônjuges pode conduzir a um equilíbrio e a um desequilíbrio. No último exemplo, um cônjuge pode ser atraído pela estrutura familiar do outro: de um lado, a intimidade de uma família pequena, e de outro, a diversidade de uma família numerosa; no entanto, isso também pode criar problemas para o casamento.

Pode-se, então, observar a estrutura familiar tendo em mente todos esses fatores e muitos outros específicos de cada história. Neste estudo, é possível focar em qual aspecto da estrutura está o fator que colabora para facilitar o compartilhar da parentalidade dos pais pesquisados: a posição de filho mais velho, ou mais novo; uma família de origem intacta, com pais amorosos; um divórcio muito difícil, com os filhos no meio da relação do casal, o qual não se quer repetir. É possível ler a estrutura familiar, buscando encontrar indícios do que facilitou a postura de pais que compartilham a parentalidade.

Como se viu, a estrutura familiar afeta a relação conjugal em muitos aspectos, facilitando ou dificultando a comunicação, a negociação de crises e a proximidade, bem como as expectativas sobre o casamento. A qualidade do relacionamento conjugal influencia não só a saúde mental, mas também a saúde física e a vida profissional de homens e mulheres. Na pesquisa realizada por Maria de Betânia Nogren e colaboradores, sobre a satisfação conjugal em relacionamentos de longa duração, os resultados evidenciaram que a satisfação conjugal aumenta quando há proximidade, estratégias adequadas de resolução de problemas, coesão, boa comunicação, satisfação com seu status econômico e apoio de uma crença religiosa.

No enfoque da intergeracionalidade, acredita-se que os resultados dessa pesquisa tomam uma dimensão muito maior nos dias de hoje, comparando-se com a geração dos que foram avós nos anos 60, por exemplo; a satisfação pessoal no casamento é um fator atual, e o que se esperava de um casamento, antigamente, era muito diferente. Quando essas pessoas casavam-se, era muito claro o que o homem esperava que sua esposa fizesse, o que ela esperava que seu marido fizesse e o que ambos podiam esperar do casamento. A família estava sempre em primeiro lugar; não se levavam muito em conta as características pessoais e a satisfação. Segundo Anne Bernstein (2002), embora a felicidade e a realização pessoal fossem consideradas importantes, isso não era um requerimento básico.

Agora, no século XXI, ao contrário, não existem funções previamente determinadas; homens e mulheres fazem malabarismos para lidar com múltiplas funções; ambos trabalhando, mesmo com alguma desproporção, tentam dividir as tarefas com os filhos e a casa, numa constante negociação do que cada um deve fazer. A satisfação pessoal passou a ser prioridade; as necessidades econômicas e a desaprovação social não são mais suficientes para manter juntas pessoas insatisfeitas. Dessa forma, uma boa comunicação e flexibilidade nas estratégias de negociação são fatores fundamentais. Com uma mudança tão grande de expectativa frente ao casamento, é importante observar como os pais que compartilham a parentalidade lidaram com os modelos de casamento recebidos das gerações anteriores.

É certo que os modelos de homem e de mulher recebidos dos pais influenciam sobremaneira a forma de cada um ser homem e mulher no mundo; porém, não são somente os pais que servem de modelo. Outras pessoas da família

extensa, conhecidos da família que conviveram estreitamente, ou mesmo pessoas que fizeram parte da história por pequeno espaço de tempo, podem deixar suas marcas, como pessoas significativas na vida de cada um e com as quais se gostaria de parecer.

Na pesquisa de Barker e Loewenstein (1996), já citada, os autores procuraram entender como se constituíam homens “progressistas”, ou seja, aqueles que tinham ideais diferentes dos tradicionais de gênero, num ambiente definido como “patriarcal/machista”. Todos esses homens “progressistas” indicaram a influência, em suas vidas, de homens que se tornaram pessoas significativas: por terem atitudes de valorização e respeito às mulheres ou porque valorizavam os cuidados com as crianças, às vezes cuidando eles próprios; dessa forma, serviam de modelo aos homens progressistas. Muitas vezes, tais pessoas significativas faziam parte das relações cotidianas dos entrevistados; outras, o contato não era tão intenso e cotidiano.

Um dos entrevistados da pesquisa ficou profundamente marcado pela experiência de ter convivido com uma família apenas por um dia e ter observado como aquele pai tratava suas filhas, definindo que era este o modelo de pai que queria seguir. É preciso observar, portanto, nos pais que compartilham a parentalidade, a influência de outras relações e modelos em suas vidas, pois significativos não são apenas os modelos de pai e mãe.

Nesse capítulo, procurou-se abordar alguns aspectos da transmissão intergeracional de padrões, acreditando que tais transmissões podem facilitar ou dificultar a constituição dos pais que compartilham a parentalidade. Acredita-se que muito do que se é está na família da qual se faz parte.

CAPÍTULO 5

PROBLEMA

O problema deste estudo consiste em levantar, na história familiar dos pais que compartilham a parentalidade, isto é, que dividem entre si os cuidados com os filhos e o prover da família, fatores que, acredita-se, são facilitadores da constituição desse tipo de pais. Entende-se como história familiar não somente da família de origem, mas das demais gerações, incluindo o contexto mais amplo no qual os pais estão inseridos.

O problema apresentado leva à proposta do objetivo geral do estudo:

- * compreender a contribuição das histórias familiares na constituição dos pais que compartilham a parentalidade.

Os objetivos específicos são:

- * identificar os modelos de pai e mãe na história familiar dos entrevistados;
- * identificar os modelos de casamento na sua família de origem e extensa;
- * identificar aspectos da estrutura das famílias que influenciam na constituição dos pais que compartilham a parentalidade;
- * identificar as expectativas familiares depositadas sobre os entrevistados;
- * identificar as pessoas da família extensa e da rede social que, para os entrevistados, foram significativas em relação ao exercício da parentalidade;
- * perceber a influência da cultura e do macro sistema na adoção do modelo de parentalidade dos entrevistados.

CAPÍTULO 6

MÉTODO

Este estudo tem como método a Pesquisa Qualitativa; usou-se, como estratégia, a Entrevista Semi-Estruturada através do Genograma.

A Pesquisa Qualitativa foi escolhida por se tratar de um fenômeno que tem dimensão subjetiva e também social; portanto, pretende-se sistematizar experiências de vida, dar relevância ao relato do entrevistado e extrair dele o dado significativo para as indagações.

As informações vieram expressas em aspectos das histórias narradas pelos entrevistados, mas também da comunicação não-verbal, das impressões do entrevistador, do modo como se estabeleceram as relações entre entrevistados e entrevistador, da observação da interação entre os entrevistados e da reflexão no momento da codificação dos dados. O pesquisador entende a pesquisa como um processo interativo, moldado por sua história pessoal, biografia, seu gênero, sua raça e etnia, assim como por elementos referentes aos participantes da pesquisa. Assim, o resultado de uma Pesquisa Qualitativa é uma construção, e não uma verdade empírica.

A Pesquisa Qualitativa utiliza estratégias, métodos ou materiais empíricos variados e usa um foco multimetodológico. Além disso, o pesquisador aproveita um amplo conhecimento que lhe permite a leitura de diversos paradigmas (feminismo, marxismo, construtivismo); porém, cuida com o trânsito entre eles, pois sabe que cada paradigma possui ontologia, epistemologia e método próprios.

O uso de diferentes métodos e significados na Pesquisa Qualitativa dificulta uma definição, mas é possível usar a metáfora do pesquisador qualitativo como um *bricoleur*, ou seja, um indivíduo capaz de fazer uma bricolagem – um conjunto de diversos pedaços e práticas bem amarradas, que oferecem construções de soluções para determinado problema, em determinada situação concreta.

6.1 PARTICIPANTES

Os participantes da pesquisa foram quatro casais de pais que estão em união estável e em situação familiar de dupla renda, isto é, ambos provêm a família, e que foram considerados como cuidadores dos filhos. Estão na faixa etária de 30 a 45 anos, com renda familiar entre 15 e 40 salários mínimos, e possuem um ou mais filhos na faixa etária de três a sete anos de idade. São identificados conforme a tabela a seguir.

	Nome	Idade	Profissão	Horário de trabalho	Tempo de relação	Renda familiar	Filhos / idades	Com quem ficam as crianças
Casal 1	João	33a	autônomo auto-center	das 8 às 18h	6a	entre 15 e 25 SM	Helena, 5a	empregada, escola, tia
	Geórgia	32a	analista de sistemas	das 8 às 17h				
Casal 2	Rodrigo	40a	engenheiro agrônomo ONG	flexível, em casa	16a	entre 15 e 25 SM	Carlos, 8a Augusto, 6a	empregada, escola
	Liana	41a	engenheiro agrônoma ONG	flexível, em casa				
Casal 3	Rafael	43a	administrador autônomo	flexível, em casa	9a	entre 25 e 40 SM	Carmem, 5a	babá, escola
	Carmem	34a	professora, tradutora	flexível; fixo, à noite				
Casal 4	Antonio	45a	engenheiro autônomo	das 7h30 às 19h	12a	entre 15 e 25 SM	Ligia, 9a Tiago, 5a	empregada, escola
	Beatriz	40a	decoradora autônoma	flexível				

Fonte: dados da pesquisa.

Para este estudo, a amostra é o que se define como “amostra proposital” (PATTON, 1990) – um grupo de pessoas deliberadamente escolhidas em virtude de estarem dentro dos critérios adotados pelo pesquisador e viverem a experiência que

se deseja conhecer. A indicação dos sujeitos foi dada pelo efeito “bola de neve” (*snow ball sampling*) – indicações progressivas de pessoas que conheçam outras pessoas, as quais se encaixem nos critérios estabelecidos.

6.2 PROCEDIMENTO

O tema deste estudo surgiu de uma experiência pessoal de perda na família e da reflexão sobre a importância da parentalidade compartilhada, no sentido de ambos os pais serem envolvidos com os filhos, quando a mãe de uma criança pequena morre. Focando nessa questão, inicialmente, o objeto de estudo era o pai emocionalmente envolvido com os filhos e os elementos da família de origem desse pai, que facilitam sua postura de envolvimento.

Após cursar a disciplina *A Intergeracionalidade e a Produção de Conhecimento*, ofertada pela professora Ceneide Cerveny, no Programa de Pós-graduação da PUC-SP, optou-se por incluir a mãe que compartilha a parentalidade. Na disciplina, através do genograma e de outros instrumentos, buscam-se as correlações possíveis com a escolha do tema da dissertação e a história familiar de cada aluno. Para a autora, considerou-se que seria muito útil ouvir e observar essas mães, em função de sua história familiar, e também tornaria muito mais rico este estudo, por se trabalhar com as histórias familiares de ambos os pais e procurar o que colaborou para que o pai pudesse ser cuidador além de provedor e a mãe, provedora além de cuidadora.

A partir de então, buscaram-se casais de pais que correspondessem a esse modelo. Os casais foram indicados através de pessoas conhecidas, principalmente uma professora de Jardim de Infância, aos quais a idéia da pesquisa foi exposta. Após a indicação, os casais foram conectados pelo telefone, receberam explicações sobre o objetivo da entrevista, foi feito o convite e a marcação de uma data para ambos comparecerem, juntos, no consultório de psicologia da autora, na cidade de Curitiba. Na entrevista, foram dados mais detalhes a respeito dos objetivos da pesquisa, esclarecidas as dúvidas e assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (apêndice 1). Dessa forma, as entrevistas foram realizadas com prévio consentimento dos sujeitos, respeitando-se a resolução número 196/96 do Conselho

Nacional de Saúde/Ministério da Saúde. O projeto de pesquisa foi aprovado no Comitê de Ética da PUC-SP.

Em seguida, os entrevistados preenchem uma Ficha de Identificação (apêndice 2) e passava-se à construção do genograma das duas famílias. Na maioria das entrevistas, iniciou-se pela história familiar da mulher, por iniciativa dela ou por proposição do marido. A partir daí, o genograma desenvolvia-se numa construção conjunta entre todos, entrevistados e entrevistador, procurando-se enfocar o tema em questão. As entrevistas duraram, em média, duas horas; a partir do início do genograma, foram gravadas na íntegra e, posteriormente, transcritas para análise do material (apêndice 3).

6.3 ANÁLISE DO MATERIAL

O material resultante das entrevistas foi analisado pelo método de Análise de Conteúdo, através de categorias estabelecidas a priori, que foram: modelos de pai e mãe; modelos de casamento na família de origem e extensa; expectativas recebidas; pessoas significativas; estrutura das famílias e influência da cultura.

A partir das entrevistas com os participantes, surgiu mais uma categoria vista como importante: a diferenciação, considerada como a possibilidade de ser diferente de suas famílias de origem. Acredita-se que uma boa diferenciação pode criar facilidades em relação à questão do cuidado com os filhos e do prover da família.

CAPÍTULO 7

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O material obtido* através das entrevistas foi analisado e organizado em categorias; assim, pretende-se elucidar os fatores, junto às histórias familiares, que colaboraram facilitando a constituição dos pais entrevistados, os quais hoje compartilham a parentalidade.

Os Modelos de Pai e Mãe

Entre todos os casais, aparecem modelos de pai e mãe que vão do modelo tradicional, de pai provedor e distante e mãe cuidadora e submissa, até modelos que conseguem alguma variação: a mulher, trabalhando ou não, consegue não se submeter ao homem e não ser apenas cuidadora, e o homem, mesmo sendo o único provedor, consegue uma aproximação maior com os filhos.

O Casal 1 apresenta a maior variação do modelo tradicional, de pai e mãe; ambos, os pais de Geórgia e João, conseguem dividir, em algum grau, os cuidados com os filhos e com a casa, quebrando o modelo tradicional.

Papai acompanhava... mais a mamãe, as lições. Mas ele acompanhava também, um pouco, porque ele sempre trabalhava mais que a mamãe. O trabalho da mamãe sempre foi muito flexível e o dele sempre horário comercial; mas ele sempre acompanhava, ia à escola, ia buscar, ia comprar os livros. Ele, lá em casa, é que fazia a feira e, até hoje, ele faz. Ele nunca foi assim: "Ah, deixe que ela resolve". (Geórgia)

Eu acho que dividiam, sim. Mas acho que minha mãe cuidava mais. O pai, como eu já disse, sempre mais longe um pouco, porque ele não era de dar muito carinho pra não... vamos dizer assim, não perder um pouco o respeito. Acho que era o jeito dele, mas não que ele fosse uma pessoa ruim. (João)

Outros modelos de pai e mãe são típicos do modelo tradicional.

Meu pai, autoritário, honesto, trabalhador, mas muito autoritário; fez a gente ficar com medo, até. Às vezes, bem rígido, mas... ele

* Os relatos foram transcritos da forma mais fiel possível, mantendo-se características da linguagem oral.

judiava muito da minha mãe também. Qualquer problema com os filhos era culpa da minha mãe, que não ensinava. (Rafael)

Minha mãe sempre cuidou bem da gente, muito carinhosa, é... Fazia tudo pelos filhos. Minha mãe nunca trabalhou; acho que, antes de eu nascer, ela era professora; depois que eu nasci, ela parou de trabalhar. (Rafael)

...meu pai, bastante durão, bastante rígido: vai fazer assim, assim; vai ficar de castigo.... Era bastante rígido. (Antonio)

Algumas mulheres conseguem fugir ao modelo tradicional, por terem se separado, por problema de alcoolismo do marido ou pela personalidade forte.

Minha mãe, ela é fora do convencional; você não pode fechar ela numa coisa; eu... É assim: minha mãe vem de uma família tradicional, tipicamente espanhola, onde o homem trabalha e a mulher fica dentro de casa; então, quando a mulher tem 15 anos, tem que casar.... Elas eram educadas num sistema tão rígido, tão tradicional, que todos os irmãos de minha mãe se separaram e minha mãe também... Depois que eles se separaram, minha mãe foi pra luta; então, sim, ela tinha seu dinheiro, tinha suas decisões. (Carmem)

Então, a minha mãe sempre assumiu tudo, desde construir alguma coisa econômica. Minha mãe que estava à frente, embora ela não trabalhasse..... Então, ela conseguiu; apesar de toda desestruturação que o alcoolismo traz a uma família, ela conseguiu fazer com que a gente tivesse uma referência fantástica, que era ela mesma. (Liana)

Meu pai participava, mas ela mandava; o gênio dela, sempre mais autoritário; ele, por ser mais calmo, mais tranquilo, aceitava para evitar encrenca... (Beatriz)

Alguns modelos de pai fogem totalmente ao modelo tradicional.

O meu pai é bem pacato, muito tranquilo... É super carinhoso, aquele pai que, até hoje, você vai lá, ele diz: "Olhe bem quando for atravessar a rua." Muito cuidadoso... de ir lá ver se você tava coberta; muito carinhoso... (Beatriz)

O que se encontra, nesses modelos de pai e mãe, é o reflexo de uma geração que tem como referência o modelo tradicional da família patriarcal; porém, pode-se observar as suas variações, com homens podendo ser mais próximos e

afetivos: “Muito sensível... Era um bom português, mas ele se irritava muito fácil, ele era machista...”, bem como mulheres ocupando lugar de poder: “...era uma pessoa, ao mesmo tempo, muito forte e muito doce... Ela foi uma pessoa fundamental.”

Modelos de Casamento das Famílias de Origem e Extensa

Na geração dos avós, o modelo de casamento era o tradicional, segundo a maioria dos entrevistados. O homem mandava, porque tinha o dinheiro, e a mulher obedecia, diferenciando apenas o quanto eles conseguiam de harmonia e felicidade dentro desse modelo.

...no pai do papai, o que eu vejo era a autoridade do pai e a submissão da mãe; era coisa que, se ele dissesse que pau é pedra, ela tinha que dizer amém, mesmo sabendo que não era... Na família da mamãe, me parece que era um clima muito saudável entre meus avós, só que minha avó não viveu muito. (Geórgia)

A convivência deles era muito boa, mas, tipo assim, meu avô falava, e minha avó obedecia no que fosse falado. (João)

Na geração dos pais, esse modelo não muda muito; poucas são as mães que trabalham e, se trabalham, seu rendimento não colabora com as despesas da casa, continuando o homem a ser o provedor; portanto, ainda sendo quem manda e toma as decisões do casal.

...quem tomava as decisões da família, o que fazer, o que não fazer, era o papai... Minha mãe sempre foi muito insegura. (Rogério)

...quem mandava, no meu caso, era meu pai; meu pai porque minha mãe não trabalhava, né. Então, depois que ela começou a trabalhar (quando separou), eu que fazia o talão de cheque, controlava os recibos do banco... (Rafael)

O rendimento era como se fosse só o do papai; o da mamãe era tão pouco, e é até hoje, que não conta para o sustento da casa... O meu pai que mandava... Faziam uma reunião para cada um dar opinião, e cada um dava opinião, mas aí ele ia explicar que a opinião dele era melhor. (Geórgia)

É tradicional, o meu pai, por ele ter esta ascendência no exército, era o que ele queria... Ele era o cabeça da família; então, todo sustento vinha daí; e a minha mãe sempre foi dona de casa, nunca contribuiu com nada... (Antonio)

Dois casais de pais dos entrevistados fogem à regra. Num deles, devido ao alcoolismo do marido, a mãe, mesmo não trabalhando, gerencia a família. No outro, a mãe, com algum rendimento e uma personalidade muito forte, é quem tem mais poder na relação.

...ela que dava conta do dinheiro, porque, na verdade, meu pai sempre torrava muito dinheiro. Então, se nós tínhamos uma casa própria, foi porque ela fez... Embora quem pegou o dinheiro foi ele... mas minha mãe sempre conseguiu... Quem mandava era minha mãe, ela sempre enfrentou, sempre teve uma coisa não subserviente... (Liana)

Ela tem o poder sobre todos, o gênio dela é dominante... Ela é a matriarca. (Beatriz)

No casal de pais que se separam, ela consegue autonomia; porém, quando se casa novamente, volta ao modelo tradicional.

...meu pai pagando tudo e minha mãe cuidando dos filhos; depois que eles se separaram, minha mãe foi pra luta. Então, sim, ela tinha seu dinheiro, tinha suas decisões. Quando ela casou de novo, ela meio que voltou ao padrão que o homem sai pra rua e ela fica em casa; depois que ela separou dele, ela assumiu o controle novamente e continua assim. Ela foi mudando de esquema, ela ia e voltava. (Carmem)

Esse modelo de casamento na geração dos pais, ao contrário da geração dos avós, causou ressentimento e descontentamento; já não era facilmente aceito.

O papai se sente incompreendido. A mamãe também se sente incompreendida. Eles se amam, mas também se odeiam. (Geórgia)

...ela era muito dependente dele. Talvez foi este o fato de não separar antes, por causa da insegurança, com cinco filhos... (Rafael)

O casal que apresenta maior harmonia é aquele no qual ambos provêm a família e, aparentemente, a mulher é quem toma as decisões.

Os pais do João são muito unidos; acho bonito de ver. (Geórgia)

É.. mas, às vezes, eles brigam também; minha mãe reclama que meu pai anda descuidado com as coisas e ela acaba brigando com ele; e ele também briga com ela, mas não chegam assim... lá no fundo, acho que um não fica sem o outro. (João)

Na minha casa, acho que sempre foi minha mãe quem mandava... mais minha mãe que decidia... Me parece que ele sempre pede pra ela estar decidindo. (João)

Com esse modelo de casamento, no qual, predominantemente, o homem toma as decisões e a opinião da mulher não tem espaço, os pais que compartilham a parentalidade tiveram que desenvolver, por si mesmos, um novo modelo em que exista o diálogo, o respeito e a tentativa de consenso quando as opiniões são contrárias.

Nós conversamos muito sobre tudo; então, o dialogo sempre foi uma peça fundamental no nosso casamento... (Liana)

Há um respeito muito grande e natural, que sempre foi assim, da opinião do outro. (Rodrigo)

...meu melhor conselheiro é ele; a melhor conselheira dele sou eu; nós nos escutamos muito, muitas vezes... Você pensa assim, mas eu penso diferente; então, a gente respeita. Mas não fazemos nada sem nos consultar antes. (Carmem)

Antes de comprar, seja um carro, programar uma viagem, a gente pára, e vamos ver... (Rafael)

A gente nunca definiu quem decide o quê; um pouco eu, um pouco ele. (Geórgia)

A gente divide bem. (João)

...às vezes, eu chego e digo que estamos passando por dificuldades na empresa... Então, a Beatriz, automaticamente, se ela tem, ela assume. (Antonio)

Existe um respeito entre nós... Se eu acho que vou abusar por ter o cartão dele, eu compro com o meu. (Beatriz)

As Expectativas Recebidas

As expectativas das famílias sobre os filhos estão relacionadas, principalmente, à constituição de uma boa família, com união e companheirismo do casal.

...uma coisa que, para eles, é interessante é a família que a gente construiu, o casamento, a união, a maneira como a gente vive; isto, para eles, é um motivo de muita alegria... (Liana)

...ninguém esperava que eu casasse, ainda mais que arrumasse uma pessoa como a Carmem; então, acho que eu cumpri a expectativa, até acho que foi mais do que eles esperavam. (Rafael)

Parece que, muitas vezes, as expectativas estão relacionadas a que os filhos consigam o que algum dos pais ressentem-se em não ter conseguido.

...acho exagerada a felicidade da minha sogra por eu e a Liana termos nos encontrado; acho que ela projeta um pouco do que ela não teve... (Rodrigo)

...mas, a mãe dele, um pouco frustrada por nunca ter trabalhado, ela me ajudou muito com a Ligia... Eu acho que ela fez isso por frustração própria. (Beatriz)

O que mais chama a atenção é a existência, em quase todas as entrevistas, de alguma forma de validação desses homens pelos seus próprios pais, como os filhos perfeitos, mostrando que esses homens sentem ou sentiram, em algum momento, uma grande aprovação. Os comentários, a seguir, fazem pensar que tais homens cumpriram as expectativas neles depositadas.

...quem seguiu o esquema tradicional de tudo foi o Rafael; então, foi o único que não teve nem frustração, nem descontentamento [para os pais]; pelo contrário, foi só alegria. (Carmem)

... o meu pai me adorava, a gente se entendia muito bem, desde sempre, porque eu sempre fui um filho certinho, sempre passei de ano, nunca criei nenhum tipo de problema. (Rodrigo)

...os pais do João me falam que o João é um filho maravilhoso, os dois estão extremamente felizes com ele. (Geórgia)

Eu não me lembro de nunca ter tido problema pra chatear eles, eu sempre obedeci, sempre fui carinhoso com eles. Eu acho que é por isso. (João)

As mulheres, por trabalhar e conseguir maior poder nas relações com seus maridos e, ao mesmo tempo, manter uma família, também cumprem as expectativas de suas mães e, por elas, são validadas.

...me olhando e olhando meus pais, acho que eles gostam do que eu me tornei, entendeu, acho que admiram. (Liana)

Eu acho que consegui equilibrar, com a minha profissão, aquilo que eu tive quando era criança... Para ter a independência econômica, mas priorizando o que é mais importante, que é a nossa filha... (Carmem)

Pessoas Significativas na História Familiar

Entre as pessoas significativas apontadas pelos entrevistados, encontram-se, principalmente, figuras masculinas; essas, além de demonstrarem muita força e poder na família, conseguiram se tornar marcantes pela expressão de afeto e carinho, num equilíbrio idealizado de tais características.

...era uma educação muito carinhosa. O vô Romeu era uma referência para todo mundo neste sentido; muito amoroso, muito carinhoso, uma referência admirável... (Rodrigo)

Assim é com meu avô [pessoa boa, admirada], o Capitão Gumerindo. E a mamãe, ela tem adoração por ele. Até hoje, ela conta as histórias do tempo que ele era delegado. (Geórgia)

...meu avô, Cornélio, o pai da minha mãe; ele é uma pessoa que, não só eu, mas todo mundo, admirou; uma pessoa muito boa, muito honesta, generosa, muito simples, muito trabalhador, muito lutador, muito querido. Ele era admirado na cidade inteira... Pra mim, era minha paixão. (Carmem)

Outras pessoas tornaram-se significativas por manterem a união na família através do carinho e do cuidado.

...era minha avó, Rosa, da minha mãe; ela sempre reunia mais a família, era mais o centro... Tinha um carinho por todo mundo... cheia de dengo e se dava bem com toda família. (Rafael)

Estrutura das Famílias

A estrutura familiar, que envolve muitos fatores, os quais podem ser observados no desenho do genograma, parece ter influência sobre as pessoas,

dificultando ou facilitando os seus relacionamentos e o compartilhar ou criando expectativas a serem cumpridas.

No Casal 2, um fator da estrutura familiar, a posição de filhos na ordem do nascimento (ambos são os mais velhos) propícia uma luta pelo poder, que aparece na forma como interrompem um ao outro durante a entrevista, como disputam por saber mais da história familiar do outro e como ameaçam quando o outro esquece algum dado. Isso aparece também na fala de Rodrigo sobre a personalidade de Liana.

...deu branco no nome do meu avô. (Liana) Tudo bem, você viu que ela falou que tem sigilo; terminando a entrevista, eu faço chantagem. (Rodrigo)

...às vezes, pra quem olha de fora, parece que a Liana é uma dominadora, controladora, porque ela verbaliza mais, ela fala com ênfase... (Rodrigo)

No Casal 4, a estrutura da família da Beatriz, com muitos membros e recasamento, envolveu Antonio numa vivência muito diferente da que ele conhecia em sua família pequena e rígida; isso fez com que ele desenvolvesse a afetividade e conseguisse quebrar a rigidez.

Então, ele se sente muito mais à vontade na minha família; ele é muito mais solto na minha família do que na dele. (Beatriz)

Nos casais 1, 3 e 4, os fatores da estrutura familiar, relacionados a separações, gravidez antes do casamento, casamento com divorciados e filhos fora do casamento, que são quebras de expectativas, colocam os entrevistados na posição de filhos ideais e admirados pelo casamento que conseguiram.

...de alguma maneira, meu irmão deu algum trabalho para eles, no sentido de aprontar... Eu, no caso, acho que sempre fui ao contrário. (João)

...são cinco irmãos; os dois das pontas quebraram as tradições: engravidou, depois casou, só depois do segundo filho; então isso, pra mãe do Rafael, foi uma coisa... A última, ela casou com um divorciado... Ela foi contra tanto do pai, como da mãe... As outras duas são solteiras; então, o único que seguiu o esquema tradicional de tudo foi o Rafael. (Carmem)

...minha irmã saiu de casa bem cedo, ela era mãe solteira, o filho acabou sendo criado pela minha mãe. E eu acabei assim, querendo compensar... (Beatriz)

Influência da Cultura

A influência da cultura vai desde a herança de valores tradicionais de família unida, de obediência ao pai, de regras rígidas de moralidade, típicos da descendência espanhola, portuguesa e italiana, até culturas próprias de cada família. Essas heranças culturais estão presentes e, muitas vezes, tornam-se muito fortes.

Ela casou com 15 anos também [avó], e minha bisavó também; então, por isso é que minha mãe foi obrigada a casar com essa idade. (Carmem)

...minha avó, a mãe do meu pai, ela casou com 40 anos, ela vem de uma família de 11 irmãos e ela era a mais nova; então, a mais nova ficava cuidando dos pais; você veja como era tradicional e forte o estilo... (Carmem)

Essa herança influencia, ainda hoje, a Carmem, que se acha mais antiga, comparando-se com amigas da sua idade, escolhe um marido quase dez anos mais velho e relaciona-se muito bem com a mãe dele, achando-se muito parecida com ela, pois tem valores parecidos.

...eu fui educada naqueles esquemas bem antigos... Então, eu me acho antiga, muito tradicionalista, meio moralista e cheia de coisas... Um pouco mais modernizada, mas não liberal... Eu acho que, por isso, que eu me dava bem com minha sogra... (Carmem)

Em outros casos, a cultura rígida parece ser algo a ser evitado, e o casal procura se desvincular da cultura, num antimodelo, sendo um casal não-convencional e passando aos filhos uma visão crítica das tradições, questionando valores.

Você sabe que, por muito tempo, nós, ideologicamente, mantemos uma resistência com tradições. (Rodrigo)

Mas, por conta de achar que é importante para os meninos ter essas referências, tipo o Natal e a Páscoa, que têm um significado forte, trabalhamos muito o significado... todas as outras datas comerciais

não são comemoradas em casa e discutidas com eles... No Natal, a gente faz e cuida, procura dar um caráter bem tropical; então, o nosso presépio é de negros, tem tudo uma coisa ou outra por trás que, daí, já é nossa. (Liana)

No Casal 4, a repetição da cultura de datas comemorativas parece ser um ponto de união.

O malhar Judas... Antes, era minha mãe que malhava a gente, batia na gente; agora, a gente vai lá pra malhar ela... Estas coisas, assim, Natal, Ano Novo, Páscoa, Festa Junina. (Beatriz)

Dentre as culturas próprias de cada família, aparece o abuso da autoridade masculina, pela violência física que existiu na geração dos bisavós e avós, o qual consegue ser rompido na geração dos pais do entrevistado.

...aquele irmão do papai, o mais velho... Pra ter uma idéia, ele só anda de manga comprida, por causa das marcas que ele tem; foi o pai dele que fez, e ele foi defender minha avó... Papai não adotou o sobrenome do pai dele... ele não colocou na gente não. (Geórgia)

...eu acho incrível e admiro bastante... parou [a violência] bem por ali, tanto do meu sogro, quanto dos irmãos dele... (João)

A cultura, com seus valores, tradições e rituais, constitui o referencial familiar, no qual os membros da família espelham-se, para repetir e sentir-se pertencendo ou para modificar e conseguir se diferenciar.

Diferenciação

Os entrevistados variam no quanto conseguiram se diferenciar dos modelos apreendidos, da cultura e das expectativas colocadas sobre eles; sendo pais que compartilham a parentalidade, ambos provêm a família e cuidam dos filhos, já conseguiram alguma diferenciação dos modelos mais tradicionais de seus pais.

No Casal 1, Geórgia diferencia-se de sua mãe por ter o seu trabalho e colaborar, efetivamente, com as despesas da casa.

...o da mamãe era tão pouco, e é até hoje, que não conta para o sustento da casa, só para fazer alguma coisa que ela queira fazer com o dinheiro dela. (Geórgia)

Ela também se diferencia do pai por não exagerar na necessidade de promoção social e status, o que lhe custou muito na relação com o pai.

...a preocupação do papai pelas aparências... Eu sempre tive comigo que eu nunca ia fazer isso com minha filha... Não quero que ela seja o meu troféu, pra eu mostrar pros outros. Isso foi muito forte. (Geórgia)

João diferencia-se de seu pai por que consegue manter muita proximidade com a filha, mesmo enfrentando o sentimento de perda da autoridade, que vem do modelo paterno.

...quando a Geórgia viaja, eu fico com ela [filha] sozinho, ela fica muito próxima de mim; daí, eu não tenho coragem de falar mais sério, ela leva na brincadeira, e eu acabo levando também.... Porque meu pai era próximo da gente, mas nunca muito próximo... Por isso, quando ele fazia a cara feia dele, a gente obedecia. E hoje, eu faço cara feia pra Helena, ela vem e faz cócega pra eu dar risada... (João)

No Casal 2, Rodrigo consegue se diferenciar do pai transformando-se num pai que controla mais suas emoções na hora de corrigir os filhos e que demonstra muito afeto e proximidade.

...porque a gente pode usar a autoridade, sem precisar dizer não, alterar a voz. [...] Meu pai se expunha, mas havia também muita ignorância, do ponto de vista que ele se irritava muito fácil, ele era machista. [...] Porque, muitas vezes, eu sou mais carinhoso, eu tenho uma necessidade enorme de exercitar esse carinho, de verbalizar; eu tenho um grude muito grande... (Rodrigo)

Liana tende a repetir a força e o domínio de sua mãe na relação com Rodrigo, embora pareça ser desnecessário, pois ele está lá para compartilhar, o que ela mesma admite.

...a Liana tem uma tendência centralizadora; se quiser se deixar dominar é muito fácil, por que ela gosta de exercitar. (Rodrigo)

Nós, mulheres, sempre tivemos uma luta... da divisão das coisas, da igualdade; então, com o Rodrigo, sempre foi um elemento facilitador. Eu nunca tive muito problema, não tivemos grandes embates... Não sei se pelo meu jeito de ir fazendo muita coisa... a gestão doméstica ainda é minha. (Liana)

...mas eu gostaria de exercitar a divisão... até porque lidar com as crias, lidar com estas questões, para mim, é um prazer. (Rodrigo)

No Casal 3, a diferenciação de Carmem aparece no fato de conseguir deixar seus pais e a sua família e, ao mesmo tempo, manter um vínculo afetivo muito forte com eles.

...porque esta parte de deixar minha família para mim foi meio traumática, eu chorava muito; no meu casamento, a maioria chorava... porque era o corte do cordão umbilical. (Carmem)

...eu falo, toda semana, com minha mãe por telefone... Eu sei mais da vida dela lá... e falo com meus irmãos direto também. (Carmem)

Carmem teve na vida de sua mãe o maior exemplo de diferenciação; ela consegue quebrar padrões muito rígidos e, com isso, coerentemente, passa aos filhos maior liberdade de escolha.

...minha mãe, só com a vida dela, já quebrou todos os padrões tradicionais; ela sempre educou num sistema moralista tradicional, mas também confiou: “Eu te mostro como é que é, e você vai tomar tuas decisões e dar conta das conseqüências que você vai ter na sua vida.” (Carmem)

Rafael consegue, também, a sua diferenciação, opondo-se à autoridade exagerada do pai e podendo ser um pai atencioso e carinhoso.

...depois, já crescido, enfrentei, e quase saímos às vias de fato; aí, ele começou a me respeitar mais. (Rafael)

“meu sogro...tem aquela coisa que impõe educação pelo medo....o Rafael não faz isto com a Carmem, ele é muito companheiro, ele brinca muito com ela, ele escuta muito a Carmem, ele tem uns traços daquela educação meio firme demais.... ele fez um equilíbrio.” (Carmem).

No Casal 4, a diferenciação de Antonio fica visível pela capacidade de demonstrar afeto; na sua família, isso é muito difícil, mas ele aprendeu com a família de Beatriz.

...ele é muito carinhoso comigo, com as crianças, mas ele também... De vez em quando, ele tem que se isolar... (Beatriz)

Olha, eu acho que só descobri este mundo depois que conheci a Beatriz. (Antonio)

Beatriz diferenciou-se da sua mãe, que se separou e foi morar com o segundo marido, tendo um namoro longo, um casamento certinho e intacto e também mantendo uma profissão, apesar de alguma desigualdade com o marido.

A minha mãe acha que isto é segredo... Mesmo ela tendo ido morar com ele, era um dado que ela não gostava que a gente contasse. [...] Eu acabei assim, querendo compensar, talvez, o resto da família que tinha dado algum desgosto. [...] A prioridade de trabalho é sempre dele... Eu acabo cedendo; se ele tem um cliente e eu também, eu que tenho que me virar com as crianças. (Beatriz)

O que podemos observar é que a maioria dos entrevistados conseguiu uma boa diferenciação de seus pais, alcançando sua individualidade.

Análise Geral dos Resultados

Com as categorias levantadas, pretende-se usá-las como norteadoras para responder a questão principal deste estudo: o quê, na história familiar, colaborou para que os pais pudessem desempenhar uma parentalidade compartilhada, na qual ambos provêem a família e cuidam dos filhos.

Observando os modelos de pai e mãe encontrados nas histórias familiares, vê-se que a maioria dos entrevistados tem o modelo tradicional de mãe cuidadora e pai provedor em suas famílias. Um dos casais entrevistados destaca-se por ter modelo de pais que compartilham, em maior grau, os cuidados com os filhos e o sustento da família, como também por ser um casal que consegue maior harmonia no relacionamento entre si. Vê-se, pois, como esse modelo pode ter influenciado diretamente o casal entrevistado; de todos os participantes da pesquisa, este parece ser o casal que melhor divide as funções de cuidado com os filhos: o pai tem oportunidade de ficar, integralmente, com a criança, em função das viagens a trabalho da mãe, e a mãe colabora, eqüitativamente, com o pai no sustento da família. Dessa forma, o legado de modelo de pai e mãe pode ter influenciado no compartilhar, mas a oportunidade do pai ficar com a criança também favoreceu o desenvolvimento do lado cuidador do homem.

Esse caso, porém, é uma exceção. O que faz com que os outros entrevistados tenham conseguido modificar o modelo de pai e mãe que receberam, nesta opinião, passa pela busca por fazer de modo diferente. Para isso, um fator que parece colaborar: é o fato de muitos dos entrevistados apontarem, como pessoas

significativas em suas vidas, homens que rompem com o padrão de distanciamento emocional e podem ser figuras afetivas e amorosas, admiradas por eles. Isso parece dar permissão à próxima geração de homens para ser diferente e faz com que as mulheres busquem nos homens esse modelo.

Outro fator que colabora para que esses homens possam ser diferentes do modelo recebido é o fato de aparecerem, em quase todos os entrevistados, indícios de que são admirados por seus próprios pais, cumprindo a expectativa de filhos ideais. Mesmo, de alguma maneira, tendo enfrentado seus pais, ou pelo carinho que dedicam a eles, ou ainda pelo casamento que conseguiram, tais filhos parecem ser os preferidos de seus pais. Dessa forma, eles sentem-se aprovados e, mais facilmente, podem romper com o modelo tradicional de distanciamento e serem pais próximos e cuidadores amorosos. Por terem esse modelo de homem afetivo nas gerações anteriores e por serem aprovados por seus pais, acredita-se que os entrevistados não correm o risco de cair no antimodelo (CERVENY, 2000), o que seria uma reação rígida ao modelo recebido e, de alguma forma, limitadora. Ao contrário, nos entrevistados, vêem-se formas criativas e flexíveis de construção de um modelo diferente de serem pais, a que chamamos antilegado.

Quanto às mulheres, o que colaborou para que elas pudessem ser as mães que também provêm a família e as cuidadoras amorosas foi a repetição do modelo de mães dedicadas e afetivas que todas elas tiveram e que querem manter. Ao mesmo tempo, também querem o antilegado; querem fazer o diferente, pois perceberam, nas mães somente cuidadoras, algum grau de insatisfação e revolta pela posição de submissão que o poder dos homens, através do dinheiro, exercia sobre elas.

Na geração dos avós, essa situação era mais aceita como natural; porém, na geração dos pais dos entrevistados, já se observa desarmonia e insatisfação nos casamentos. As entrevistadas sentem a aprovação das mães por serem diferentes, tendo conseguido sair da posição de submissão. Elas também são aprovadas por manterem um casamento intacto; suas mães só conseguiram alguma autonomia através da separação e projetam nelas o que não tiveram. Assim, as filhas sentem-se potencializadas para serem mães diferentes do que suas mães foram.

Encontram-se, na maioria dos entrevistados, modelos de casamento dos pais com características marcantes: o homem mandava e a mulher obedecia; não havia diálogo e negociação; na maioria dos casos, a opinião da mulher não contava.

Então, no legado, não existe um modelo de negociação e tentativa de consenso no casal. Os pais que compartilham a parentalidade tiveram que desenvolver um novo modelo; para eles, o diálogo é a base para que isso ocorra.

Acredita-se que a maior igualdade de poder, vinda do fato de ambos sustentarem a família, favorece o diálogo e a negociação. Verifica-se esse fato no casal da geração dos pais dos entrevistados: onde existe, em maior grau, o compartilhar das tarefas e dos cuidados, a mulher colabora igualmente com o sustento da casa e consegue algum poder na relação. O casal entrevistado que consegue maior igualdade de poder na relação é aquele cujo homem é filho destes pais citados. Vê-se, então, a importância do legado, de deixar para as próximas gerações modelos de relacionamentos mais igualitários.

Observando a estrutura das famílias deste estudo, percebe-se que um dos fatores que mais colaborou para o compartilhar da parentalidade foi a busca de uma estrutura diferente da situação anterior (separações, gravidez fora do casamento, nascimento dos filhos antes do casamento, segundos casamentos), encontrada na família dos entrevistados. Isso mostra uma cultura tradicional rígida, que está presente, implícita ou explicitamente, nas famílias e que, fortemente, influencia na expectativa dos pais sobre os filhos. Os entrevistados cumprem tais expectativas, levando para as próximas gerações o valor da família. Para seus pais, seria o valor da família conforme os padrões tradicionais; dessa forma, eles são reforçados pelo tipo de família que construíram.

Pensando no que os entrevistados repetem de suas famílias e no que eles são diferentes, aponta-se para o fato de que, pode-se dizer, todos os entrevistados conseguem uma boa diferenciação de seus pais, pois são pessoas com elevada auto-estima, com autonomia, que fizeram suas escolhas e, ao mesmo tempo, mantêm um bom vínculo afetivo com a família de origem, pertencendo e individualizando-se. Dessa forma, conseguir a diferenciação parece ser mais um fator importante para conseguir desempenhar a parentalidade compartilhada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ser pai e mãe é ficar para sempre na memória dos filhos; a forma como ficamos é o que fará a diferença.

Este estudo iniciou-se com a afirmação de que o ser humano não nasce sabendo ser pai e mãe, mas que isso se aprende durante a vida toda; agora, no encerramento, coloca-se a reflexão sobre a importância e influência do modelo que se deixa para os filhos.

Como foi visto, os modelos de pai e mãe e de casal estão em transformação. A geração dos entrevistados faz parte de uma nova cultura: as famílias têm número menor de filhos; pai e mãe têm trabalho externo; não se tem a estrutura de avós e agregados para auxiliar nos cuidados com as crianças e com a casa. Isso colabora, de alguma forma, para que o casal de pais desenvolva um modelo de compartilhar, não só os cuidados com os filhos, mas todas as outras decisões.

O fato de ambos trabalharem e proverem a família, num modelo de casal de dupla renda, difere da geração anterior, na qual, mesmo a mulher trabalhando, o seu ganho não contava, por ser muito pouco, e o homem continuava sendo o único provedor. Portanto, o modelo de casal de dupla renda faz com que a administração financeira do casal necessite de novas regras e o poder na relação distribua-se com mais igualdade. A mulher modificou muito o seu comportamento, com sua saída para o mercado de trabalho, e isso afetou todas as suas relações: com o marido, com os filhos e com a gestão da casa. Pouco a pouco, ela consegue ter uma vida pessoal e profissional, além de ser mãe; numa complementaridade necessária, o homem passa a ter maior participação na vida familiar, além do trabalho.

Mesmo com todas essas mudanças, este estudo mostrou como os legados podem ser fortes, seja na sua repetição, seja na sua modificação. Os pais entrevistados neste estudo, mesmo buscando a diferenciação, repetem os bons modelos e os rituais que dão o sentido de pertencimento; ao mesmo tempo, conseguem fazer diferente nos aspectos que o momento atual exige, mas sem o

enrijecimento, deixando espaço para a construção de uma forma nova de serem pais e de relacionarem-se como casal.

Embora se tenha selecionado pais que compartilham a parentalidade, era conhecida a possibilidade de encontrar diferenças nesse compartilhar. Constatou-se que as mulheres, mesmo dividindo com o homem o cuidar dos filhos, ainda ficam com a maior parcela, senão das tarefas, da responsabilidade com os filhos; na gestão doméstica, a distribuição de tarefas é ainda mais desigual.

Ao finalizar este estudo, ainda fica a questão do peso dos valores sociais, dificultando o desempenho, com maior igualdade, desse modelo de parentalidade compartilhada. Mesmo tendo respondido à questão da pesquisa, sobre a fundamental importância do legado familiar e sobre como ele colabora para esse modelo de parentalidade compartilhada, parece que a influência do contexto cultural, com seus valores socialmente determinados, contribui para dificultar uma igualdade maior na distribuição dos cuidados com os filhos.

Parece que a mulher perde muita aceitação social, neste modelo de divisão dos cuidados. Para deixar de ser mãe integral, ela vai contra o valor social de colocar a maternidade em primeiro lugar, muito forte na nossa sociedade, e isso dificulta à mulher desvestir-se desse papel; o homem, ao contrário, quando assume o papel de cuidador, passa a ser socialmente valorizado. Dessa forma, os ganhos, para o homem, são muito mais fáceis de administrar, enquanto que a perda de valorização para a mulher pode gerar culpa e torna muito mais difícil manter a mudança.

As transformações históricas são lentas. O homem vivenciou a sua parte da perda, pois há muito tempo vem perdendo seu status de provedor; por outro lado, para a mulher, dividir o papel de ser mãe é uma experiência mais recente. De qualquer forma, é importante dar às novas gerações modelos mais flexíveis de maternidade e paternidade.

Sendo assim, as questões de gênero permeiam os pais que compartilham a parentalidade, colocando na mulher uma sobrecarga, como mostram os resultados da pesquisa de Meirelles (2001): as mulheres, embora com maior domínio do espaço público, ainda aceitam e acomodam-se aos papéis socialmente prescritos do espaço privado, tomando como suas as responsabilidades. Já o homem parece ter uma consciência de ganho, com a mudança em algumas questões tradicionais de gênero, conforme os resultados encontrados por Souza (1994), em sua pesquisa

com pais singulares. Ela encontrou homens que se sentiam satisfeitos e maravilhados com o tipo de vivência que encontraram cuidando de seus filhos, pois puderam manifestar um potencial que a posição de pai, apenas provedor, não permitia.

Nesse momento histórico, acredita-se que o homem ganha prestígio social, com sua postura de cuidador, e a mulher perde prestígio social, por parecer ir contra a maternidade. Assim, se o homem sai de seu trabalho para levar o filho ao médico, ou para participar de uma reunião da escola, é muito elogiado por todos; a mulher, no entanto, se não faz o mesmo movimento por impedimento no trabalho, sofre severas críticas.

Apesar dessa questão social, percebe-se que a sociedade está em amplo movimento de transformação; considerando-se os resultados deste estudo, é possível ver que as gerações estão prontas para uma mudança de maior igualdade na parentalidade. Chamou muita atenção a aprovação que a grande maioria dos entrevistados tem ou de seu pai e sua mãe, ou de seu sogro e sua sogra, como se eles estivessem vivendo, na vida dos filhos, o tipo de família que não tiveram e gostariam de ter tido.

Acredita-se que pesquisas nessa área de conhecimento só têm a acrescentar, colaborando para a divulgação e o entendimento de um tipo de parentalidade, na qual pai e mãe sintam-se respeitados e confortáveis no desempenho de suas funções, na qual as novas gerações só precisem aprimorar um modelo, sem necessitar de mudanças radicais, muitas vezes sofridas.

No início da pesquisa, as pessoas com as quais esse tema foi discutido diziam que seria muito difícil encontrar os pais que dividiam os cuidados dos filhos com a esposa. No seu cotidiano, essas pessoas tinham a impressão de que poucos homens dividiam com a mulher os cuidados com os filhos, como se esse pai participativo ainda fosse uma exceção. Na escolha dos participantes desta pesquisa, o que se encontrou foram: pais que participavam muito pouco; pais que gostariam de participar muito mais; mães que não abriam mão de ser mãe em tempo integral; mães que colocavam seus trabalhos, quando tinham, em segundo plano, deixando pouco espaço para os pais atuarem. De qualquer forma, junto com esses modelos, encontrar os pais da pesquisa não foi difícil, o que mostra que eles existem e não são tão raros assim. Entretanto, todos esses modelos parecem oscilar, de formas variadas, entre o tradicional e o moderno, ainda com alguma divisão tradicional de

tarefas, mas com maior igualdade de poder e participação nas tomadas de decisões no casal.

Dois fatos, especialmente, chamaram a atenção. Um deles foi a situação do Casal 1: o pai fica integralmente com a criança quando a mãe viaja a trabalho; com isso, aumenta sua proximidade, sua responsabilidade e também a gestão dos cuidados. No Casal 2, o pai ficou integralmente com os filhos somente em uma situação, por seis dias, em função de viagem da mãe; isso propiciou a ele a vivência das necessidades de uma criança e da complexidade da gestão de uma casa e despertou nele o desejo de maior envolvimento e a validação dessas funções. Seria interessante obter informações a respeito de quantos pais ficam integralmente com os filhos, mesmo vivendo em união estável, e das conseqüências que isso acarreta. É uma idéia para novas pesquisas.

Resta, ainda, dar atenção à participação da pesquisadora nos resultados deste estudo, uma vez que a sua construção passa pela história de vida e subjetividade de todos os envolvidos e que pode ser difícil colocar maior imparcialidade frente a questões sobre gênero e motivações pessoais. Muitas vezes, durante este processo, houve a tendência em focar mais no pai, uma vez que a motivação da escolha do tema veio do fato de sua sobrinha ter ficado sem a mãe, e sua esperança era encontrar pais (homens) que conseguissem ser pai e mãe ao mesmo tempo. Assim, houve um esforço para se olhar sistemicamente a situação dos pais que compartilham a parentalidade, numa tentativa de dar espaço aos dois, pai e mãe. Por outro lado, o gênero, com a tendência natural de dar proteção à mulher, talvez tenha sido base de equilíbrio para a análise dos resultados.

A Pesquisa Qualitativa permite a aproximação de um fenômeno sem sua redução, fornecendo uma riqueza de dados; por outro lado, pode ficar difícil selecionar aqueles que correspondem ao objetivo inicial, sem ceder a uma tendência. Muitas são as construções possíveis, e espera-se que os pontos da história familiar selecionados, como facilitadores da constituição dos pais que compartilham a parentalidade, possam ser ilustrativos da situação e sirvam para orientar os pais que estão nesse caminho, bem como estimulem novas pesquisas nessa área.

Para finalizar, observa-se que o maior aprendizado proporcionado por este estudo foi vivenciar a certeza da mudança, de como tudo se altera e modifica-se, de

que nada fica igual como era, e a grande sensação de esperança que isso proporciona.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

BADINTER, E. **Um é o outro**: relações entre homens e mulheres. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

_____. **Rumo equivocado**: o feminismo e alguns destinos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

BARKER, G; LOEWENSTEIN, I. De onde vem o bom pai? Reflexões a partir de uma pesquisa qualitativa com adolescentes. In: SILVEIRA, P. **Exercício da paternidade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. p. 151-64.

BATESON, G. **Mente e natureza**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

BERNSTEIN, A. C. Recasamento: redesenhando o casamento. In: PAPP, P. (Org.) **Casais em perigo**: novas diretrizes para terapeutas. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 295-322.

BERTALANFFY, L. **Teoria geral dos sistemas**. Petrópolis: Vozes, 1977.

BERTHOUD, C. M. E. **Re-significando a parentalidade**: o desafio de ser pai na atualidade. São Paulo: Universitária, 2003.

BOWEN, M. **De la familia al individuo**. Buenos Aires, Argentina: Paidós, 1991.

BREULIN, D. C.; SCHWARTZ, R. C.; MACKUNE-KARRER, B. M. **Metaconceitos**. Transcendendo os modelos de terapia familiar. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

CARNEIRO M. J. A desagradável família de Nelson Rodrigues. In: FIGUEIRA, S. **Uma nova família?** O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986. p. 55-69.

CERVENY, C. M. O. Histórias familiares: conversando sobre mitos, crenças, segredos e profecias. In: NATRELLI, D. (Org.) **Século XX e XXI**: o que permanece e o que se transforma. São Paulo: Lemos, 1996. v. 8. p. 59-64.

_____. **A família como modelo**: desconstruindo a patologia. São Paulo: Livro Pleno, 2000.

_____; BERTHOUD, C. M. E. **Visitando a família ao longo do ciclo vital**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

CORRÊA, M. Repensando a família patriarcal brasileira. In: ARANTES, A. et al. **Colcha de retalhos: estudos sobre a família no Brasil**. Campinas: UNICAMP, 1993. p.15-42.

COSTA, J. R. **Ordem médica e norma familiar**. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

DA MATTA, R. A família como valor: considerações não-familiares sobre a família à brasileira. In: ALMEIDA, A. M. **Pensando a família no Brasil: da colônia à modernidade**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987. p. 115-36.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Eds.). **Handbook of qualitative research**. Thousand Oaks, USA, London, England, New Delhi, India: Sage Publications, 1994.

EHRENSAFT, D. **Parenting together: men and women sharing the care of their children**. Nova York, USA: Free Press, 1978.

ELKAIM, M. Nos limites do enfoque sistêmico em psicoterapia. In: SCHINITMAN, D. F. **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 204-10.

FIGUEIRA, S. **Uma nova família?** O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

GADOTTI, M. Amor paterno, amor materno: o quanto é necessário, o quanto é insuficiente. In: SILVEIRA, P. **O exercício da paternidade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. p. 93-112.

GARCIA, M. L. T. Estratégias de enfrentamento do cotidiano conjugal. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 14, n. 3, p. 635-42, 2001.

GOGLIANO, O.; ROSA, N. **Pra que mentir?** Noel Songbook. Rio de Janeiro: Lumiar Discos, 1991. 1CD: digital, estéreo.

GOMES, A. J. S.; RESENDE, V. R. O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 20, n. 2, p.119-25, mai./ago. 2004.

ITABORAÍ, N. R. **Trabalho feminino e mudanças na família no Brasil (1984-1996): comparação por classe social**. Trabalho apresentado no 13. Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, Ouro Preto, Minas Gerais, 04-08 nov. 2002.

KROM, M. **Família e mitos**: prevenção e terapia. Resgatando histórias. São Paulo: Summus, 2000.

LEVNER, L. A família de tripla jornada. In: PAPP, P. (Org.) **Casais em perigo**: novas diretrizes para terapeutas. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 41-60.

LUNA, S. V. **Planejamento de pesquisa**: uma introdução. São Paulo: EDUC, 2002.

MADANES C.; MADANES C. **El significado oculto del dinero**. Barcelona, España: Juan Granica, 1997.

MCGOLDRICK, M. Etnicidade e o ciclo de vida familiar. In: CARTER, B.; _____. **As mudanças no ciclo de vida familiar**: uma estrutura para a terapia familiar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 65-82.

MCGOLDRICK, M; GERSON, R. Genetogramas e o ciclo de vida familiar. In: CARTER, B.; _____. **As mudanças no ciclo de vida familiar**: uma estrutura para a terapia familiar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 144-64.

_____; _____. **Genogramas en la evaluación familiar**. España, Barcelona: Gedisa, 1996.

MEIRELLES, V. M. **Feminino superlativo**: mulher, família e carreira. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). PUC-SP. São Paulo, 2001.

MINUCHIN, S. **Famílias**: funcionamento e tratamento. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

NICHOLS, M. P.; SCHWARTZ, R. C. **Terapia familiar**: conceitos e métodos. Porto Alegre: Artmed, 1998.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. Família e Pedagogia: nostalgia do tradicional ou carência do novo? In: FIGUEIRA, S. **Uma nova família?** O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986. p. 55-69.

NOGREN, M. B. P. et al. Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. **Estudos de Psicologia**, Campinas, n. 9, p. 575-84, 2004.

NOLASCO, S. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PATTON, M. Q. Qualitative evaluation and research methods. In: _____. **Design qualitative studies**, 2. ed. Califórnia, USA: Sage Publications, 1990. p. 98-154.

PETERS, J. K. **Mães que trabalham fora**: segredos para conciliar a vida profissional e familiar. São Paulo: Mandarim, 1999.

POSSATTI, I. C.; DIAS, M. R. Multiplicidade de papéis da mulher e seus efeitos para o bem-estar psicológico. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 293-301, 2002.

SILVEIRA, P. **O exercício da paternidade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SOUZA, R. M. **O pai singular**. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). PUC-SP. São Paulo, 1994.

TEIXEIRA, S. A. A camisola do dia. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 10, n. 22, p. 285-328, jul./dez. 2004.

VASCONCELLOS, M. J. E. **Pensamento sistêmico**: o novo paradigma da ciência. Campinas: Papyrus, 2002.

VELOSO, C. Dom de iludir. 1982. In: COSTA, G. **Meu nome é Gal**. São Paulo: Polygram, 1988. 1CD: Digital, estéreo. 836841-2.

WAGNER, A. et al. Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 21, n. 2, mai./ago. 2005.

WALTERS M. et al. **La red invisible**: pautas vinculadas al género en las relaciones familiares. Buenos Aires, Argentina: Paidós, 1996.

APÊNDICES

- 1 MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
- 2 MODELO DOS INSTRUMENTOS DE COLETA DE MATERIAL
- 3 GENOGRAMAS E TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

APÊNDICE 1**MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do estudo: PARENTALIDADE COMPARTILHADA:
REVENDO O LEGADO INTERGERACIONAL

O objetivo desta pesquisa é identificar, na história familiar dos pais que compartilham a parentalidade, o que colaborou na sua constituição. Será dada uma devolutiva sobre os resultados obtidos aos entrevistados, se eles assim desejarem.

Os entrevistados poderão entrar em contato com a pesquisadora: telefone (41) 3338.7915 ou 9183.9727; endereço: Rua Teffé, 1124, casa 05, Curitiba.

Declaro que os objetivos e detalhes desse estudo foram-me completamente explicados, conforme seu texto descritivo. Entendo que não sou obrigado a participar do estudo e que posso descontinuar minha participação, a qualquer momento, sem ser em nada prejudicado. Meu nome não será utilizado nos documentos pertencentes a este estudo, e a confidencialidade dos meus registros será garantida. Desse modo, concordo em participar do estudo e cooperar com o pesquisador.

PESQUISADO

NOME: _____

DATA: _____ RG: _____

ASSINATURA: _____

PESQUISADOR

NOME: _____

DATA: _____ RG: _____

ASSINATURA: _____

APÊNDICE 2
MODELO DOS INSTRUMENTOS DE COLETA DE MATERIAL

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

- 1) Pai _____
- 2) Idade _____
- 3) Profissão _____
- 4) Horário de trabalho _____
- 5) Mãe _____
- 6) Idade _____
- 7) Profissão _____
- 8) Horário de trabalho _____
- 9) Tempo de relacionamento _____
- 10) Renda familiar: () entre 15 e 25 SM; () entre 25 e 40 SM
- 11) Filhos/Idade _____

- 12) Com quem as crianças ficam _____

GENOGRAMA

Introdução

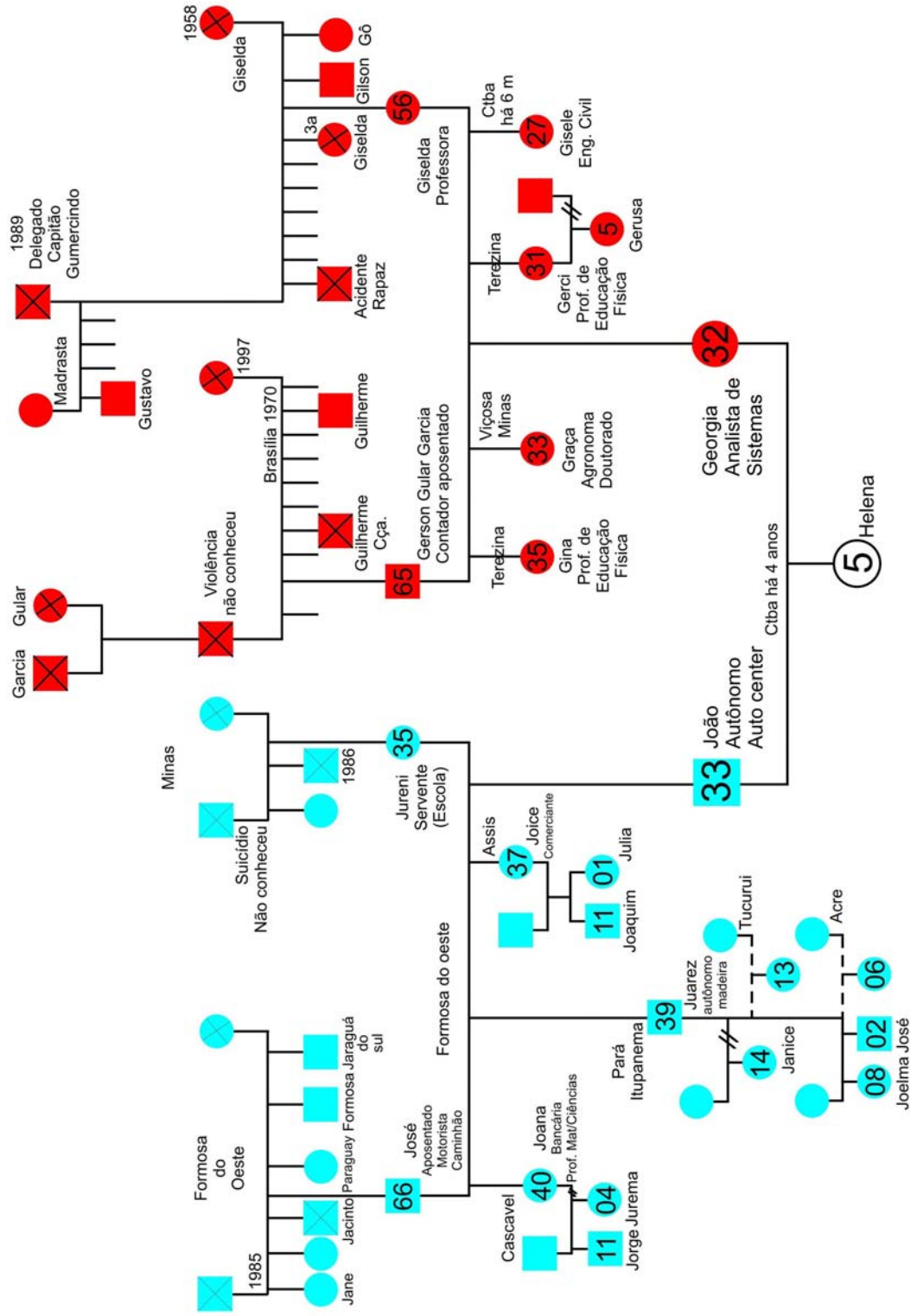
Enquanto é feito, pelo pesquisador, um desenho esquemático da família do entrevistado, conversa-se sobre sua história e em que ela colaborou para ele ser o tipo de pai/mãe que é hoje.

Temas a Serem Levantados

- * Vivências significativas relacionadas a ser pai/mãe.
- * Modelos apreendidos de pai/mãe.
- * Expectativas recebidas dos pais.
- * Impacto da estrutura familiar.
- * Influência de aspectos culturais.
- * Outras relações significativas.
- * Negociações de regras e tomadas de decisões nas gerações anteriores.

APÊNDICE 3
GENOGRAMAS E TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Casal 01



ENTREVISTA CASAL 1

E – Bom, nós vamos fazer um genograma, tá. Genograma é um desenho da família, que nem a árvore genealógica. Então nós vamos começar pela família de um dos dois e nós vamos montar toda ela, tá. Por isto este papel grande na parede. Quem quer começar?

J – Acho que a tua que é maior Geórgia (risos).

G – Mas, começar de quando? Do avô?

E – Não, nós vamos começar primeiro com você, pra eu localizar o papel, preciso saber que filha você é.

G – Há, eu sou a do meio, nós somos cinco e eu sou a do meio.

E – Você é a terceira, então vou te colocar mais ou menos aqui.

G – Nós somos cinco mulheres.

E – O problema é localizar no papel, depois que começa vai. Então das cinco você é a terceira.

G – Sou a terceira.

E – Que idade você tem Geórgia.

G – 32

E – Então, assim, bolinha é mulher e quadradinho é homem tá. Então, duas para cá e três para lá.

G – Não, duas pra cada lado.

E – Há!! duas para cada lado.

G – Isto. A primeira tem 34, é, vai fazer 35.

E – A primeira tem 35, como é o nome dela.

G – Gina.

E – Ela é casada?

G – Solteira.

E – Depois da Gina?

G – Vem a Graça. A Graça tem 33.

E – 33, ela é casada?

G – Não, solteira.

E – Daí vem você, depois eu vou te ligar lá com a família do João, tá.

Estão me acompanhando? E depois de você, Geórgia?

G – Vem a Gercj, que tem 31.

E – É casada a Gerci?

G – *Ela é separada.*

E – Tem filhos?

G – *Tem uma filha, a Gerusa.*

E – É uma menina, e a idade?

G – *Tem cinco também.*

E – Gerusa? Eles se separaram depois da Gerusa, ou antes?

G – *Depois.*

E – E depois da Gerci?

G – *Vem a Gisele que mora comigo, ela é solteira e tem 27.*

E – A Gerci, a Graça e a Gina moram aonde?

G – *Olha, a Gerci e a Gina moram com meus pais em Teresina.*

E – Teresina?

G – *Isto. Agora, a Graça mora em Viçosa, Minas Gerais. Ela estuda, faz doutorado lá, em agronomia. A Gerci e a Gina moram em Teresina com meus pais.*

E – Você é de Teresina?

G – *Hã Hã, na verdade eu nasci no interior, mas já mudei para Teresina. Aí fiquei de lá.*

E – Você só nasceu no interior?

G – *Não, não, a minha infância foi lá no interior. Eu mudei para Teresina com 13 anos.*

E – Os teus pais moram em Teresina.

G – *Moram.*

E – E o teu pai?

G – *É o Gerson.*

E – Idade?

G – *65*

E – E a mãe?

G – *A mãe tem... vai fazer 56 este mês. É a Giselda. Há!! as idades deles são ao contrário, 65 e 56.*

E – Então tem duas filhas solteiras que moram com eles lá.

J – *Não, uma solteira e uma separada.*

E – Isto. Todas mulheres. E a Gerusa mora com a mãe?

G – *Mora com a mãe.*

E – A Graça em Viçosa, Viçosa é Minas Gerais?

G – *Minas Gerais?*

E – E Teresina no Piauí?

G – *Piauí. É longe.*

E – E a Gisele veio para cá há quanto tempo?

G – *Há, me ajuda, ela veio em maio, né amor?*

J – *É maio.*

G – *Então....6 meses.*

E – E vocês estão em Curitiba?

G – *Há 4 anos*

E – 4 anos?.

G – *4 anos, né amor.*

E – Tem avós ainda?

G – *Não.*

E – Dos dois lados?

G – *É.*

E – E o seu pai, é o primeiro, é o segundo?

G – *É o segundo de 10.*

E – 10?

G – *Hã hã.*

E – Seu avô morreu faz tempo?

G – *Bem, meu avô eu nem conheci, agora minha avó morreu em 97, eu acho.*

E – 97? Faz pouco tempo. E esses filhos estão aonde? Em Teresina?

G – *Não, eles estão todos em Brasília.*

E – Todos em Brasília? Seu pai era de lá?

G – *Não, papai era de Floriano no Piauí. Mas todos eles mudaram para Brasília. Só papai ficou no Piauí. Eles mudaram na década de 70.*

J – *São nove tios?*

G – *Não amor, tem um que já morreu.*

E – Você tem contato com esses tios?

G – *De vez em quando, quando eu vou a trabalho a Brasília. Eu estou retomando assim o contato porque o contato sempre foi pouco por causa da distância. Mas ultimamente..., este ano já fui lá duas vezes, não foi amor? Aí fico na casa do meu tio, tenho um pouco de contato, mas é pouquinho mesmo e não é com todos.*

E – E o seu pai e sua mãe você encontra?

G – *Papai e mamãe... eu fui lá a última vez em 2003. Eles têm vindo aqui. Papai veio já agora a última vez quando veio trazer minha irmã em maio e a mamãe em Janeiro. Todo Janeiro a mamãe tem vindo. Então, mais eles vêm aqui do que eu vou lá.*

E – E a mãe. É a terceira, a primeira?

G – *A mamãe... é a quarta de traz para frente. Deixa eu pensar. É a quarta ou é a terceira? É ... porque tem a tia Go que é a mais nova, o tio Gilson e daí a mamãe. Então ela é a terceira mais nova. São dez. Aí vem ela.*

E – Então são dez?

G – *Teve uma que morreu. É engraçado, nas duas famílias teve um filho que morreu. Na família da mamãe foi uma mulher e o nome dela também era Giselda e quando mamãe nasceu botaram o mesmo, era criança, era pequena, 3 anos eu acho. E na família do papai também a mesma coisa, teve um filho que morreu criança ainda e depois nasceu um tio e botaram o mesmo nome, era Guilherme.*

E – Então, nasceu uma criança, era menina. Você sabe a ordem?

G – *Não, não sei.*

E – E também era Giselda. E aqui também teve uma criança que morreu e o nome era Gerson?

G – *Não, não era, era Guilherme e teve um outro tio que puseram o mesmo nome. Minha avó até me falou que não queria por esse nome, mas meu avô queria.*

J – *Era tradição, pelo jeito. Eu nunca nem tinha ouvido falar.*

G – *Não!*

J – *Deve ser meio chato (risos).*

E – Sabe que era bem comum em famílias muito numerosas. Era uma homenagem. Você sabe a idade que as crianças morreram?

G – *Olha a Giselda tinha 3 aninhos. O menino, Guilherme eu não sei.*

E – Ela era perto da sua mãe?

G – *Eu não sei. Talvez fosse até logo antes, porque ela nasceu em seguida, não sei.*

E – Esse dado não é claro?

G – *Não.*

E – E aqui, tem contato com esses tios? (Tios do lado materno)

G – *Com todos, porque todos moram em Teresina só que hoje em dia não tenho mais, mas a vida inteira sempre tive. Com a família do papai é que a gente não teve muito contato.*

E – Eram mais próximos da mãe?

G – *É.*

E – O que fez vocês vir para Curitiba?

G – *O marido, o marido.*

E – Você conheceu ele lá?

G – *Hã Hã, ele estava a 9 anos, né amor, trabalhando pelo Norte e Nordeste e quando a gente combinou o casamento falou em vir morar aqui. Eu também tinha vontade de sair de Teresina por causa do clima.*

E – E vieram para nossa geladeira.

G – *É, mas não me arrependi não, gostei.*

E – Então o João não é de lá?

J – *Eu sou do interior do Paraná. Estava lá a trabalho.*

E – E você é o primeiro, segundo ou terceiro?

J – *Eu sou o último, o quarto.*

E – E a sua idade João?

J – *33.*

E – São quantos?

J – *Tenho duas irmãs e um irmão. Antes de mim é uma irmã, depois um irmão e depois outra irmã. Minha irmã tem 37.*

E – Aqui (anterior a ele)?

J – *É*

E – E o nome dela?

J – *Joice.*

E – É casada?

J – *É.*

E – Tem filhos?

J – *Um casal.*

E – A primeira é menina, menino?

J – *Tem 10 anos.*

E – É menino?

J – *É menino. Pêra aí.... acho que tem 11. A menina tem 1 aninho.*

E – E o irmão que idade tem?

J – *Ele tem 39 acho. Ele tem 3 filhos.*

E – Puxa, já coloquei ele casado.

J – *Ele tem dois filhos do atual casamento, Vixe...você vai ter que fazer muito risco ai, vai ter que improvisar (risos).*

E – Primeiro me diga? Esse aqui é menino?

J – *Ele tem dois filhos do atual casamento. Uma filha do primeiro casamento e dois filhos por fora, que nos sabemos. Minha mãe que sabe das histórias.*

E – Primeiro casamento?

J – *Ele tem uma filha de 14 anos.*

E – No segundo casamento?

J – *Ele tem dois.*

E – É menino o mais velho?

J – *Não, é uma menina, a Joelma.*

E – Que idade tem a Joelma?

J – *A Joelma tem 8. Pêra aí...ela é de 97.*

G – *Se é 97, em 2007 ela vai ter 10. Então ela tem 8.*

J – *É 8.*

E – E o outro.

J – *É o José. O José tem 3.*

G – *Não, o José tem 2.*

J – *A mais velha, a Janice tem 14.*

E – Eles se separaram antes ou depois da filha.

J – *Depois.*

E – Aí, você disse que ele tem filhos fora?

J – *Tem, tem uma menina que deve ter mais ou menos....*

G – *Mais velha que a Helena, deve ter uns 6 anos.*

J – *É, uns 6 ou 7 anos.*

G – *Não 7, não.*

J – *É 6 anos, mora lá no Acre.*

E – Acre?

J – *Tem um menino que deve ter uns 13 anos mais ou menos. Mora no Tucuruí no Pará.*

G – *Há amor, esse eu não conheço não.*

J – Esse é filho de uma policial, ela ligou para mãe, eu acho que é verdade.

G – Há, eu sei dessa história, mas eu pensei que era aqui no Paraná.

J – Não, é lá no Tucuruí.

E – Tá, então essa é a história do....

J – Juares, é só esse, os outros são todos normais (risos). Tem que por uma folha extra para ele.

E – E a irmã mais velha?

J – A irmã mais velha tem dois filhos.

E – E o nome?

J – Joana. Ela tem 40 anos.

E – O filho mais velho?

J – É o Jorge, tem 11 anos, e a Jurema tem 3 ou 4? 4 e ela é separada.

E – Depois dos dois?

J – Depois dos dois.

E – É engraçado essa pergunta, dá para separar antes dos filhos? Até pode.

J – Primeiro separa e depois ainda faz neném (risos).

E – Como é o nome dos filhos da Joice?

J – Há vamos lá, o Joaquim e a Julia. A Jurema eu não esqueci, aquele furacão, o Tsunami.

E – É terrível a Jurema?

J – É.

E – É a que tem idade mais perto da Helena. Todos estão em Curitiba?

J – Não, vamos lá então. O Juares está em Itupanema no Pará, próximo de Belém a capital. Quem mais?

E – A Joana?

J – A Joana está em Cascavel, e a Joice em Assis Chateaubriand.

E – E o pai e a mãe estão vivos?

J - Sim.

E – Em Curitiba?

J – Não, em Formosa do Oeste no interior do Paraná.

E – Nossa, cada um para um canto. Como é o nome do seu pai?

J - José.

E – Que idade que ele tem?

J – 66.

E – E a sua mãe.

J – Minha mãe tem 63, Jureni.

E – Tem avós vivos?

J – Não.

E – Teu pai é qual filho?

J – Agora que pegou hem, eu não sei. Porque.... eu quase não tive contato, só conheço na verdade 3, dois tios e uma tia. Não melhor, deixe eu lembrar.... são seis, agora o meu pai qual que é eu não sei.

E – E esses que você conhece são mais novos?

J – São, deixe eu ver.... um tio e uma tia são mais novos.

E – Você teve pouco contato?

J – É tive porque moram distantes. Acho que os outros eram 3 tias e 1 tio. Teve um que morreu.

E – E a Jureni ?

J – A minha mãe? Eu nem conheci (irmãos da mãe). Eu nunca tinha pensado, quando você (esposa) começou a falar de seus tios que eu tentei começar a recapturar os meus. A minha mãe tem só uma irmã viva mais velha que ela.

E – Teve mais irmãos?

J – Olha, que eu me lembro, era só mais um irmão que morreu em ... 1996. Só ficou ela.

E – O irmão era mais velho?

J – Não, essa irmã era mais velha.

E – Seus avós faleceram faz tempo?

J – A minha avó eu era criança quando ela faleceu e o meu avô eu não conheci. A minha avó eu devia ter uns 3 anos.

E – E aqui (avós paternos) você conheceu?

J – Aí, eu me lembro bem. Minha avó faleceu em 83 e meu avô em 85. Eu tive bastante contato.

E – Com os avós você teve bastante contato.

J – É os avós paternos.

E - Com os tios é que ficou distante?

J – Os tios, na verdade, tem um irmão mais novo do meu pai que mora em Formosa, este eu tenho bastante contato com ele e a minha tia também, a irmã mais velha do meu pai, a tia Jane. Agora, tem um tio que eu nem conhecia ele, fui conhecer agora

uns 3 anos que mora em Jaraguá do Sul. E uma tia que eu também não conhecia, conhecia, mas não lembrava dela, ela mora no Paraguai. Faz uns 6 anos eu fui lá na casa dela.

E – Você veio conhecer agora?

J – Isto. Tem um irmão do meu pai que morreu de acidente quando ele era rapaz. Meu pai fala dele.

G – Irmão da minha mãe também morreu de acidente quando era rapaz.

E – Era mais novo que a sua mãe?

G – Não, mais velho, morreu também de acidente quando era rapaz.

E – E aqui (aos maternos da G), faz tempo que faleceram?

G – Minha avó faz tempo que faleceu, eu nem conheci também. Minha mãe tinha 9 anos quando ela faleceu. Agora meu avô eu conheci e ele morreu em 89.

J – O capitão Gumercindo!

E – Qual a profissão deste pessoal todo?

G – Eu sou Analista de Sistemas. A Gerci e a Gina são professoras de Educação Física. A Graça é Agrônoma e a Gisele é Engenheira.

E – Ela exerce?

G – Não ainda porque ela se formou este ano.

E – E seus irmãos o que fizeram?

J – A Joice é Comerciante e tem uma loja. A Joana é Bancária e Professora de Matemática e Ciências e o Juarez é Autônomo.

E – Trabalha com que?

J – Atualmente está trabalhando com madeira.

E – O que seu pai...

J – Meu pai é aposentado, ele era motorista de caminhão.

G – Meu padrinho também era motorista de caminhão.

E – E a mãe?

J – Minha mãe, ela trabalha em um colégio como servente.

E – Ainda trabalha?

J – Ainda trabalha, eu tinha uns dois anos quando ela começou a trabalhar, está para aposentar, final do ano ou ano que vem ela aposenta.

E – E o seu pai?

G – Papai era contador. Trabalhava em uma Hidroelétrica e agora está aposentado. E a mamãe é professora. Ela ainda trabalha.

E – Como era os pais com vocês?

G – *Era aquela família bem estruturada, né. Papai sempre muito preocupado, direcionando a gente, dando sermão tentando acompanhar cada passo. Via cada nota da escola, mamãe também muito próxima. E a mamãe inclusive quando a gente era criança a mãe não trabalhava porque o papai não queria, porque eram 5 filhos. Então depois quando a gente ficou adolescente, a mais nova ainda era criança, tinha 8 anos, aí que ela voltou a trabalhar.*

E – E ela trabalhava no que?

G – *Também professora,. Daí ela interrompeu por bastante tempo por causa da gente, e aí agora..., depois ela voltou. Então, eles sempre foram muito dedicados a família, aquele esquema, os dois sempre voltados para família. Papai não tinha esse negócio de meus amigos, sair com os amigos, não vou beber e nem jogar futebol, sempre sério, sempre foi desse jeito, sempre muito próximo, o negócio dele era formar filhos para ter um futuro bom.*

E – Ele acompanhava as lições da escola?

G – *Acompanhava, mais a mamãe, as lições. Mas ele acompanhava também um pouco porque ele sempre trabalhava mais que a mamãe. O trabalho da mamãe sempre foi muito flexível e o dele sempre horário comercial. Mas, ele sempre acompanhava, ia na escola, ia buscar, ia comprar os livros. Ele lá em casa é que fazia a feira e até hoje ele faz. Ele nunca foi assim: há, deixe que ela resolve. Sempre ele quis se envolver em tudo. E a mamãe também, a vida inteira sempre dedicada à família e a criação dos filhos. E ele também se esforçando pra manter a condição.*

E – De quem se sentia mais próxima. Do Pai ou da Mãe?

G – *Olha, de certa forma mais da mamãe e por outro lado mais do papai. Por que mais da mamãe, sentimentalmente assim. Mais do Papai no sentido de ser mais parecida com ele.*

E – No que você se vê mais parecida com ele?

G – *No gosto por algumas coisas, no gostar, sei lá..., gostar das coisas organizadas, assim, na personalidade mais com o papai.*

E – Como é que ele é?

G – *Assim, sempre esforçado, sério, trabalhador, responsável, cumpridor de seus deveres, né, querendo fazer seu papel da melhor forma. E muito sério, ele não sabe*

se divertir, o papai. Ele é aquela pessoa voltada sempre para o trabalho, desde criança. Eu não me identifico com ele nesse ponto, de não saber se divertir.

Por que o papai, ele está aposentado e ele fica meio perdido. Ele não sabe ir jogar futebol com os amigos. Ele não tem esses amigos.

E – A vida era o trabalho?

G – *É, era o trabalho.*

E – E a família.

G – *É, e a família.*

E – Agora parece não ter outra ocupação, ficar só em casa.

G – *Agora ele cuida da neta.*

E – E os seus pais, João. Como é que era quando você era pequeno?

J – *Eu não me lembro (risos).*

E – Já faz muito tempo?

J – *Acho, eram...assim, normais. Não eram muito exigentes mas também não deixavam a gente muito descuidados, não. Minha mãe mais enérgica, às vezes... quando a gente não agia de acordo, ela até castigava a gente, meu pai, bem que no caso do meu pai a gente obedecia mais, principalmente eu. Ela castigava e ele nunca castigou ninguém, tipo dar umas palmadinhas, mas agente sempre obedeceu mais ele. E no caso aí, como eu disse, ele não gostava de ser muito severo, mas também não deixava ficar muito bagunçado. Quando acontecia alguma coisa errada ele só olhava e agente já sabia, também. E no caso, a diversão dele era ir num campo de futebol, pra assistir, jogar ele nunca foi de participar, e a pescaria, e até hoje desde quando eu era criança até hoje este é o hobby dele, faz, uns, 8 anos, mais ou menos que ele se aposentou e vai pro rio todos os dias pescar. Ai, quando eu vou passear para lá, aí eu vou pescar com ele direto. Quando ele vem para cá, nos vamos pescar, eu sei que ele gosta, daí eu levo ele direto. E minha mãe é mais caseira, fica em casa, vai na casa das sobrinhas dela no final de semana.*

E – Ela trabalhou sempre quando vocês eram pequenos?

J – *Sempre.*

E – E como é que era a atenção com as crianças?

J – *Eu acho que dividia assim. Mas acho que minha mãe cuidava mais. O pai como eu já disse, sempre mais de longe um pouco, porque ele não era de dar muito carinho para num...., vamos dizer assim, não perder um pouco o respeito. Acho que era o jeito dele, mas não que ele fosse uma pessoa ruim.*

E – De quem você se sentia mais próximo?

J – *Eu? Do meu pai. Acho que igual, só que com meu pai foi sempre assim mais fácil, com minha mãe também, mas eu acho que com meu pai é melhor o contato.*

E – Desde criança?

J – *Desde criança, que eu entendo. Eu acho que sou mais parecido com ele.*

E – Parecido no que?

J – *Neste meu jeito, não sou de rir muito, mais assim... se concentra.*

E – O que você acha ele parecido com o pai dele?

G – *Com o pai dele? Talvez seja no gosto, nesta questão de pescar, de não ser essa pessoa que cobra muito dos outros, mas ao mesmo tempo eu acho ele mais parecido com a mãe pelo lado trabalhador. A minha sogra,... não estou dizendo que meu sogro não seja, é que eu conheci ele já aposentado, e a minha sogra ela não sabe ficar quieta um minuto. Ela é muito trabalhadeira e nesse lado eu acho que ele se parece muito com ela.*

E – E a Geórgia é parecida com o pai dela em que?

J – *Com o pai dela? Acho que no jeito correto de gostar das coisas certas.*

E – E como mãe, no que você acha que Geórgia é parecida com o jeito que ela foi criada?

J – *Acho que eu não acompanhei né.*

G – *As nossas famílias não se conheciam, a gente se conheceu praticamente no casamento.*

E – Daí que as famílias forma apresentadas?

J – *Até hoje não se conhecem direito.*

G – *Até hoje o papai não conhece os pais do João. Mamãe conhece porque a mamãe e o papai sempre vêm em épocas diferentes.*

E – E você se acha parecida em que como mãe com o jeito que você foi criada?

G – *O que eu tento é passar os valores, como meus pais quiseram me passar os valores. Eu sempre comento com o João que às vezes eu tenho medo de deixar passar e não aconselhar. O que eu tento fazer de parecido é passar para ela quais são os valores da nossa família, o que é certo e o que a gente considera errado.*

Também o que a gente não concorda, essas coisas. Eu procuro, assim como o papai fez com a gente, investir bastante nela, na educação, disponibilizar recursos sempre que eu possa para que ela se desenvolva. E procuro também, não só essa preocupação do papai que era muito intelectual, ele também procurou este lado da

brincadeira, de comprar brinquedo, de propiciar lazer, eu também procuro em relação a ela, tento fazer mais ainda, já que só tenho ela e ele tinha 5 para dar conta. E a mamãe, ela fazia uma coisa com a gente que eu não consigo fazer com a Helena, que era brincar junto.

E – Ela brincava.

G – É.

E – Como era essa família só de mulheres com 5 irmãs?

G – Era muito legal, a coisa mais valiosa que eu tenho é essa relação, a gente sempre foi criada junto, forma um vínculo que eu acho que não dá para formar com outra pessoa igual. Então, foi bom, porque o papai sempre pregou a união, ele não queria saber de ninguém brigando, sempre teve alguma briga, mas sempre o papai ali na frente, com a união: Olha, não pode brigar porque as irmãs têm que ser unidas, as irmãs tem que se defender. Então ficou essa coisa de uma defender a outra, e às vezes tinha gente brigando e vinha o aconselhamento do papai. Muita união, assim, a gente era um grupo.

E - E você José, o que acha que tem de parecido com o jeito que foi criado. Como pai?

J – Eu acho que não tem muito parecido não. Porque na minha época meu pai falava e a gente obedecia, e agora... só o meu irmão Juarez que só pelo rabiscos dele dá para ver que não era muito de acordo não. Mas os outros obedeciam, e a Helena não obedece, porque hoje já está diferente, sei lá. Eles eram mais enérgicos e a gente não tem coragem de ficar dando umas palmadinhas. Então a gente fala e ela acaba não obedecendo. Mas a gente procura um contorno e às vezes dá certo.

E – O jeito de se impor é diferente?

J – É diferente, porque eu tenho muito contato com ela, às vezes a Geórgia viaja e ela fica bem próxima de mim daí. Eu também viajava muito antigamente e a Geórgia também ficava. Daí ficou difícil porque como eu passava muito tempo longe, eu viajava muito, queria dar muito carinho, então... eu acho que quando a gente aproxima muito, muito deles, eles acabam... quando a gente vai puxar orelha, brigar, acham que tudo é brincadeira, confundem. E no caso quando a Geórgia viaja, eu fico com ela sozinho, ela fica muito próxima de mim, daí eu não tenho coragem de falar mais sério e ela leva na brincadeira e eu acabo levando também. E eu acho que atrapalha, às vezes, um pouco na educação.

E – Teu pai viajava bastante também?

J – Não, na verdade meu pai trabalhava com caminhão, mas era só na cidade, não viajava não.

E – Então o jeito de impor autoridade...

J – Porque ele era próximo da gente, mas nunca muito próximo, não era de ficar brigando, mas também não era ..., por isso quando ele fazia cara fechada dele a gente obedecia. E hoje se eu faço cara feia para a Helena, ela vem e faz cócega para eu dar risada (risos), não tem jeito.

E – É outra época.

J – É.

E – Como era essa família você sendo mais novo?

J – Foi muito bom, tirando meu irmão que deu um pouco de trabalho para os meus pais, porque ele foi sempre assim levado, desobediente, às vezes maltratava as minhas irmãs, até eu um pouco e principalmente meus pais. Mais hoje ele ta legal, ta longe, não... mas mesmo assim quando ele vem passear para cá eu já fui na casa dele varias vezes, ele ta bem melhor.

E – E assim... se os seus pais sempre trabalharam, o rendimento da família vinha dos dois lados?

J – Isto.

E – Na sua também?

G – Na verdade o da mamãe nunca contou. O rendimento era como se fosse só o do papai, porque o da mamãe era tão pouco e é ate hoje, que não conta com o sustento da casa, só para fazer alguma coisa que ela queira fazer com o dinheiro dela.

E – Seu pai é que sustentava?

G – É.

J – Na minha acho que era dividido, sempre foi.

E – Como é que era assim... Quem tomava decisão, entre o pai e a mãe, quem definia o que ia fazer, quem mandava?

J – Na minha casa acho que sempre foi a minha mãe.

G - Na minha o meu pai. Papai também nunca bateu na gente, a mamãe que dava umas palmadas.

E - Mas assim... , nas decisões da casa de comprar uma coisa, não comprar, sair ou ficar?

G – *Aí, eles faziam uma reunião para cada um dar opinião, e cada um dava opinião, mas aí, ele ia explicar que a opinião dele era melhor (risos).*

E – Ele que dava a última palavra.

G – *Mamãe dizia: Eu não vou dar minha opinião, a dele é que conta.*

E – E na tua casa João, era o contrário, era a mãe que mandava?

J – *É, acho que sim, mais minha mãe que decidia.*

G – *Me parece que ele sempre pede para ela tar decidindo.*

J – *Depois quando minha irmã mais velha ficou mocinha, ela também opinava muito. Foi sempre assim bem direcionada naquilo que ela queria. Eu acho que quando ela fez uns 17 ou 18 anos, foi minha mãe que continuou decidindo, mas muito no palpite da minha irmã mais velha, tenho certeza. Depois que ela casou, voltou minha mãe a comandar. A Joana era danada.*

E – Mesmo a sua mãe não entrando com o dinheiro, quem lidava com o dinheiro?

G – *O papai. Uma época quando eu já trabalhava, a mamãe... o papai queria por o nome dela como segundo titular em uma conta, para resolver algumas coisas e a mamãe não aceitou. Porque era dele. Aí, puseram o meu nome. Então quem lidava com o dinheiro era o papai e o segundo lugar era eu. Hoje em dia é a minha irmã.*

E – A Gina que cuida?

G – *Assim, o papai em primeiro e ela é a substituta.*

J – *Assim, a sua irmã como segunda titular e você na época, mas sempre foi ele.*

G – *É assim, o vice-presidente, mas caso o presidente não pudesse ele entraria.*

J – *Mas ele sempre pode. Ele é contador.*

E – E a sua mãe não entrava nessa disputa?

G – *Não, ela era escaudada, ela sabia que ia dar algum problema e o papai ia por a culpa nela de alguma coisa.*

E – E com você parece que era o contrário. Quem ficava a parte era o papai?

J – *É, e é até hoje.*

E – A mãe que lida com o dinheiro, que administra?

J – *Administra, faz o mercado.*

E – E como é na casa de vocês? Com estas duas famílias o que vocês fizeram? Quem toma decisões?

G – *A gente nunca definiu quem vai ser o que. Um pouco eu, um pouco ele.*

E – Que legal.

J – *A gente divide bem.*

E – E não tinha assim departamentos separados. A mãe cuida das coisas da casa, o pai cuida de investimentos, do carro, sei lá? Era separado na família de vocês?

J – Não no papel assim, mas em parte na minha família tinha mais.

E – Coisas de homem, coisas de mulher?

J – A minha mãe cuidava mais das coisas da casa e meu pai dessa parte de uma reforma, uma troca de carro. Meu pai cuidava mais. Outras coisas eles cuidavam juntos, o meu pai ficava mais direcionado hoje para viagens, praia, fim de ano.

E – E na família de vocês também é separado?

G – Não, um pouco sim, né amor?

J – É, bem pouco.

G – O João... sempre cuida da manutenção da casa, né amor?, Contas de energia elétrica, da manutenção do carro.

J – O carro, lptu

G – É o lptu, todos essas coisas assim ele cuida mais. E já detalhes assim da casa eu cuido mais, tipo assim, eu defino mais... o que amor que eu defino mais? Eu defino mais...o ...almoço

J – É...esta parte...

G – Da decoração.

J – Das roupas.

G – Das roupas.

J – Da Helena, dos brinquedos... eu também cuido um pouco.

G – Até do jardim o João é que cuida mais. A estrutura da casa ele que é responsável, providenciar os consertos, essas coisas assim.

J – É

G – Muito consertinho, como colocar uma cortina... né amor.

J – É

E – Parece que tem diferenças, vocês fizeram um mistura dos dois lados.

G – E lá na minha família quem cuidava de consertos de eletro domésticos, essas coisas assim de marceneiro, eletricista era a mamãe.

E – E na tua casa?

J – Era o papai. A mamãe também, mas mais o papai.

G – Era a mamãe no sentido de consertar ali mesmo. Se tivesse que providenciar fora era o papai.

E – Ela fazia mesmo, punha a mão na massa.

G – *Exatamente. O que ela podia fazer ela fazia. Quando ela não podia, o papai ia contratar alguém.*

E – O que vocês acham que eles esperavam de vocês? O que deixaria eles felizes? O que eles esperavam que vocês fizessem ou fossem?

G – *Papai queria que a gente tivesse muito diploma, muita saúde, papai é deslumbrado com o social, com medalhas, com esse tipo de coisa. Então eu acho que a satisfação do papai... ele vive dizendo, que eu faça uma pós graduação. Então a satisfação dele é nesse sentido, que a gente consiga muito mérito, mais na parte intelectual. Já mamãe se preocupa mais com o sentimento, quer saber se a gente é feliz. O papai ele já tem as coisas básicas que deve existir, e daí a gente automaticamente vai ser feliz (risos). Ele não se preocupa em ser feliz, ele se preocupa com as coisas que as pessoas tem que ter e ai automaticamente ela vai ser feliz, que são o status, o mérito, o diploma, a situação financeira. E a mamãe, por ela eu podia ser uma pessoa simples, uma pessoa que não tivesse.... sei lá, humilde, que não tivesse um diploma, mas se eu fosse feliz, para ela estava bom. Ela não ia querer saber se a gente vai se formar, ela ia querer saber se a gente está feliz.*

E – E o que era para ela ser feliz?

G – *Para ela são coisas simples. A mamãe não se preocupa com aparências. O papai sim se preocupa com as aparências. A mamãe não. Ela quer fazer coisas simples, sabe... ela gosta de dar risada, contar piada, contar historia, deitar na rede, balançar a gente, curtir a vida.*

E – Pra você João, o você acha que esperavam de você?

J – *O que esperavam...*

E – O que fez você ir para o Norte e Nordeste?

J – *O pessoal da minha cidade foi trabalhar para lá e eu fui viajar com eles. Nove anos eu fiquei lá, mudando, mas todo ano eu vinha para o Paraná. Geralmente eu chegava um pouco antes do Natal e voltava só depois do carnaval. Ficava uns dois meses, mas só vinha uma vez no ano.*

E – Eles gostavam disso? Como eles se sentem com cada filho de um lado?

J – *Eu acho que às vezes, principalmente eu e meu irmão que moramos mais distante, eles gostariam de ter um contato maior. Mas também eles já criaram os filhos. Eu acho que para eles e bom porque quando fica todo mundo junto às vezes*

sufoca um pouco. Querem ficar um pouco mais light. Quando tem muito filho e muito neto acaba virando aquela... eu acho que esta bom do jeito que tá.

G – Os dois me falam que o João é um filho maravilhoso. Os dois estão extremamente felizes com ele.

E – De alguma maneira você cumpriu, não sabe o que eles esperavam, mas cumpriu.

J – Que bom.

E – Você sabe o que eles querem dizer com isso?

J - Eu acho que de alguma maneira meu irmão deu algum trabalho para eles no sentido de aprontar, fazer bagunça e eu, no caso eu acho que sempre fui ao contrário. No caso, eu não me lembro de nunca ter tido problema pra chatear eles. Eu sempre obedeci, sempre fui carinhoso com eles. Eu acho que é por isso.

E – Eles comparam.

J – É eles procuram comparar.

G – É, mas é a convivência também. O João convive muito bem com eles. Não chateia eles, procura agradar o pai, agradar a mãe, vai pesca com o pai, ele consegue fazer os pais dele muito felizes, os dois.

J – É, mesmo quando a gente esta em uma conversa e meu pai fala uma barbaridade que eu não concordo, mas eu não vou contrariar, deixo passar.

E – Como vocês vêem o casamento de seus pais?

G – Os pais do João são muito unidos, acho bonito de ver.

J – É, mas às vezes eles brigam também, minha mãe reclama, que meu pai fica muito assim, como eu posso dizer.... assim, descuidado com as coisas, e ela acaba brigando com ele e ele também briga com ela, mas não chegam assim.... discutem, passam uns dias sem se falar, mas depois acho que volta, lá no fundo acho que um não fica sem o outro, também. Mas eu sei que às vezes minha mãe reclama que meu pai anda assim muito chato. Mas ela sabe levar bem.

E – Mesmo que pareça ser um casamento tradicional, eles se entendem do jeito deles.

J – É, se entendem.

G – Já o casamento do papai e da mamãe.... eu sofro um pouco quando eu penso no casamento deles. Por que eles têm muita mágoa, como se diz... se sentem atingidos. Eu acho que no caso dos pais do João é bem mais tranqüilo, os dois se respeitam mais, no caso do papai e da mamãe o casal se causou bem mais

sofrimento e causam até hoje. O papai se sente incompreendido, a mamãe também se sente incompreendida. Eles se amam, mas também se odeiam.

E – De qualquer forma eles continuam juntos.

G – *É, eles vão cumprir esta meta, até que a morte os separe.*

J – *Cumprir o que eles juraram.*

E – Vocês se lembram de algum fato que marcou, tipo assim: quando eu tiver meu filho vou fazer assim, ou não vou fazer assim? Alguma coisa que tenha ficado como um padrão, um modelo de como ser pai e mãe?

G – *Eu lembro de uma, na verdade não é uma coisa, era algo que eu via: a preocupação do papai pelas aparências, eu sempre tive comigo que eu nunca ia fazer isto com a minha filha, eu queria o que mamãe queria pra gente que é a felicidade dela, e não querer que ela fosse o meu troféu pra eu mostrar pro outros. Isto foi muito forte.*

E – Tanto é que você gravou e pensa nisto.

J – *Eu não me recordo, acho que não teve nenhum fato.*

G – *Papai me falou de um fato que ele teve, ele sempre falou pra gente que não batesse, por isto que ele não bate, ele sempre apanhou muito.*

E – Do pai dele?

G – *Sim, ele tem marcas no corpo dele.*

E – Nisto ele conseguiu ser diferente?

G – *É, nisto ele conseguiu, ele tomou esta decisão.*

E – Que bom.

E – Alguma pessoa que não seja da família que marcou a vida de vocês?

G – *Eu tinha pessoas queridas....*

E – Mas assim: Quando eu crescer vou ser igual.

G – *Não tinha estas pessoas.*

E – Destas pessoas das suas histórias, quem seria mais forte?

J – *Acho que meu pai.*

E – Por qual característica dele?

J – *Não sei se vou saber explicar, mas, o fato só de ser pai já...*

E – A autoridade que você falou?

J – *É.*

E – Era muito diferente na família dos avós, o que vocês viram? O que era mais marcante?

G – No pai do papai o que eu vejo era a autoridade do pai e a submissão da mãe. Era coisa que se ele dissesse que pau é pedra ela tinha que dizer amém, mesmo vendo que não era, e ela sempre foi assim. Na família da mamãe, me parece que era um clima muito saudável entre meus avós, só que minha avó não viveu muito, depois veio uma época muito ruim na família dela, que foi quando meu avô casou com outra, e esta figura foi muito ruim na nossa família. Esta é a madrasta má. Expulsou os outros filhos de casa. Só ficou a mamãe, que ficou até casar.

E – E ela teve outros filhos com seu avô?

G – Teve 4.

E – Tem contatos com estas pessoas?

G – Não, hoje em dia, quando eu vou à Teresina, tem um deles que é o mais velho, tio Gustavo, que ele faz muita questão de ter contato com a gente, por que ele também se decepcionou muito com a mãe dele, então quando a gente ta lá ele corre atrás, ele quer ficar ao lado destes irmãos.

E – A relação de seu avô, com a sua avó, você disse que era boa, como era com a madrasta?

G – Bom, era diferente, ela era muito mais nova que ele, ela era uns trinta e poucos anos mais nova que ele, eu não lembro bem quando eu a conheci, meu avô já estava.... meu avô era delegado. Então ele era.... que eu passo segurança... Acho que não era muito boa esta relação. Ao passo que com a minha avó era muito tranquilo, não havia esta submissão, esta coisa ruim, que tinha aí.

E – E nos seus pais tinha?

G – Tinha, por imposição do meu pai, com esta mania dele dizer o que era correto.

E – E, aqui como era? (avós maternos do J).

J – Aqui pelo lado da minha mãe, quando minha avó morreu, eu era criança, e meu avô eu nem conheci. Agora, depois de adulto já, acho que já tinha casado, eu fiquei sabendo que meu avô, ele se suicidou, minha mãe nunca tinha contado pra gente. É... cometeu suicídio, mas foi meu irmão que por acaso descobriu, por um primo nosso, daí ele me contou, faz pouquinho tempo. E lá no caso de meus avós paternos eu tive bastante contato com eles. Eles eram muito unidos e pessoas muito corretas, italianos, e depois eu lembro que minha avó adoeceu e acabou falecendo, e meu avô depois disso,,,,, ele sempre teve muita saúde, sempre foi muito forte, depois que ela morreu, ele acabou ficando assim sozinho, foi até morar com a gente,

mas não agüentou muito tempo, não. A convivência deles era muito boa. Mas, tipo assim, meu avô falava, e minha avó obedecia, no que fosse falado.

G – Eles pareciam ser muito felizes.

J – É.

E – E o contato com eles era maior.

J – E deles também o contato maior era com meu pai, eu lembro que de todos os filhos era meu pai que eles chamavam pra tudo. Tanto é que nós morávamos num sítio, e quando nós viemos pra cidade eles vieram também. Nós morávamos numa casa aqui, eles moravam no terreno do lado. Não conseguiam ficar distante do meu pai, eu acho que até meu pai não conseguia.

E – E aqui você não sabe como era? (avós maternos de J).

J – Eu não sei, mas pelo que eu pude entender eles moravam em Minas, e o meu avô vendeu as terras que ele tinha lá e veio pro Paraná, daí parece que pegou uma geada nas lavouras que ele tinha lá e parece que ele ficou muito decepcionado, queria voltar pra Minas, mas ele já tinha vendido tudo lá comprado aqui, daí acabou se chocando com aquilo e cometeu o suicídio. Parece que ele quis voltar, mas não tinha mais como, ficou muito difícil. Mas, a minha avó, a minha mãe conta, até eu me lembro, as minhas primas, a minha tia, a única que ta viva conta, que ela era uma pessoa muito boa, todo mundo admirava muito ela, ela era uma pessoa assim.... bem legal.

G – Assim é com meu avô, às vezes eu encontro alguém que morou lá no Piauí, fala do capitão Gumercindo: olha o seu avô. E a mamãe, ela tem adoração por ele, apesar de toda decepção depois, ela nunca se revoltou com o pai dela.

J – Até hoje ela conta as histórias do tempo que ele era delegado.

G – É, quando a gente era criança, as histórias que ela adorava contar e a gente ouvia, do capitão Gumercindo, do delegado. Agora na família do meu pai a vida era mais negativa, aquele irmão do papai, o mais velho que foi embora pra Brasília, que foi o primeiro que foi, pra ter uma idéia ele só anda de manga comprida, das marcas que ele tem do pai dele que fez, e ele foi defender minha avó, parece que ele queria bater nela, e por isso que ele saiu de casa.

J - Acho que até por isto que o Seu Gerson, não gosta do sobrenome dele.

G – Papai não adotou o sobrenome do pai dele, tem o sobrenome, mas o último que era deste avô aí, que tem esta confusão, Garcia, ele não colocou na gente, não.

E – Como e o nome completo dele?

G – *É Gerson Gular Garcia.*

E – *Então o Garcia ele não põe.*

G – *É assim, vem o nosso nome, o sobrenome da mamãe e o Gular, é que este Garcia, vem do avô dele, o Gular vem da avó dele, inclusive tem umas histórias sobre este Garcia, que o papai não gosta nem de contar.*

J – *É, eu cheguei bem por último e eu percebo que esta família Garcia, lá em Floriano onde eles moravam, ele não suporta. Eu acho incrível, por que tem histórias... até que eu ouvi agora, que eu não sabia, eu já sabia algumas coisas assim, mas nunca quis perguntar, eu acho incrível e admiro bastante, que parou bem por ali, tanto do meu sogro, quanto dos irmãos dele, todos são bem assim, pessoas super corretas...*

G – *Corretas eles sempre foram.*

J – *Não, corretas...*

G – *Só que meu avô, além de toda esta exigência, da rigidez, ele ainda era violento.*

J - *Mas quando tem uma violência, não é correto.*

G – *É, é verdade, é.*

J – *É isto que eu quis dizer, não desonesto.*

G – *Eu acho que daí parou na geração do papai, a violência, por que nenhum tio tem esta história com os filhos deles. Acho que todos eles quiseram esquecer esta parte aí.*

E – *Legal, ter parado por aí. Agora pra gente terminar. Alguma tradição que vocês levam para a família, assim, quando criança eu fazia tal coisa agora faço com minha filha?*

G – *Não procuro me prender a estas coisas, eu quero ser bem livre na minha relação com a Helena, não ficar perpetuando crenças, por que... estas coisas, lendas. Que não pode tomar banho depois... estas coisas assim, não dou... né, crédito.*

E – *E o João tem alguma coisa?*

J – *Eu também acho que não.*

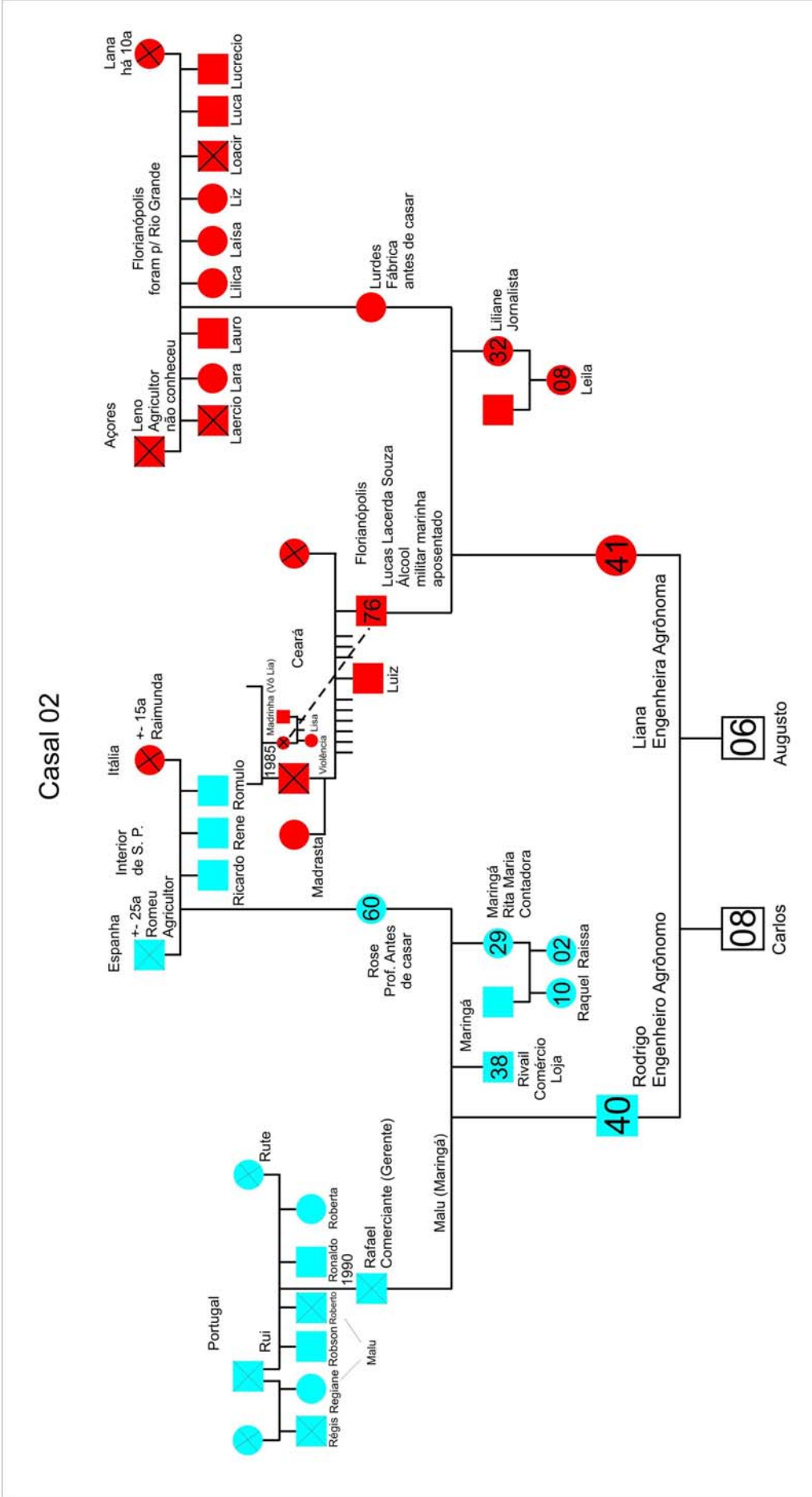
E – *Nem de comemorações, de Natal, de Aniversário?*

G – *Há não, isto a gente mantém, na nossa família sempre teve este negócio de comemorar aniversário, de dar presente, no Natal, no Dia das Mães, no Dia dos Pais, a gente comemora.*

E – *Do lado bom.*

G – É, do lado bom.

J – Mas, também sem exageros, faz a festa dá presente, sem exagero.



ENTREVISTA CASAL 2

E – Então, nós vamos fazer um genograma, genograma é com a árvore genealógica, um desenho esquemático da família de vocês. Quem quer começar? Com qual família?

L – Pode ser a minha.

E – Pode ser a sua Liana? Então me diga primeiro, pra situar no papel, que filha você é?

L – Sou a mais velha.

E – Mais velha.

L – De duas.

E – Que idade você está?

L – 41.

E – Você tem um irmão ou irmã?

L – Irmã.

E – Que idade ela está?

L – Ela é nove anos mais nova..... 33, não né?

R – 32.

L – 32, é a Liliane.

E – Liliane é casada

L – É casada, tem uma filha. É a Leila, ela tem 8 anos.

E – Liliane mora em Curitiba.

L – Em Florianópolis. Eu sou de Florianópolis.

E – Estão me acompanhando? Bolinha é mulher, quadradinho é homem, tá?

R – Expressa um pouco o jeito de ser. (risos). Nada mais apropriado.

E – Tem os pais vivos?

L – Tenho, ela é Lurdes e ele é Lucas.

E – Que idade tem o Lucas.

L - 74.

E – E ela?

L – 72.

E – São de Florianópolis?

L – São.

E – O que a Liliane faz?

L – Jornalista.

E – E o seu pai?

L – Militar, da marinha.

R – Seu pai está com 76.

L – 76, não? É 76? Há é.

R – Vai fazer 77.

L – (risos), eu estava na lógica que ele ia fazer 75 este ano, não sei, então minha mãe esta mais velha também?

R – Não.

L – Você ta vendo que ele sabe melhor que eu.

R – Sua mãe não ficará sabendo disto (risos) desculpe te atrapalhar.

E – Por isto que é bom fazer a entrevista juntos.

L – É verdade.

E – E sua mãe trabalha.

L – Minha mãe, ela sempre.... ela trabalhou um período antes de casar, saiu, foi operária, foi bem independente, até os 26 anos, depois ela se dedicou ao trabalho do lar, da casa, daí ela não teve um trabalho fora.

E – Depois que teve os filhos?

L – Ela sempre... trabalhou em casa, não teve um trabalho fora de casa.

E – Antes de casar ela trabalhava numa fabrica?

L – É ela trabalhava numa fabrica de bordados. Trabalhou dez anos nessa fabrica.

E – E o Lucas ainda trabalha?

L – Não, é aposentado.

E – Há muito tempo.

L – Papai foi reformado, como militar. Por problemas de saúde. Na realidade....

R – Sempre teve surdes de um dos ouvidos.

L – É.

R – Mas um dia ele resolveu se aposentar, aí ele disse que tinha ficado surdo, aí fizeram testes e viram que ele era surdo...

L – Aí reformaram, faltava uns quatro anos pra se aposentar por tempo de serviço, ele resolveu que tinha dado o tempo dele, e aí...

R – O que eu hoje consigo ver, é que permitiu que durante todo o crescimento da Liana e da Liliane ele estivesse bem presente em casa.

E – É aposentou cedo, quanto tempo, mais ou menos?

L – Já faz muito tempo, vai fazer...

R – Liliane era pequena.

L – Liliane era pequena, vai fazer quase... mais de vinte anos, não lembro quando papai aposentou.

R – Deve fazer mais de 25 anos, foi antes de você entrar na Universidade, não foi?

E – E o Lucas, é qual filho?

L – Aí tem uma história longa, por que o meu pai é cearense, e aí, quando o meu pai nasceu, minha avó morreu, logo depois, e ele era de uma família muito numerosa e sem muito dinheiro, aí ele foi criado pelo padrinho, lá do interior, que era uma família com mais recursos financeiros, então ele foi criado pelo padrinho, e na verdade ele tem uma família imensa, por que tem um monte de irmãos legítimos e um monte de irmãos de criação.

E – Destes irmãos legítimos, ele foi o último por que a mãe morreu.

L – É.

E – E quantos irmãos tem?

L – Há, mais de dez, são muitos. Eu não sei direito, por que se perdeu o contato.

E – Com esta família (irmãos legítimos)?

L – É com a família do meu pai, por que meu pai saiu do Ceará com 17 anos, brigado com a família, então ele nunca mais voltou. Eu voltei, retomei contato, conheci, mas ele perdeu o contato, por que não voltou mais.

E – E esta madrinha, era parente?

L – É, tinha um grau de parentesco, eu não sei bem...

R – Era tia, senão, era tia de segundo grau...

L - Era tia, a avó Lia, era madrinha, e foi ela que criou papai.

E – Tia, irmã da mãe?

L – Não sei te dizer.

R – Acho que era irmã do Lacerda....

L – Você ta bom, com a minha família?

R – É que eu pesquisei antes...

L - Ta bom, por que você esta mais interessado que eu.

R – Se precisar tem lá a árvore genealógica (risos).

E – É da parte do pai? (a madrinha).

R – Acho que sim, não tenho certeza.

E – Então tem aqui em algum lugar, uma tia...

L – É, uma tia que era madrinha e criou papai. Que eu conheci, pequena.

E – E você chamava de avó Lia.

L – É

E – Nem com estes aqui, não teve contato? (família que criou).

L – É, assim... ele nunca mais voltou ao Ceará, as pessoas, os tios vieram a Florianópolis, na verdade, meu pai rompeu com o pai verdadeiro dele, com ele, por que meu pai... o Lucas era (por que morreu).... quando o meu avô casou pela segunda vez, e meu pai foi sair do Ceará... ele foi pedir pro meu avô a parte dele, que ele tinha da herança da minha avó, e meu avô.... eu sei desta história por que meu pai conta..... por que ele queria vir pro sul pra entrar na marinha, e meu avô disse que não ia fazer isto, e segundo meu pai ele foi influenciado pela madrasta, então ele rompeu com a família, nesta altura, e ele nunca mais voltou, ele nunca mais falou com o pai, eu fiz isto, voltei, conheci meu avô, acabei fazendo isto, e aí alguns irmão vieram a Florianópolis visitá-lo, mas ele nunca mais voltou ao Ceará, ele rompeu, né.

E – E hoje, vocês tem pouco contato?

L – Tem, muito pouco contato, a minha mãe ficou meio de elo, mesmo sem nunca ter ido até lá, e alguns tios vieram visitá-lo...

R – Tem dois irmãos, um irmão e uma irmã do Lacerda, que procuraram manter o vínculo assim.... que não deixaram.... a tio Luiz e a tia....

L - A tia Liza, o tio Luiz do lado verdadeiro, e a tia Liza do outro tipo de família, mas na verdade eles sempre ligavam, mantinham contato, o meu pai é que marcou uma posição de não voltar, de não ter contato.

E – Daqui, o tio Luiz?

L – É, e dai a tia Liza, minha tia já morreu, mas que foram as pessoas mais próximas, eu tive vários contatos com esta tia, ela veio várias vezes na nossa casa. Quando eu fui pro Ceará visitá-los, eu fui duas vezes, uma vez com o Rodrigo, outra vez eu fui sozinha, a família toda se reuniu... então eles mantêm uma ligação.

R – Quando souberam da prima do sul, a filha do Lacerda, todos se reuniram, numa terça- feira.

L – Juntaram todos os tios, pra me conhecer e o Rodrigo, então eles mantêm...

E - E o seu pai não foi?

L – Não e coincidentemente era o aniversário dele 16 de fevereiro, e nós longe dele.

R – Quando nós voltamos de lá, nós conversamos com o Lacerda e ele se convenceu a ir conosco, levá-lo lá numa viagem né , mas a gente não foi logo, daí ele desistiu e não quis mais.

E – Então ele está assim...

L – Não, ele diz que não vai.

R - Agora acho que não tem mais chance.

L – Então é esta situação, por mais que ele ache que está bem resolvida, obviamente não está.

E – Lacerda é o sobrenome?

L - É, assim que ele é conhecido, Lucas Lacerda de Souza, mas é Lacerda.

E – E a Lurdes?

R – A Lurdes na minha teoria, caiu do céu (risos), ai disseram que ela tinha lá, uma família.

L - A minha mãe é a terceira mais velha né, é o tio Laércio a tia Lara e a mamãe, de onze filhos.

R – Não, mas ela não é a terceira, o tio Lauro é antes dela, ela é a quarta.

L – Tem Laércio, Lara, Lauro e mamãe. Mamãe é a quarta.

E – Ela é a mais nova?

L – Tem vários, ai eu não sei a ordem seqüencial, de quem é mais velho. Tem o Lauro ai tem, vamos lá, Lilica, Laísa, é...., Loacir que já morreu. Laércio e Loacir já morreram é...., Luca, Lucrécio que é o mais novo, e tem a Lis, agora já não sei a Lis acho que é vovó teve onze é Lana o nome da minha avó que já morreu também.

E – Morreu faz tempo?

L – Faz uns dez anos, meu avô, deu branco no nome do meu avô.

R – É que ela não conheceu o avô.

L – Ai meu Deus, eu vou ter que lembrar.

R – Tudo bem, você viu que ela falou que tem sigilo (risos), terminando a entrevista eu faço chantagem (risos).

L – Eu era muito pequena na verdade quando vovô morreu, agora com a minha avó não, com a minha avó eu convivi.

E – E aqui, faz tempo que faleceu também? (avós paternos).

L – Faz, eu estive lá em 1984 , ele morreu em 85/86, fazem vinte anos.

R – Porque depois, quando nós estivemos lá em 89 ele já tinha morrido.

E – E teu pai não ficou chateado de vocês irem?

L – Não, não, ele achava legal.

R – Ele ficou contente.

E – A Liliane não foi?

L – Não.

E – E a família da sua mãe é toda de Florianópolis?

L – Sim, minha mãe nasceu na Barra da Lagoa.

R – A família é toda de “manézinho” lá da ilha.

E – Estão todos lá ainda?

L – Não na verdade moravam lá depois foram para o Rio Grande onde meus tios foram ser pescadores, enfim, então, alguns ficaram no Rio Grande, então o Laércio morava no Rio Grande, hoje quem tá em Florianópolis é a Lara, o Lauro, a Lílica e a Lis.

R – Os que ela teve facilidade de lembra estão em Floripa, os que ela teve dificuldade estão fora.

L – Não, mas a Laisa que eu conheci pouco o Lurecio o Luca e o Loacir estão, estavam porque um morreu, no Rio Grande.

E – Seu pai que foi a Florianópolis?

L – Sim, meu pai que foi conhecer minha mãe, foi na escola de aprendiz de marinheiro em Florianópolis, aí, conheceu minha mãe.

E – Quando ele rompeu com a família?

L – È, quando ele rompeu com a família.

R – Acho que quando ele rompeu com a família ele não tinha decidido ir para Florianópolis, ele ia para a marinha.

L – E acabou indo para Florianópolis.

R – Acabou encostando lá em Floripa.

E – E como é que vocês se encontraram? Você é curitibano mesmo?

R – Não, do Norte do Paraná, de Maringá.

L – Não, de Malu, você é de Malu! (risos).

R – Malu ninguém conhece. (risos).

L – Malu, município de Terra Boa perto de Maringá.

R – É, é perto de Maringá.

E – Então como que aconteceu esse encontro?

L - A gente se encontrou no trabalho, a gente entrou na EMATER, num trabalho aqui no Paraná, numa empresa que trabalha com acessoria técnica para agricultores e nós entramos no mesmo grupo, no mesmo concurso em 1987, 13 de agosto de 1987.

E – Vieram morar em Curitiba, em função do trabalho?

R – Nós fomos trabalhar no sudoeste do Paraná...

L – A gente se conheceu em Curitiba, numa formação aqui que teve.

R – Numa capacitação.

L – Daí a gente já se enroscou aqui, depois a gente foi trabalhar no sudoeste do Paraná e como a gente quis trabalhar em assentamento de reforma agrária, a gente foi pra uma cidade que estava tendo assentamento e ficamos em cidades vizinhas e continuamos a namorar, se ele tivesse ido para um canto e eu pro outro teria acabado, provavelmente. Fomos morar em cidades vizinhas e ficamos 2 anos no sudoeste, daí fomos morar juntos, fomos para Londrina e de Londrina viemos para cá.

R – Na verdade resolvermos morar juntos porque a Liana resolveu economizar o dinheiro dela (risos), ela praticamente.... por que ela pediu demissão da empresa e nós dividíamos o aluguel, ela achou que era mais econômico morar comigo (risos).

E – Estão em Curitiba desde quando?

L – Desde 1990. Na verdade, nós moramos de 1990 a 2003 numa chácara em Quatro Barras, nós moramos em Curitiba desde 2003..... 2002.

De 1990 a 2002 nós moramos numa chácara onde nós produzíamos.

E – Que legal. E o Rodrigo, é o primeiro, segundo filho?

R – Eu sou o primeiro de três, sou o mais velho, depois vem o meu irmão Rivail, que tem 38 anos, e a minha irmã é a Rita Maria está com 29 anos.

E – O Rivail é casado?

R – Não, a Rita Maria sim, e tem duas meninas.

E – Quantos anos?

R – Tem 10 anos, a Raquel. E a ...

L – Não vou falar, onde já se viu esquecer o nome da sobrinha.

R – Pô, eu te ajudei.

L – Você nunca esta com ela, né.

R – Não visito ela faz tempo, mas você também não lembra, né? (risos).

R – Veja como nós somos presentes.

L – Já vou lembrar, ela tem 2 anos, puxa deu branco.

E – Eles não são daqui?

R – Não, são de Maringá.

L – Ainda bem que tudo isto aqui fica em segredo, entendeu.

E – Maringá. O que a Rita Maria faz?

R – Ela trabalha como contadora.

L – Trabalha num supermercado com contadora.

E – E o Rivail?

R – O Rivail não se formou numa profissão, ele hoje tem uma loja de artigos esportivos para veículos.

E – E ele mora também em Maringá?

R – Também, hoje ele mora também em Maringá.

E – E os teus pais?

R – Meu pai faleceu e minha mãe mora em Maringá.

E – Faleceu faz tempo?

R – Faz.

L – 90

R – Em 1990.

E – Como era o nome dele?

R – Rafael, ele era comerciante de ... na época era secos e molhados, empresa de atacados. Chegou a gerente de uma empresa de atacados, foi representante comercial durante muitos anos, minha infância toda, depois ele parou de viajar e se tornou gerente de uma loja.

E – E sua mãe, como é o nome?

R – Rose, tem 60 anos.

E – E ela trabalhou?

R – Minha mãe foi professora até casar, parecido com a Lurdes, casavam as mulheres paravam de trabalhar.

L – Fora.

R – Fora.

E – Rose mora em Maringá?

R – Maringá. Raissa, o nome da sobrinha.

E – Lembrou.

R – Mas não tenho certeza ainda.

L – Depois a gente lembra, que coisa feia, não dá nem pra contar (risos).

E – Rose mora com o Rivail, mora sozinha?

R – Agora o Rivail está morando com ela, por que ele já saiu de casa, mas agora voltando pra Maringá voltou a morar com ela. Agora, acho até que ele está morando na loja que ele está cuidando.

E – Então ela não mora mais sozinha?

R – Há, sim. Mas, não sei se isto é relevante, sozinha ela nunca morou, pois quando nasceu a Raquel, ela cuidou dela.

E – A Raquel morou com ela?

R – Morou com ela.

E – E agora que tem as duas....

L – Leno, era Leno o nome do meu avô.

E – Esta vendo como vem.

L - Não vai falar isso para minha mãe se não eu não vou lá no Natal.

R – É um absurdo.

E – Algum motivo tem, você não conheceu ele.

L - Só no porta retrato.

E – Então você falava que ela cuidou da Raquel quando ela nasceu e da Raisia ela também cuida?

R – Agora acho que não, já cuidou, cuidou da Raisia como cuidou da Raquel.

E – Então agora é que ela está mais sozinha.

R – Mais sozinha.

E – E o Rafael, foi primeiro filho?

R - O Rafael foi o terceiro filho. Veja, o meu avô Rui casou mais de uma vez, casou na verdade três vezes. Do primeiro casamento ele teve um filho.

L – Lá em Portugal.

R – É isso aí nos já estamos falando de Portugal.

L – O pai do Rodrigo é de Portugal.

E – Do primeiro casamento ele teve um filho, e o que aconteceu, ela faleceu?

R – Faleceu, ele casou de novo com minha avó Rute, aí teve o Robson, o Roberto, aí que veio o Rafaelzinho, depois teve o Ronaldo e a Roberta.

E – Quem nasceu em Portugal?

R – Todos. Você esta pondo x em todos os que desencarnaram, então todos com exceção do Robson e da Roberta, não, minto. O Regis faleceu, o Rui, que são os meus avós, O avô Rui e a minha avó Rute.

E – Você os conheceu?

R – Eu conheci a minha avó Rute. Eu não conheci o meu tio Regis, porque quando o meu pai veio para o Brasil ele já tinha morrido. Nós estivemos em Portugal e conhecemos todos os outros. O tio Roberto e o tio Ronaldo vieram para o Brasil também. Então, eu conheci eles desde a infância. O Robson eu conheci há pouco tempo, agora, há dois ou três anos. E a Roberta, eu lembrava vagamente dela desde a infância e agora a gente se reencontrou.

E – A avó Rute faz tempo que morreu?

R – Faz, na minha infância eles tinham a prática dela ficar um tempo na casa de cada filho. Ela já tinha mudado para o Brasil e ficava temporadas lá em casa, o que não é uma memória muito feliz, ela era meio Portuguesa, dura. Ela fazia o pai castigar a gente, dedurava, não era uma pessoa muito carinhosa.

E – E a sua mãe? Era a primeira, a segunda?

R – A minha mãe era a mais velha de quatro irmãos.

E – Homens, Mulheres?

R – Homens, todos, então tem o Ricardo, René e o Rômulo. Meu avô era o Romeu e a minha avó era a Raimunda. Todos falecidos.

E – Faz tempo que eles faleceram?

R – O meu avô faz, faz 25 anos que ele faleceu e a minha avó 15.

E – E eles são também de....

R – Não, não, eles são brasileiros, do interior de São Paulo, também são descendentes de imigrantes. Da minha avó Raimunda são descendentes de Italiano e do meu avô Romeu eram descendentes de Espanhóis.

E – E como é que eles se conheceram? Vieram para São Paulo, então?

R – Não, o meu pai quando eles vieram de Portugal, eles vieram para a cidade onde minha avó morava, ele já tinha uma irmã...

L – Eles vieram para o interior do Paraná.

R – Inclusive assim, do primeiro casamento do meu pai entre o tio Regis e o tio Robson tem a tia Rejane.

E – Há, tem mais uma tia aqui?

R – Isto, o meu pai veio morar com a tia Rejane...Lá ele conheceu a professora, se apaixonaram e se casaram.

E – A Rejane é falecida também?

R – Não, é viva.

E – A Rejane morava em Malu?

R – A Rejane e o Roberto já moravam em Malu. A primeira foi a Rejane e depois ela puxou o Roberto.

E – Então a Rose também tinha vindo para Malu.

R – Exatamente, eles eram do interior de São Paulo e vieram para Malu.

L - O avô do Rodrigo era agricultor. O meu também era.

E – O Leno?

L – O Leno era agricultor, a minha avó era parteira. O avô era agricultor e barqueiro na lagoa.

E – Você falou que a avó Rute era dura, castigava.

R – A minha memória e do meu irmão com a avó Rute não é boa.

L – Nem a da tua mãe. (risos).

R – Nem na memória da minha mãe.

E – Isso é que eu ia perguntar? A Rute era mãe do Rafael...

L – Mas que morou com a Rose, mãe do Rodrigo.

R – Então a memória da Rose sobre a Rute não é muito boa.

E – Sua mãe era diferente?

R – A minha mãe era totalmente diferente, bem diferente.

E – Como era diferente, calma?

R – Minha mãe ela era carinhosa, calma, minha mãe eu acho que ela até ultrapassa o limite. Ela era,,, claro, ficava brava com a gente. Minha mãe ela que nos educou. O pai era totalmente ausente porque ele viajava na segunda de madrugada e voltava sexta à noite. Às vezes ele passava a semana sem ver a gente acordado. Sábado saía para a empresa, voltava a gente estava fora e Domingo saía para trabalhar, então foi minha mãe que nos educou, mas ela era bem carinhosa e então ela nos protegia da avó Rute. Porque a minha avó Rute, meu pai mesmo dizia que a educação que eles receberam foi de muita violência, batiam muito, aquela coisa de educação dura, um pouco que a Lurdes também recebeu da avó Lana. Não era o avô Rui que era bravo, era a avó Rute.

L – Lá em casa também.

R – Só que no caso da minha mãe, os meus avós, a avó Raimunda e o avô Romeu eram... não eram duros, principalmente por parte do meu avô Romeu, era uma educação muito carinhosa. O avô Romeu era uma referência para todo mundo neste sentido, muito amoroso, muito carinhoso, uma referência admirável neste sentido. Como eles trabalhavam juntos, agricultor tem essa vantagem, você mora onde você trabalha, então o convívio dos filhos com ele foi muito forte, e todos de alguma forma guardaram um pouco disso.

L - E...a gente percebe que os tios do Rodrigo são... sensíveis assim, choram, se emocionam, não é um padrão comum dos homens, são sensíveis...

R – Principalmente o mais novo.

L – São absolutamente.... emotivos.

R – E havia muita união, uma coisa bem unida.

E - Então entre a Rose e o Rafael, ela é que era dura e ele mais distante, ele era duro também?

R – Ele fazia o tipo bravo assim, a gente tinha medo dele, mas não que ele batesse, me lembro dele bater uma vez só.

E – Aqui tinha violência (avó Rute)?

R – É

E – Mas não passou?

R – Não, meu pai não batia.

L – Aqui na avó Lana também tem violência, mas não passou para minha mãe. Também tinha violência no meu pai que não passou.

R – A educação era na base da pancada.

E – E aqui? (família que adotou o Lucas).

L – Não, aliás a gente brinca com o papai que era o coco do cachorro do bandido, porque ele era o mais novo de uma família de onze e daí todo mundo ia batendo, batendo e sobrava nele.

R – Mas tem uma situação com o Lacerda. O Lacerda tem um complexo muito grande e quando era menino na família que o adotou ele aprontava muito.

L – Então ele apanhou muito.

R – Daí a turma batia nele.

L – Mas não passou, meu pai absolutamente, nunca bateu em ninguém, minha mãe às vezes ainda dava uns tapas, mas meu pai nunca.

E – Nem desses outros irmãos aqui? (Irmãos do Rafael).

R – Não, da onde eu sei, na família do meu pai não tem violência.

L - Eu não tenho contato com a família do meu pai, e com a família da minha mãe também não tenho muito contato, porque todos foram para o Rio Grande, então eu não cresci com primos.

R – A vantagem é a seguinte, porque são as mulheres que criam as crianças, porque veja, o meu tio Roberto, o meu tio Robson ou mesmo o tio Ronaldo podiam bater nas crianças, mas como são as mulheres que cuidam...

L – Depende, ali quem batia era a Lana e ali quem batia era a Rute, isto não quer dizer nada.

E – Então nesta geração toda...

R – Eu acho que eles conseguiram romper.

L – Eu não sei dizer, porque eu não tive contato, mas com a minha mãe e com o meu pai não passou.

E – Como era a Lourdes então?

L – Minha mãe? O que acontece com a minha família? Meio parecido com o Rodrigo, no sentido de que... quem nos educou foi minha mãe. O meu pai... pela lógica do pai do Rogério que tinha um trabalho, sempre foi uma pessoa ausente, ele nunca.... sempre assumiu a posição do provedor. Então ele tinha um certo distanciamento, ele não podia dar o que ele não recebeu, então era meio complicado para ele, então ele tinha um distanciamento. O meu pai teve um problema de alcoolismo durante muito tempo...O papai se libertou do alcoolismo, o que? Faz dois anos. E também algo muito peculiar, que ele decidiu sozinho parar, teve um problema de saúde e parou, depois de uma trajetória de décadas de alcoolismo ele de um dia para o outro parou, tomou medicamento, consultou um médico, mas parou radicalmente. Então, assim, em função desta coisa do alcoolismo, do caráter do papai, ele sempre foi muito ausente. Então o que acontece, a mamãe sempre fala que o casamento dela foi muito bom mas durou muito pouco. Então a minha mãe sempre assumiu tudo, desde construir alguma coisa econômica, minha mãe que estava à frente embora ela não trabalhasse, ela sempre foi uma pessoa absolutamente carinhosa...

R – A Lourdes é uma figura raríssima.

L – Então, ela conseguiu, apesar de toda a desestruturação que o alcoolismo traz a uma família, ela conseguiu manter com que a gente tivesse uma referência fantástica que era ela mesma, então com o meu pai teve isto. Agora com a minha

irmã era mais complicado, acho que comigo na minha fase de infância, eu lembro muito bem da presença dele, do carinho, mas quando minha irmã nasceu o meu pai fica impotente sexualmente, então o casamento deles acaba. A minha irmã vive então um processo mais agudo do distanciamento, então, tem um babado quente.

E – Tem uma diferença aí.

L – É, eu tive na minha infância, no período justamente que o casamento da minha mãe era muito bom, uma fase que a gente chama de ‘banheira quente’, mas depois não, na segunda infância eu já percebo uma série de problemas, uma coisa muito complicada. Mas a minha mãe era uma pessoa ao mesmo tempo muito forte, muito doce, muito alegre, tanto é que hoje apesar de uma vivência muito complicada, ela não é uma pessoa amarga, era uma pessoa absolutamente feliz que traz luz onde ela está. Ela foi uma pessoa fundamental.

E – E ela que dava conta do dinheiro....

L – É, por que na verdade, meu pai sempre torrava muito dinheiro, então se nós tínhamos uma casa própria foi por que ela fez, inclusive quando meu pai estava fora, na marinha, ela que fez, ela que dava conta de tirar de alguma coisa pra poder estar construindo, embora quem tenha pego o dinheiro foi ele, tinha esta coisa, mas minha mãe sempre conseguiu...

E – Na sua opinião quem mandava?

L – Quem mandava era minha mãe, ela sempre enfrentou, sempre teve uma coisa não subserviente, ela não conseguiu romper e sair do casamento, este limite ela não conseguiu... separar, eu me lembro que eu era pequena e a gente conversava sobre isto, que eu achava que ela devia separar. Isto ela não conseguiu fazer, mas ela nunca se submeteu assim, na relação com ele.

E – Era mais ela que tomava as decisões?

R – Ela deu condições a você e a Liliane de também não se submeterem.

L – Nós duas também nunca nos submetemos ao pai, e o papai era um bom vivan, não queria se esforçar muito.

E – E aqui Rodrigo, quem mandava, quem tomava as decisões, quem administrava dinheiro?

R – Papai, na verdade, assim... papai era muito ausente, então quem cuidava do dia a dia era minha mãe, mas minha mãe sempre foi muito insegura, sempre muito.... tanto é que quando meu pai morreu, a gente sempre conversava, que ela talvez esperasse que eu tomasse o papel de decisão de condução da família... mas ela

nunca teve coragem de tomar decisões, até hoje ela tem dificuldades, ela teve que adquirir autonomia, começar a fazer as coisas por si, mas ela sempre teve muita dificuldade. Não sei quando ela ainda não tinha casado como é que era, mas desde que eu me lembro... e ela mesma diz.

E – Então mesmo distante, quem tem o dinheiro tem o poder?

R – *Sim, quem tomava as decisões da família, o que fazer, o que não fazer era o papai.*

E – Quando ele estava próximo, como ele era como pai?

R – *Pois é, minha memória não é muito boa não, mas minha mãe diz que quando a gente era pequeno, ele era muito legal, ele era carinhoso, ele chegava de viagem, a gente ficava doido esperando ele chegar, sentava no colo dele um tempo, mas eu não consigo me lembrar, tenho uma memória muito, muito vaga disto. A memória que eu tenho é de um tempo, eu já maior, é do meu pai... não era carinhoso, não era violento nem nada, mas era aquela coisa assim, ele olhava a gente sentia medo, não ousava.... mas, depois que ele deixou de viajar, isto eu já tinha 15 anos, ele deixou de viajar e ficou só na loja, então este convívio, com meu irmão que era um pouco mais novo, e depois com minha irmã, que nasceu bem depois, aí já era uma coisa bem diferente, ele já era bem mais flexível, tanto é que eu tive vários enfrentamentos com ele. Eu acho que assim, você percebia a atenção, carinho dele, mas não que ele era uma pessoa carinhosa.*

L – *Mas, um homem muito emotivo, chorava...*

R – *Muito sensível.... era um bom português.*

L – *Ele chorava, manifestava a emoção...*

R – *Era o oposto da educação germânica, que não se mostra, ele se abria.*

E – *Se expunha.*

R – *Havia uma sensibilidade, se expunha, mas havia também muita ignorância, do ponto de vista que ele se irritava muito fácil, ele era machista...*

L – *E tinha esta coisa da autoridade, do exercício da autoridade.*

E – *Mesmo sem ter a avó Rute por ali, ela tinha que bancar.*

R – *Agora, minha mãe, assim como a Lurdes, também muito carinhosa, muito doce, suprimindo, acho que a gente teve ‘banheira quente’ mesmo, muita atenção direta, indireta, no cuidar dos filhos.*

E – *O que você acha Liana que o Rodrigo repete, da família dele, como pai como marido?*

L – Pouca coisa.

R – Pouca coisa?

L – Eu acho que sim, eu acho que tem a coisa da sensibilidade, acho o ... chamar muita atenção, o chorar... do pai dele, e o Rodrigo é um homem que expõe muito as emoções, tanto a fragilidade, manifesta, procura manifestar...

R – Há, mas eu sou travado pra chorar...

L – Pra chorar sim, mas eu digo, pra manifestar... é... é...pra se relacionar mais neste ângulo, e eu acho que isto talvez tenha uma construção que venha daí, mas no resto, eu não conheci seu avô, por que o Rodrigo fala do avô como uma referência interessante, como uma referência marcante pra ele e eu não o conheci, então o que ele fala do avô dele me parece que tem a ver com ele, nesta coisa mais existencial, do que você busca da vida, dos seus valores, então parece que tem na pessoa do avô dele alguém que tenha herdado aí do avô. E da mãe do Rodrigo na realidade, eu acho que.... eu vejo pouco por que a mãe do Rodrigo é uma pessoa muito insegura, muito depressiva, com dificuldade de se relacionar com o mundo, com as pessoas, uma pessoa muito boa, mas com um universo interior muito difícil de sair. E no Rodrigo não vejo isto, o Rodrigo não tem isto, e ao mesmo tempo não vejo o Rodrigo ter herdado do pai este caráter, de diálogo fechado, mais autoritário, não, não vejo isto.

E – E a Liana, Rodrigo, o que ela repete de lá?

R – Acho que a Liana tem coisas dos dois, do Lacerda e da Lurdes, e acho assim, vamos ver da Lurdes o que a Liana pode ter herdado, autonomia, capacidade de lidar com as coisas, alegria, acho a Lurdes uma pessoa muito alegre, acho que como mãe de alguma forma repete a Lurdes, ela é uma mãe muito interessante, elas gostam de fazer fofoca, ficam horas fofocando....

L – Nós conversamos demais, quando eu vou lá, ou por telefone toda semana, quando eu fui lá agora nós conversamos horas a fio.

R – Mas, é por que eu tenho muita dificuldade de ver o lado negativo da Lurdes, agora do Lacerda ela herdou coisas também, por exemplo, o egocentrismo, marcadamente egocêntrica como o pai dela, marcadamente. Assim, o jeito de ser, que a gente brinca que o Augusto também herda um pouco, mas o Lucas também é muito alegre, muito festivo. E eu acho que a Liana herda mais do Lacerda que da Lurdes, por que a Liana é um pouco mais dura, precisaria ser mais paciente, ela...

tem um limite pequeno, poderia não alterar a voz, deixar... por que a gente pode usar a autoridade, sem precisar dizer não, alterar a voz....

L – É coisa de temperamento, também.

R – Coisa de temperamento, o temperamento da Liane é mais parecido com o do Lacerda que da Lurdes, mas acho que tem uma mistura legal dos dois, e tem todo um processo da vivência da Liana com o Lacerda que é objeto de terapia, uma coisa muito marcada aí. A gente acha que a Liana tem problema com a história de rejeição...

L – Mas, a gente trabalhou agora nos últimos meses a questão da segurança, que eu não tinha nele na figura do pai, por conta do alcoolismo, a questão da segurança, aí, isto se desenha no meu comportamento, muitas coisas do meu jeito de ser, por conta disto.

R – Agora acho que a Liana herda dos dois, por exemplo, o desprendimento das coisas materiais, cuida das coisas, mas não é aquele apego materialista, um desprendimento, que os dois também tem.

L – Coisas de valor.

R – Valores, tem uma herança na Liana dos dois, principalmente da Lurdes, eu acho, que é natural, pois é a figura mais marcante.

E – Parece que o afeto vem daqui (Romeu) e daqui (Lurdes).

R – Não, minha mãe também, mas eu acho que tem uma herança do meu avô Romeu, muito mais que da minha avó Raimunda, que... o que a Liana já observou, marcou os quatro filhos dele, e de uma forma direta ou indireta também nos marcou.

E – Então nestas heranças vieram coisas semelhantes, mas como é com vocês dois, quem define, quem manda, como vocês se organizam com dinheiro?

R – Nós temos um salário, praticamente igual, e este dinheiro entra todo numa conta de nós dois, às vezes eu digo pra Liana que deveria ter mais coisas no nome dela, por que o aluguel do apartamento esta no meu nome, o carro está no meu nome, a chácara esta no nome de nós dois.

L – Mas é uma coisa mais operacional...

R – Mas pode representar...

L – Na realidade, quem cuida do dinheiro da família na prática, sou eu, quem lida, faz a gestão, separa pra pagar conta, vai faltar dinheiro, não vai, onde que vai pegar, na realidade, a muito tempo sou eu que faço isto. A gente teve um tempo que nós fomos morar na chácara, que eu fiquei na produção, cuidando da chácara, de

produzir, com 5 hectares de horta, e eu fiquei lá. E o Rodrigo começou a fazer um trabalho, foi pra Ong, etc, então eu tinha toda a gestão da chácara, e continuou ficando assim, a gente está numa projeção de eu sair, é que como eu trabalhava na chácara, tinha um ritmo que me facilitava mais, por que você tem um ritmo quando você está na produção agrícola diferente de quando você está na cidade, então eu tinha mais condições do que o Rodrigo de estar lidando com isto, mas quando a gente veio pra cá, três a quatro anos, que o meu ritmo também se intensifica, ele acabou não assumindo isto, então esta parte financeira, eu venho há muito tempo lidando.

R – A impressão que a gente tem é que eu tenho mais facilidade, gosto mais...

L – Pra mim é meio chato, mas eu vou lidando.

R – Apesar de que a Liana tem a característica de lidar com várias coisas ao mesmo tempo.

L – Então tem esta coisa da gestão financeira, e no processo decisório, nós temos um processo bem partilhado, eu acho que em alguns momentos eu sou mais imperativa.

R – Eu tenho a impressão, na verdade eu gostaria que fosse assim, então eu me engano, de que nós temos jeitos muito distintos de lidar, e às vezes, pra quem olha de fora, parece que a Liana é uma dominadora, controladora, por que ela verbaliza mais, ela fala com ênfase, mas na hora de decidir....

L – A gente tem uma decisão bem partilhada.

R – E acho que isto se reflete nos meninos, a gente nunca caiu num equívoco de um contradisser o outro...

L – Até por que, tem um elemento fundamental, que é básico pra entender tudo isto, que nós temos uma identidade muito grande na maneira de ver o mundo, no que a gente quer, nos nossos valores, isto que é a base, então assim... não se esbarra no... que você vai fazer, que você vai comer....

E – No menor.

L – É, por que o maior tem uma identidade, nós temos jeitos diferentes, temperamentos diferentes, mas, nossos valores, pra onde a gente quer ir... a gente partilha praticamente integralmente, então assim, isto acaba sendo um facilitador, pra coisas da rotina, inclusive é o que traduz a vida da gente, então acho que isto é um elemento muito importante.

R – Como disse um amigo outro dia, a gente pensa muito parecido sobre as coisas, mas sente e age de forma bem diferente. Se a Liana herdou algo do Lacerda, se é que isto se herda, a Liana tem uma tendência centralizadora, se quiser se deixar dominar é muito fácil, por que ela gosta de exercitar, ou gostava, por que a Liana esta sofrendo transformações muito profundas, e até a Liliane, acho que com ela é muito pior, e isto vem de uma herança do Lacerda, embora eu não consiga achar nem no Lacerda e nem na Lourdes algo de dominador, centralizador...

L – Mais ai, você não vai querer minha análise de analisada agora, porque eu tenho uma leitura para isso.

R – É, é. Por que que eu estou trazendo isso? Há um jeito diferente de lidar com as coisas, mas isso não nos coloca em desigualdade, naquilo que você perguntou, naquela historia, porque há um respeito muito grande e natural que sempre foi assim, da opinião do outro.

L – Eu acho que tem um elemento nosso que é um elemento bem interessante, pelo que eu percebo por ai não é muito comum...

R – Quer dizer que a gente se acha interessante?

L – Não, não, mas é, isto é um dado, nós conversamos muito sobre tudo, então o diálogo sempre foi uma peça fundamental no nosso casamento. A gente conversa sobre tudo, sobre a gente, sobre as coisas.

E – E isso é que faz uma grande diferença, porque nos pais de vocês tudo ficava particularizado, cada um com a sua função, um com trabalho e o outro com a prática da casa, então vocês conseguiram uma diferença grande na relação.

L – Sim, sem dúvida, ai tem essa coisa, a gente busca um exercício, acho que tem um componente importante que é a postura do Rodrigo, para mim nunca foi difícil. Nos mulheres sempre tivemos uma luta nesse sentido, da divisão das coisas, da igualdade, então com o Rodrigo isso sempre foi um elemento facilitador, a postura e a prática dele, eu nunca tive muito problema, não tivemos grandes embates para poder conseguir isso porque foi traduzido numa vivência dele, embora na prática a gente ainda percebe, por exemplo, não sei se pelo meu jeito de ir fazendo muita coisa, a gestão doméstica ainda é minha, ainda é minha por mais que a gente converse sobre isso, mas é que você tem que considerar outras coisas, o Rodrigo teve uma dinâmica de trabalho muito intensa, por um tempo, externa, e eu acabei ficando por conta da chácara também com a coisa do privado, cuidando do privado, então eu até hoje estou numa dinâmica, que não é pouca, doméstica, e eu faço, em

todos os sentidos, desde, tudo. O Rodrigo até pode partilhar mas gerir isso e se preocupar... Ainda tem isso.

R – Que eu gostaria, inclusive que fosse cada vez menor.

L – Mas na prática ainda permanece.

R – Que não é uma coisa que me incomoda, muito pelo contrário, quando você viajou, por exemplo, claro que um período muito curto, mas eu gostaria de exercitar a divisão disso, até porque lidar com as crias, lidar com essas questões...pelo menos enquanto eles são pequenos, para mim é um prazer.

L – Na verdade, é, é, é há uma naturalização dessa história, ele vai ter de fazer um grande esforço para se apropriar de coisas, que tem uma dinâmica que ele nem pensa e que para mim...sabe, coisas banais, chega de noite tem que por roupa para lavar, tem que comprar comida, e é o cardápio para a empregada, roupa da criança, e é tanta coisa ao mesmo tempo...

R – Você ficou uma semana fora e a casa continuou no mesmo ritmo, e você...

L – Claro, eu tenho uma empregada lá te ajudando (risos).

R – Você também tem...você quer dizer assim... é preciso sim, um exercício, exige um esforço, mas não é uma coisa difícil.

L – Não há resistência, mas a gente não conseguiu...

R – Eu acho que é mais justo dividir, ficar mais igualitário, porque eu acho difícil, mesmo as mulheres e não só os homens se dar conta do que está por trás de cuidar da casa, cuidar das crianças, porque assim, são tantas as coisas que precisam ser feitas diariamente, cotidianamente, e as pessoas não se dão conta e aí não valorizam, então as pessoas tem que fazer isso, a gente tem que fazer isso.

L – Então... Isso foi a fala de você quando eu cheguei, que eu fiquei 6 dias, dei uma escapada, saí, o que é muito raro, quando a gente sai sempre sai junto, ou sai a família, e eu saí sozinha, nossa casa tem trabalho que é um volume, ainda que tem alguém para ajudar, então ainda tem isso. Mas no âmbito da educação dos meninos, aí é uma mudança radical em relação ao que nós tivemos, absolutamente, aí acho que em alguns casos, mais qualificado do que eu, na forma, não no conteúdo, nós partilhamos muito do conteúdo, a gente não tem atrito na forma de educação, no que deve ser trabalhado com eles, com os meninos, nós temos uma perspectiva que deve ter limites claros pros meninos a gente tem uma autoridade sobre eles, mas a gente, ao mesmo tempo... muita festa, muito amor. Então neste sentido há uma diferença radical enquanto casal.

E – Hum, Hum.

R – *Talvez aí, até o diferencial do que a gente teve, porque muitas vezes eu sou mais carinhoso, eu tenho uma necessidade enorme de exercitar esse carinho, de verbalizar, de demonstrar, eu tenho todo um grude muito grande, e aí a Liana por conta das vivências, menos, um pouco menos. O que não quer dizer que não seja carinhosa. Aí, eu tenho que concordar com que a Liana falou, minha mãe também já disse isso, que aí, nisso, eu me pareço com meu avô Romeu.*

E – Legal.

R – *Ele também era bem carinhoso.*

E – E nesta herança toda vocês acham... o que eles esperavam de vocês? Assim, qual a expectativa que eles tinham? Como é que eles vêem vocês?

L – *Eu acho que sim, eu acho que... mas assim, há uma característica interessante das nossas famílias, por mais que eles quisessem, eles nunca projetaram para nós. Então, nós fizemos escolhas radicais na nossa trajetória, nós trabalhávamos, para dar um exemplo, com pesquisas, o Rogério também trabalhando, nós vivíamos normal, comprando apartamento... largamos tudo, vendemos tudo e compramos uma chácara, que não tinha nada e que começamos do zero, no meio do mato, eu me enfiei no mato. Então, a minha mãe, aquilo tudo inquietou, como...tinha uma trajetória. Então eles jamais projetaram para nós ou nos cobraram, mas eu acho que... me olhando e olhando meus pais, acho que eles gostam do que eu me tornei, entendeu, acho que admiram. Nós não fizemos as escolhas mais convencionais... a fala da minha mãe, se for me comparar com as pessoas da minha época, da minha infância, da minha geração, né, as pessoas ganharam dinheiro, nós fizemos outras escolhas, mas a mamãe não vê no olho deles o brilho que vê no meu. Então eu acho que eles reconhecem que são escolhas meio esquisitas, mas que a gente está bem. Tem uma coisa que para eles acho que no sentido da minha mãe e também do meu pai, que é uma coisa que para eles é interessante, é a família que a gente construiu, o casamento, a união, a maneira como a gente vive, isto para eles é um motivo de muita alegria, o pessoal mas também o caminho que a gente construiu como família, eles gostam bastante e ficam muito alegres com isso.*

E – E a sua?

R – *É diferente. Na verdade há algo que me incomoda, eu sempre fui um filho...eu enfrentava meu pai para defender meu irmão, enfrentava meu pai para defender minha mãe, mas, o meu pai me adorava, a gente se entendia muito bem, desde*

sempre, porque eu também sempre fui um filho certinho, sempre passei de ano, nunca criei nenhum tipo de problema. Acho que isso é um problema porque sempre fui assim...tão...

L – Os irmãos brincam que ele é o filho preferido.

R – Brincam que eu sou o preferido, a minha mãe é muito...

L – Na verdade nós somos, para a Rose, os interlocutores dela, com quem ela consegue falar, e você vê que já faz um ano que ele não vai lá. Então realmente cuida muito bem da mãe, você. Se meus filhos fizerem o que você faz com a tua eu estou ferrada (risos).

R – Mas há uma coisa que talvez seja até exagerada de reconhecimento, de,,, e também tem uma coisa, que para eles as vezes pesa, assim, o caminho que a gente fez embora seja diferente, houve uma projeção, um trabalho novo com agricultura e tal, e de alguma forma isto chegou para eles, as vezes aparecendo na televisão, com viagens ao exterior, daí a minha mãe... a sensação de que 'nossa...ta bem sucedido' . E ela vê, as duas vêem que a gente é feliz no que faz na vida profissional, e como a Liana falou, no jeito que a gente vive.

E – De qualquer forma você parece que já tinha cumprido antes de casar a expectativa.

R – Era, era.

L – Eu, entretanto, antes de casar eu era...o Rodrigo me resgatou, me salvou. (risos).

R – A Liana teve... foi uma adolescente rebelde.

L – Mas assim, nada muito sério.

E – Mas, de qualquer forma hoje eles estão felizes por vocês estarem felizes.

R – Tem uma coisa que eu acho exagerada, é a felicidade da Lurdes por eu e a Liana termos nos encontrado, acho que ela projeta um pouco do que ela não teve, ela projeta alguma coisa que não era real...

L – Por outro lado a minha irmã, até está se separando agora, tem um casamento confuso, difícil, então acho que é uma projeção para nós, ali, da situação.

R – Quanto mais eu falo que ela está errada, que ela ta exagerando, mais ela acha que...mas para a Lourdes é isto, ela se sente feliz em ver a felicidade da gente.

E – E tradições, seja de Portugal, da Espanha....

L – Ali é tudo Lusitano, ali não, ali é Ceará.

R – Porque a família da Lurdes, são Açorianos.

E – Seus avós vieram de lá?

L – Não, não, mais pra trás.

R – Mas não deve estar muito longe. No meu caso, já é um cachorro vira lata, mas tem uma influência forte portuguesa.

E – Então o que vocês pensam de tradições, que vocês querem manter, passar pro Carlos e pro Augusto?

R – Você sabe que muito tempo, nós ideologicamente mantemos uma resistência com tradições, né.

L – Na verdade, pra mim, a gente tem trabalhado muito isto, a vida suscita, existe uma herança cultural muito grande, neste bloco da minha mãe, ali, inclusive...

R – A história das bruxas...

L – Não, tem todos uns arquétipos que eu gosto de cultivar com os meninos, enquanto... se for pensar em tradição que se traduza no comportamento, ritual...

R – Não, isto é uma coisa que a gente não cultiva, rituais...

E – Vocês não são convencionais.

L – Não, não somos.

R – Mas, a gente gostaria de ter alguns rituais assim, porque podem ser muito interessantes.

L – Eu na minha história, eu não tive essa coisa da família, não no núcleo.

E – Família extensa.

R – É, nunca tive porque a gente era meio isolado, um ramo todo no Ceará e o outro ramo praticamente no Rio Grande. A gente só vivia com a tia Lara, que era a única tia que eu tinha perto de mim, então assim, não tinha esse universo, essa coisa que cultua as tradições. Então, religião na minha casa nunca foi uma coisa forte, minha mãe era católica, mas a gente nunca teve essa coisa da religião como uma tradição forte, então a gente não teve...

E – Nem festas?

L – O Natal é uma data que com os meninos, apesar da gente não ser católico, e desta forma não vemos o Cristo como o grande, mas como um dos grandes profetas, como outros, então não somos cristãos nesse sentido, pensamos assim. Mas, por conta de achar que é importante para os meninos ter essas referências, tipo o Natal, a Páscoa que tem um significado forte, trabalhamos muito o significado, e os aniversários. Todas as outras datas comerciais não são comemoradas em casa e são discutidas com eles, e aí é uma batalha, o dia das crianças... a escola trabalha

um pouco o dia do pai, o dia da mãe, e a gente também trabalha isso, mas esta coisa do comercial a gente procura marcar bem. Então como ritos assim, o Natal a Páscoa e os aniversários, são datas que a gente procura realmente cultuar. Agora como tradições... nem de Portugal que o Rodrigo...

R – Não, eu não herdei isso de ritos, festas, apesar de ter três culturas distintas, o Italiano, o Espanhol e o Português, meu pai, minha mãe não cultuava essas coisas. O Natal, por exemplo, minha mãe gostava de coisas simples, nunca gostou da Ceia, de ficar de noite, aí fazia um almoço...

L – São bem diferentes, são duas famílias bem diferentes, a minha família gosta disso, festiva, gosta de ritos, nós temos uma diferença grande, pelo Rodrigo a gente não precisava comemorar aniversário. E o aniversário dos meninos é um grande acontecimento, não é uma super produção, mas é porque eu faço tudo, desde a comida até os enfeites eu e minha mãe...

R – Eu não faço nada?

L – Não, você participa na hora da festa (risos)...

R – Aquela loucura que vira, eu não estou lá então?

L – Ele se vestiu de Mago Merlin na última festa.

R – Mas, dá muito trabalho essas festas, nossa senhora, é um Stress.

L – A minha mãe cultuou muito essas festas, essa coisa de cuidado, então a minha mãe fez assim, eu aprendi assim, então os aniversários eram maravilhosos, e agora com os meninos, os aniversários são um momento de celebração, é toda uma preparação, uma produção artesanal mesmo, toda a decoração a gente faz junto, as comidas, minha mãe vem, a gente faz juntas, é um ritual, aí os meninos são envolvidos, se há alguma coisa... esse momento é bem marcante. O Natal e a Páscoa que a gente acha que é importante para eles, a gente faz e cuida, procura dar um caráter bem tropical, então o nosso presépio é de negros, tem tudo uma coisa outra por trás que daí já é nossa. Mas não são famílias com tradições, e isto tem todo o lado ruim que pesa, mas também tem o lado bom que são referências boas que a gente pode estar trabalhando.

E – Mais alguma coisa que vocês acham importante que eu não tenha perguntado sobre o nosso tema?

R – Uma coisa que eu acho relevante, é que eu nunca tive um problema, uma situação difícil, assim como a Liana com o alcoolismo do Lacerda, acho que a vida me poupou bastante.

L – Uma coisa que eu acho interessante é que o meu pai, isto nos últimos 25 anos, meu pai nunca teve problema com serviços domésticos, tanto é que até bem pouco tempo, antes de ele ter problema na perna, quem sempre lavou louça foi o meu pai. A louça era dele, ele que lavava, que secava, que lavava as panelas, depois que ele se aposentou a louça sempre foi dele. Eu nunca tive essa coisa...tinha uma divisão clara, minha mãe sempre cuidou mais da casa, da comida, mas também não era aquela coisa, meu pai não fazia nada. Tanto é que durante tanto tempo o meu pai que lavava a louça lá em casa.

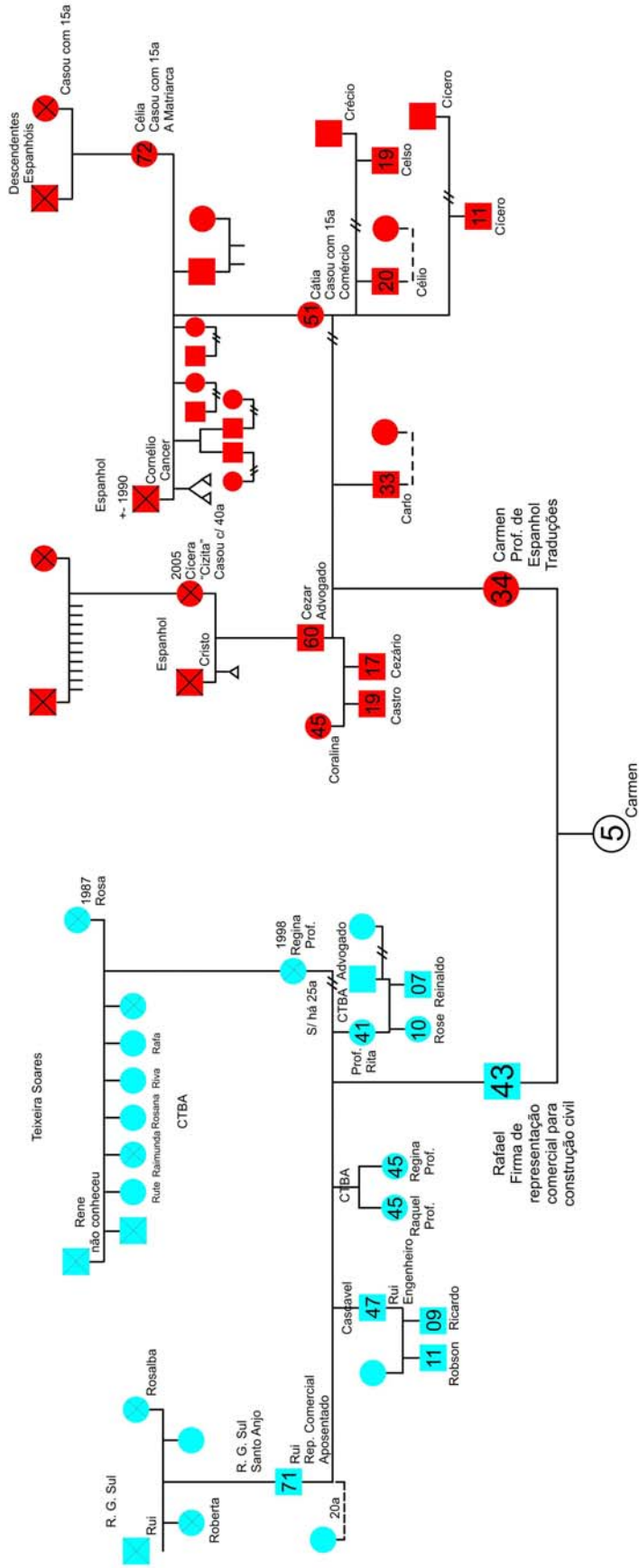
R – Minha mãe, com a desculpa que ela não tinha filha mulher, porque quando minha irmã nasceu eu já tinha 11 anos, ela dizia que eu e o meu irmão tínhamos que ajudar nos serviços da casa, tanto é que eu sempre gostei de lavar louça e lavava louça desde pequenininho, passar cera, passar escovão, depois conseguiram comprar uma enceradeira, eu me lembro que eu era o mais velho, era o maior e o meu irmão sentava no escovão e a gente ficava brincando. Ai tinha uma divisão, um lavava a calçada e o outro varria o quintal, depois a gente invertia.

R – Mas isso não é padrão, porque teu irmão já não faz.

L – Eu aprendi a fazer comida, ele teve a mesma oportunidade e na verdade é um grande de um malandro.

E – Acho que vocês dois tiveram famílias bonitas, mas que cada um tem que aproveitar e tirar o melhor para si.

Casal 03



ENTREVISTA CASAL 3

E – Então, neste papel nós vamos fazer um genograma, sabem o que é um genograma? É como a árvore genealógica da família, mas o genograma é mais esquemático e nós vamos representar toda a família de vocês, e vamos conversando sobre várias coisas, modelos de pais, como vocês foram criados, como é a família, para depois fazer uma análise da entrevista, tá?

C – *Pode ser pela minha.*

E – Pode ser pela sua? Para localizar no papel, me diga qual filha você é?

C – *Eu sou a mais velha, única filha mulher de sete irmãos.*

E – Mais velha de sete, então vou por você aqui.

C – *São seis homens e eu sou a única mulher, mais velha.*

E – Que idade você está?

C – *34, depois tem o Carlo de 33.*

E – Depois dele?

C – *Depois tem o Célio.*

E – Vamos falar um pouquinho do Carlo, ele é casado?

C – *Ele é... disse que.... ele mora no Caribe, longe da família, faz tempo já, e tem uma namorada, que vai e volta, agora parece que querem ficar juntos, para ver se casam.*

R – *Tem uma namorada.*

E – Tem uma namorada, por isto vou fazer um pontilhado, por que não é um casamento ainda, mas estão querendo se casar. Não tem filhos, o Carlo?

C – *Não.*

E – Mora no Caribe, faz tempo?

C – *Ai! Quanto tempo? Antes da Carmem nascer.*

R – *5 anos.*

C – *5 ou 6 anos.*

E – E depois do Carlo, você disse que tem o...

C – *Célio.*

E – Célio é casado?

C – *Não, Célio tem namorada também, faz anos que esta namorando com a mesma menina e ele tem 20 anos.*

E – Estão me acompanhando?

C – R – *Sim, sim.*

E – Bolinha é mulher, quadradinho é homem.

Depois do Célio?

C – *É que eu tenho irmãos por parte da mãe e por parte do pai, tem que fazer pela idade?*

E – Não, então vamos separar quem é do pai quem é da mãe.

C – *Então fazemos da minha mãe, é, o Carlo, o Célio, o Carlo e eu somos os mais velhos, do primeiro casamento do meu pai e minha mãe.*

E – Você e o Carlo são do primeiro casamento, é isto?

C – *Sim, depois minha mãe e meu pai se separaram, e minha mãe casou por um lado e meu pai por outro, aí, do casamento da minha mãe nasceu, Célio, Celso e Cícero.*

E – Tem três, do segundo casamento dela?

C – *Sim, Célio, Celso, Celso tem... um ano a menos que Célio.*

R – 19.

C – *Ele está com 19. Minha mãe se casou três vezes, então vem o Cícero que é do terceiro casamento.*

E – Então do segundo é só o Célio e o Celso, este não. Então, do terceiro casamento dela temos quem?

C – *Cícero, que tem a idade do Robson, tem 9, não, não, tem 11.*

E – E estes casamentos também são separação? Não é falecimento?

C – *Não, é separação. Aí, meu pai casou por seu lado, e ele teve dois filhos, Castro e Cezário.*

E – Qual a idade deles?

C – *Castro deve ter a idade do Celso, 19 e Cezário, dois anos a menos, só que eles vão fazer anos, então pode ser que o Célio vai ter 21 daqui a pouco, é que são tantos irmão, que eu meio que.... mas é isto aí.*

E – Todos homens, só você, e a mais velha, mulher. E onde está este pessoal todo.

C – *Na Argentina, menos Carlo que está no Caribe.*

E - Todos os outros na Argentina. Pai e mãe também?

C – *Isto. Você da risada, não, um monte de gente (para o R). Vai precisar outra folha aqui do lado.*

E – E quanto tempo você está no Brasil?

C – Bom, eu vou fazer nove anos de casada, então faz nove anos, por que eu casei, fiz a lua de mel na Argentina e vim morar no Brasil.

E – Então vou ligar você aqui com o Rafael, Rafael você é o primeiro, segundo...

R – Eu sou o quarto.

C – Que quarto!!!!, meu primeiro marido (risos).

E – De marido sim, mas de filho.

C – Há.

R – De cinco eu sou o quarto, o segundo mais novo.

E – Então vocês estão casados há 9 anos e vieram para o Brasil há 9 anos.

C – Mas que a gente se conhece, vão fazer 15 anos.

E – Você está com que idade Rafael?

R – 43.

E – E aqui tem a Carmem, que está com 5, isto?

C – Isto.

E – Então o Rafael é o quarto, de um casamento só?(risos).

R – É, o primeiro.

E – O mais novo é...

R – É uma mulher, com 41, o nome dela é Rita.

E – Ela é casada?

R – Ela é casada e tem dois filhos, um casal.

E – O mais velho é menino ou menina?

R – É menina, a Rose, que tem...

C – A Rose deve ter 9 ou 10.

R – Tem 10, e o Reinaldo tem 7.

E – A Rita é a caçula, depois vem você e depois...

R – Depois vem duas irmãs gêmeas, são gêmeas.

E – Aqui?

R – Isto, as duas com 45.

E – As duas são casadas?

R – Não, solteiras, a Raquel e a Regina.

E – Isto?

R – E depois tem o meu irmão mais velho, o Rui, com 47.

E – É casado?

R – Casado e tem dois meninos, um com 11 e o outro com 9.

E – Como é o nome dos meninos?

R – *Robson e Ricardo.*

E – Vejam, os nomes é só pra poder falar deles, depois eu vou trocá-los todos.

Tem os pais vivos Rafael?

R – *Tem o meu pai.*

E – Que idade que ele está?

R – *Está com 71, é o Rui.*

E – É o nome do irmão mais velho. E a mãe?

R – *Minha mãe é a Regina, também o nome da minha irmã, ali ó. Ela é falecida.*

E – Quanto tempo ela faleceu?

R – *Foi em 98, faz uns 7 anos.*

E – E os seus Carmem?

C – *Minha mãe tem....51.*

E – Como é o nome dela?

C – *Cátia.*

E – E seu pai?

C – *Meu pai, ano que vem faz 60, é o Cezar.*

E – E o pai do...

C – *O pai do Célio e do Celso é o Crécio, eu não sei a idade dele, e do Cícero é Cícero, também eu não sei a idade dele.*

E – E a esposa de seu pai?

C – *Coralina, puxa que idade deve ter Coralina, acho que uns 45, bem mais nova.*

E – Estes tem diferença grande ou não (maridos da mãe)?

R – C – *Não, não.*

C – *Devem ter 54 ou 55.*

E – Você tem contato com eles?

C – *Com Coralina sim, por que ela esta casada com meu pai e eu me dou muito bem com ela, agora com Crécio e Cícero não por que minha mãe se separou e...*

E – Do último ela também se separou?

C – *Também.*

E – Ela está sozinha hoje?

C – *Está sozinha.*

E – E o mais novo, mora com ela?

C – *Todos moram com ela, o Carlo não por que ele está...*

R – O Célio, o Celso e o Cícero moram com ela.

E – E como vocês se visitam?

C – Bom, quando eu vim morar aqui, todo ano eu ia pra lá, uma, duas vezes por ano, mais ou menos, até Carmem nascer, depois as coisas complicou e então agora são eles que vem mais nos visitar. E... minha mãe, por causa de tantos filhos e trabalhar, é mais difícil poder dispor de tempo pra viajar, então já faz dois anos que eu não vejo ela. Agora fim do ano estou indo lá pra visitar por que as saudades são muito grandes. E meu pai não, meu pai vem duas vezes por ano geralmente, vem aqui pro Brasil e fica conosco. Mas, apesar disto eu falo toda semana com minha mãe por telefone, quarenta, cinqüenta minutos, eu sei mais da vida dela lá, eu falo com meus irmãos direto também.

E – Consegue manter o vínculo?

C – Sim, isto é muito forte, a minha família pra mim é o mais importante que eu tenho, e agora é só Rafael e Carmem a família que eu tenho, pois minha família ta na Argentina, e tenho esta nova família no Brasil, e o nosso contato é direto, direto.

E – E você sabe o que aconteceu no casamento dos seus pais?

C – Uma coisa que... eles se separaram quando eu tinha 9 ou 10 anos, e... minha mãe casou com 15 anos, e o único namorado que ela teve foi meu pai, eles namoraram dos 13 aos 15, daí meu avô falou que já era muito tempo, meu pai era de Buenos Aires, minha mãe de Sucomar, fica 1100 km, e meu avô falou pra ela que ou casavam ou terminavam o namoro, aí casaram. Então eu acho que eles casaram muito jovens, e teve um momento da vida deles que ela pensava de outro jeito, meu pai tinha outros planos, não combinou e acabaram separando. Então ela casou muito jovem, separou muito jovem, e aí casou de novo, mas também não era a pessoa certa, e separou jovem também, teve dois filhos logo, e separou, e depois o terceiro, acho que foi mais por solidão, e aí veio mais um filho e terminou complicando as coisas. Acho que o relacionamento dela... quando vinham os filhos terminava complicando o relacionamento.

E – Mas aqui, ela ficou... antes do Célio, quando casou a segunda vez, tem um intervalo grande, não sei se ela ficou sozinha um bom tempo depois que se separou de seu pai?

C – Ela ficou... aí eu não sei bem, mas ela ficou vários anos sozinha, e depois ela casou, ela juntou, na verdade e logo nasceu o Célio. São muitos anos de diferença entre um e outro, então eu acho que mais da metade entre estes sete anos ela ficou

sozinha, ela deve daí ter ficado uns dois, três anos, daí nasceu o Celso, daí nasceu o Cícero, ficaram mais um tempo juntos e depois separaram.

E – Até teus nove anos vocês moravam com o pai?

C – *Pai e mãe.*

E – E depois vocês moraram só com ela, você e o Carlo?

C – *Com minha mãe, isto. Depois que ela casou com Crécio ele veio pra nossa casa, daí nasceram meus outros dois irmãos, e estávamos morando juntos, eu tinha meu pai e tinha o novo esposo de minha mãe, e meus novos irmãos, e depois que nasceu o Celso, meu avô materno... por que eu sou muito unida com meus avós, ele ficou muito doente, com câncer, e eu fui morar com meus avós por que eles estavam me precisando.*

R – *Era o avô da mãe.*

C – *Isto, da mãe.*

R – *Pai da mãe.*

E – Logo que nasceu o Célio?

C – *Não sei se logo, um ano depois, eu fui morar com meus avós.*

E – Como era o nome deles?

C – *Ele Cornélio, e minha avó chama Célia. Eu sou a primeira neta das duas famílias. Então era a menina mimada das duas famílias, eu adoro eles, minha avó já morreu.*

E – Esta aqui? (avó materna).

R – *Não aqui, os dois já morreram.*

C – *Estes dois já morreram (avós paternos), e a Célia não, quem já morreu é meu avô Cornélio.*

E – E como é o nome destes avós? (paternos)

C – *Ele é Cristo e ela é Cícera, nós a chamávamos de Cizita, ela morreu ano passado, este ano, perdão, com 99 anos.*

E – 99 anos!

C – *É isto aí, ela conheceu a bisneta.*

E – E aqui, faz tempo que este avô faleceu, logo que ele teve câncer?

C – *Não, ele teve muitos anos câncer, mas ele ia operando, e melhorava, e continuava, mas ele morreu, ele conheceu o Cícero.*

R – *Não, em 91 quando eu te conheci ele já tinha morrido, então foi 88 ou 89.*

C – *Acho que em 90 ele morreu.*

E – E você viveu muito tempo com eles?

C – *E depois eu já fiquei direto, por que minha avó ficou muito apegada a mim, então eu fiquei morando com ela, eu fiquei com ela para ajudar com meu avô, depois que ele morreu eu fiquei morando com minha avó.*

E – Até o casamento?

C – *Até o casamento.*

E – Como era a Cátia como mãe?

C – *A minha mãe....*

E – Como era ou como é, como você define ela?

C – *Bom, pra mim ela é uma pessoa extraordinária, ela é maravilhosa, ela é uma pessoa de muita sensibilidade, um coração gigante, ela é muito boa com todo mundo, ela... ela... ela é muito carinhosa, muito compreensiva, assim... ela soube separar, digamos, as experiências com os casamentos com o que era o relacionamento com os filhos, nunca misturou, meus pais se separaram, minha mãe jamais falou mal de meu pai, meu pai jamais falou mal de minha mãe, pelo contrário meu pai fala até hoje que a melhor mulher que ele conheceu foi minha mãe e minha mãe sempre respeitou meu pai, eles tem um bom relacionamento entre eles. Minha mãe com Coralina que é a atual esposa de meu pai, não são amigas de se visitar, mas sempre que tem que me mandar uma mensagem..., para o meu casamento as duas trabalharam juntas, no meu casamento. Os meus irmãos sempre juntos, não importa filho de quem seja, a gente tem uma vida de família apesar destas separações. Minha mãe é muito boa, com todo mundo. Agora eu vejo ela bastante sozinha, ela é jovem, e está sozinha e isto me deixa meio triste, mas...*

E – E a mãe dela ainda é viva, que idade está a Célia?

C – *Sim ela está. Ela casou com 15 também e minha bisavó também, então por isto que minha mãe foi obrigada a casar com esta idade. Então 51 mais 15, não, não, minha mãe é a quarta filha, minha mãe tem 6 irmãos, então... minha avó tem 72 anos, vai fazer, mais ou menos.*

E – Então, ela casou com 15, a avó também...

C – *E a mãe dela também, que é a minha bisavó Ci, e meu bisavô..., eles já são descendentes de espanhóis direto, o meu bisavô era espanhol, e a Ci, era filha de espanhóis, mas nasceu na Argentina. Meu avô Cornélio também descende de espanhóis e do lado de meu pai também todos eles descendem de espanhóis. De*

diferentes regiões da Espanha, mas todos são espanhóis, com todas as tradições espanholas, com toda a cultura da Espanha, com tudo.

Minha mãe se dá muito bem com minha avó Célia, isto que você estava me perguntando, e... até minha avó teve um acidente a pouco tempo, e quem está cuidando dela, quem levou para tratar-se foi minha mãe. Minha avó ela é a matriarca da família, minha avó Célia, ela é a matriarca, então todo mundo se tem uma dor de cabeça, antes de ir pro médico, vai na casa dela pra perguntar, por que confia mais nela do que no resto do Universo. E ela é assim, parece aquelas galinhas que coloca todos os pintinhos embaixo da asa, e cuida de todo mundo e sabe de todo mundo e manda também em todo mundo. Minha mãe, um pouco menos radical, mas ela também é assim com todo mundo, todo mundo se precisa uma orelha pra falar, pra pedir um conselho, ou qualquer coisa, todo mundo vai com minha mãe.

E - E ela trabalha, hoje em dia?

C - Sim, ela tem uma..., como posso falar, lá se chama "dracster", mas aqui.... seria, tipo um comércio com loja de conveniências.

E - Comércio, como tem em posto de gasolina, que tem um pouco de tudo.

C - Isto, que tem um pouco de tudo, e tem comida, deve fazer uns 4 ou 5 anos que ela tem isto, e estão trabalhando com ela Célio e Celso.

E - E ela sempre trabalhou?

C - Minha mãe, ela é fora do convencional, você não pode fechar ela numa coisa, eu... é assim, minha mãe vem de uma família muito acomodada, muito rica, onde, o homem... aquela família tradicional, tipicamente espanhola, onde o homem trabalha, a mulher fica dentro de casa, então, quando a mulher tem 15 anos, tá namorando, tem que casar, não importa... pra salvar as aparências, pra que ninguém fale nada, por que a mulher tem que casar virgem, de branco na igreja, e com este estilo é... de conduta social, padrão social, e muito tradicional. E aqui, foi com minha bisavó, com minha avó Célia, e passou isto pra minha mãe e para as irmãs dela, mas elas eram educadas num sistema tão rígido, tão tradicional, que todos os irmãos de minha mãe se separaram, e minha mãe também. Mas minha mãe, no começo do casamento ela não trabalhava, quando estava com meu pai ela não trabalhava, meu pai saía e eles estavam naquele sistema, depois que ela separou, a vida não ficou tão fácil pra ela, e tem que lembrar que na Argentina teve monte de problemas econômicos, então esta família que era tão rica, terminou saindo da classe alta, e ficando na classe média, então minha mãe sempre teve uma vida muito acomodada, e depois que ela

casou e separou, sempre teve o apoio de meus avós, nunca ficou sozinha, mas só que ela começou a trabalhar, e aí sempre teve o negócio dela, nunca foi empregada. Mas aí casou de novo e cada vez com mais filhos... e agora ela continua com o negócio dela, mas o nível aquisitivo que ela teve, que ela tem, foi cada vez mais diminuindo. E muitos filhos, o Cícero nasceu um ano antes de eu casar.

E – Sua diferença é bem grande para o Cícero. Então o Rafael entrou na família quando sua mãe estava começando a se relacionar com o Cícero?

C – *Aí, como eu ia explicar para o Rafael, eu mal falava português, toda aquela constelação, aí eu falei: minha mãe, meu pai e ponto. Aos poucos ele foi aprendendo (risos).*

E – E como é que vocês se conheceram, você e o Rafael?

C – *Na praia.*

E – Lá?

C – *Aqui no Brasil, vim passar férias aqui com minha mãe, e estas férias, estávamos com Cícero, o pai de meu último irmão, e aí, no mesmo dia que eu cheguei já conheci o Rafael, daí o Rafael começou a ligar, começou a me visitar na Argentina direto.*

E – Que praia?

C – *Guaratuba.*

E – Vieram se encontrar em Guaratuba.

C – *Esta é outra história, nós íamos para Pernambuco, no nordeste e terminamos em Guaratuba, mais perto e um lugar que não tivesse Argentinos, e aí conheci o Rafael.*

E – Você falava da família tradicional, que influenciou todos os seus tios, que acabaram se separando, quem é o mais velho?

C – *São gêmeos, dois homens, depois vem duas mulheres.*

E – Gêmeas, também?

C – Não, não, são duas mulheres, daí vem mais uma...

R – *Não, daí vem tua mãe, que já tá lá.*

C – *Há, tá, com minha mãe são seis, temos cinco, falta o último que é um homem.*

E – Então, todos eles tiveram esta quebra do padrão, se separaram...

C – *Sim, menos o último, que é mais novo que eu, e casou faz pouco tempo, e tem dois filhos, todos tem mais ou menos dois filhos.*

E – Parece que sua mãe e esta geração, fez uma quebra no padrão...

C – *Sim, todo mundo quebrou aquela tradição digamos.*

E – *E seu pai como era como pai, também tradicional?*

C – *Meu pai, ele também vem de uma família tradicional, só que minha avó, aquela Cizita, a mãe do meu pai, ela casou com 40 anos, ela vem de uma família de 11 irmãos, e ela era a mais nova, então a mais nova ficava cuidando dos pais, então você veja como era tradicional e forte o estilo, né. Ela casou então com 40 anos, e perdeu o primeiro filho, e depois no segundo nasceu meu pai, o primeiro morreu antes de nascer e meu pai.*

E – *Também é uma quebra de padrão, vem de família numerosa, casar tarde.*

C – *É isto aí, e tem só um filho, na realidade o primeiro morre e nasce o segundo, então ela foi ter o segundo filho com 42 anos, não sei se ela gostaria de ter tido mais filhos, mas a idade já não permitia. Mas nasceu meu pai, então meu pai era super protegido, super mimado, então meu pai, eu acho que ele vem de uma família tradicional, porém ele tinha liberdade para tudo, por ser o único filho, e tudo mais.*

E – *E como pai, como ele era?*

C – *Meu pai, quando eu era criança tenho muitas boas lembranças do meu pai, ele sempre foi muito companheiro, muito carinhoso.*

(quebra na gravação)

E – *Vocês podem ter gêmeos, pois tem dos dois lados.*

C – *Sim, e minha avó Célia perdeu os dois primeiros filhos que eram gêmeos, só que eu tive que fazer tratamento pra engravidar, minha mãe é muito fértil, meu pai também, só que eu não sou, e quando resolvemos ter filho, a mãe do Rafael já tinha morrido, então somos só nós para cuidar da Carmem, e eu dizia, pelo amor de Deus, não quero gêmeos.*

E – *E é bem possível de vocês terem gêmeos, se pretendem ter mais filhos?*

R – *Não, ta bom já.*

C – *É, ta bom.*

E – *E aqui Rafael, me diga como era sua mãe, como mãe?*

R – *Minha mãe sempre cuidou bem da gente, muito carinhosa, é... fazia de tudo pelos filhos, não minha mãe trabalhou, acho que antes de eu nascer, ela era professora, depois que eu nasci ela parou de trabalhar.*

E – *Antes dos filhos?*

R – *Não, antes de mim, aí ela parou de trabalhar, e depois voltou, no finalzinho da vida dela, mas trabalhou 3 anos só, a maior parte do tempo ela cuidou dos filhos, ela*

teve problema no nascimento da minha irmã, quase faleceu, da mais nova, então daí ela ficou cuidando de casa.

E – E teu pai?

R – Meu pai, autoritário, honesto, trabalhador, mas muito autoritário, fez a gente ficar com medo, até, às vezes, bem rígido, mas... ele judiava muito da minha mãe também, qualquer problema com os filhos era culpa da minha mãe que não ensinava. Não foi um pai participativo, sempre autoritário, então a maior parte da educação quem nos deu foi a mãe, pois a gente ficava a maior parte do tempo com ela, do que com ele.

E – Ele trabalha ainda?

R – Não, ele está aposentado, meu pai, ele trabalhou como diretor de uma empresa de madeiras, de compensados, e depois ele foi representante comercial, ta aposentado, fazem 10 anos que está aposentado, ta com 71.

E – E ele mora sozinho?

R – Não, ele conheceu... ele se separou da minha mãe, e ficou... depois que se separou...já faz...

C – Quando eu te conheci, já estava... já faz mais de 15 anos.

R – Fazem uns 20 anos que já esta com uma outra senhora, eles moram em Santo Anjo, no Rio Grande do Sul.

E –Então ele se separou da sua mãe faz tempo?

R – Separou, ficou uns 2 ou 3 anos, depois ele conheceu esta senhora e ficou...

E – Quanto tempo que está separado da sua mãe?

R – Há, no mínimo uns 25 anos.

E – Ele teve outros filhos aqui?

R – Não.

E – E onde estão o Rui...

R – O Rui mora em Cascavel, faz uns 15 anos que ta morando lá, a Raquel e a Regina, elas são solteiras ainda e são professoras aqui em Curitiba.

E – Moram juntas?

R – Moram, só as duas.

C – E a Rita também em Curitiba.

E – O que a Rita faz?

R – A Rita trabalha numa escola, acho que é professora, né? De uma escola pública da Prefeitura.

E – E o Rui, o que faz?

R – O Rui é engenheiro.

E – E seu pai e sua mãe moraram em Curitiba?

R – Eles moraram aqui, casaram moraram em Curitiba, depois se separaram, meu pai conheceu esta senhora, que ela era de Santo Anjo, era amiga da minha tia, ela veio, morou aqui, acho que uns 10 anos em Curitiba, ela também é separada, não, ela é viúva, daí conheceu meu pai e ficaram uns 10 anos em Curitiba, agora faz uns 10 que estão em Santo Anjo, por que ela tem filhos lá. Ele foi pra lá, ele tem a minha tia, irmã dele que mora lá.

E – Teu pai é o primeiro filho, segundo...

R – Meu pai é o do meio, são três. Era uma irmã mais velha, ele e mais uma moça.

E – Você tem avós ainda?

R – Não, não já faleceram. A irmã mais velha dele também já faleceu, só tem a mais nova.

E – E a sua mãe?

R – A minha mãe, ela... é a mais nova de sete. Seis mulheres, e o meu tio, era o mais velho homem, então você conta o primeiro homem e o resto tudo mulher e minha mãe a mais nova.

E – Também não tem avós aqui?

R – Não, também já faleceram.

E – Faz tempo?

R – Em 87 morreu a minha avó, e aí começou, morreu este meu tio, morreu em 91, minha mãe já morreu, a irmã antes dela também e a segunda morreu.

C – A tia Raimunda morreu.

R – Mas tem a tia Rute antes dela, e o resto ta vivo, então tem a Rute, a Raimunda, a Rosana, a Rafa... mas falta uma, há, a Riva antes da Rafa, eram 8.

E – E esta família da sua mãe era de onde?

R – De Teixeira Soares, mas vieram pra Curitiba. Nasceram em Teixeira Soares, meu tio, este que faleceu era madeireiro lá, depois vieram pra cá a família toda e depois foram casando.

E – Você tem contato com este pessoal? Carmem, conhece eles?

C – Todos, bom os que morreram antes de eu conhecer o Rafael não, mas eu conheço todas as histórias que eles estão sempre relembrando e contando.

R – Você conheceu o meu tio e tia que faleceram.

C – *Sim, mas seus avós maternos não, e das tias por parte do pai conheci a Roberta que era a mais velha que já morreu, conheço a que ta viva.*

R – *Conheceu minha avó.*

C – *Eu... uma das coisas que influenciaram, na decisão de casar com o Rafael, é por que eu gostei muito da família dele, e eu penso que quando a gente casa, para mim é tão importante a família, que você casa com a família também. Então se você gosta da pessoa, mas não gosta da família, não tem bom relacionamento, acaba atrapalhando o casal, e mais, eu tendo consciência que teria que deixar toda a minha família, todo o meu núcleo, para vir cá ao Brasil, só com ele e a família dele, então uma das decisões que pesou para me casar com ele foi que eu gostei muito da família dele.*

E – *O que você gostou da família dele?*

C – *A mãe dele era maravilhosa, a minha sogra, eu tinha uma paixão por ela, e acho que ela também por mim, nos dávamos muito, e éramos muito parecidas.*

R – *Ela se dava melhor com a Carmem que com minhas irmãs, minhas irmãs eram mais... tipo individualistas, tinham a vida delas, e a Carmem mais caseira, participava mais. Até no gosto, na escolha de roupas, participava mais.*

C – *Éramos muito companheiras, éramos amigas também. E estas tias, as irmãs da mãe dele, são muito divertidas também, eu gosto muito delas, e foi o que mais me influenciou.*

E – *E como vocês decidiram vir para o Brasil, passou a idéia de ficar na Argentina?*

R – *Não, acho que não, por que eu já estava estabelecido aqui com meu trabalho...*

C – *Eu tava na faculdade, eu sou advogada, pelo Direito Argentino, quando eu conheci ele, eu tava na faculdade, eu estava estudando, e quando eu me formei, ele já fazia mais de 10 anos que tinha a empresa dele, então... e nesta época estava a crise econômica na Argentina, então era o mais lógico eu vir para aqui, pois tinha a empresa dele que já estava consolidada, do que os dois começarem do zero, por que eu ia começar do zero, recém formada na advocacia, e ele ia ter que deixar a empresa dele pra começar do zero lá numa situação crítica na Argentina, então, foi meio natural a escolha, não foi discutida. Mas que foi amadurecendo ao longo de cinco anos que nós namoramos, por que esta parte de deixar minha família, pra mim, foi meio traumática. Eu chorava muito, no meu casamento a maioria chorava e chorava, parecia mais um velório, por que era o corte do cordão umbilical.*

E – E como era assim... no casamento dos seus pais... quem tomava decisão, quem lidava com dinheiro, quem dava a última palavra, quem mandava?

R – No meu caso era meu pai, meu pai por que minha mãe não trabalhava, né. Então depois que ela começou a trabalhar, nesta segunda etapa da vida dela, eu que fazia o talão de cheque, controlava os recibos do banco, como faço aqui também, eu sou muito organizado, aprendi com meu pai, eu trabalhei um tempo com ele, eu sigo ali certinho.

E – Então você que administrava o ganho dela?

R – É.

E – E hoje você faz com a Carmem?

R – É.

C – Ele é o administrador da casa, eu não sei o numero da conta, eu trabalho, tenho o meu dinheiro, mas nós temos conta conjunta, e eu confio nele, como ele é administrador, trabalha com isto, ele que meche mais nesta parte. Eu tenho o meu dinheiro, ele tem o dinheiro dele e temos o nosso, e os dois ajudamos com o gasto da casa, ele mais eu menos, eu pago mais as coisas da Carmem, ele diz assim, você com teu dinheiro vai fazer os luxos, e eu vou pagar as contas mais pesadas da casa.

E – E isto era diferente lá nas famílias de vocês?

R – Meu pai era, por que minha mãe... apesar de que quando ela se separou do meu pai, ele continuou dando uma espécie de mesada, como se fosse uma aposentadoria, e ficou pagando esta aposentadoria e ela se aposentou, e ele dava este dinheiro pra ela e fora ela trabalhando.

E – Mas, ele que cuidava?

R – Sim, ele continuou cuidando da minha mãe.

E – Então o fato de não trabalhar...

R – Há sim, ela era muito dependente dele, talvez o fato de não separar antes, por causa de insegurança, com cinco filhos.

E – E com sua mãe era assim também?

C – Estava pensando como era, com minha mãe e meu pai, eu acho que eles continuaram o esquema, com meu pai pagando tudo e minha mãe cuidando dos filhos, depois que eles se separam, minha mãe foi pra luta, então sim ela tinha seu dinheiro, tinha suas decisões. Aí, quando ela casou com Crécio, ela meio que voltou no padrão que o homem sai pra rua e ela fica em casa, mas depois que ela separou

dele, ela assumiu o controle novamente e continua assim, ela foi mudando de esquema, ela ia e voltava. Mas com minha avó era completamente assim, ele pagava todas as contas, ele trabalhava ela ficava em casa, e em geral com minhas tias foi mais ou menos parecido também.

R – A geração da minha mãe, minhas tias, nenhuma... algumas trabalharam como professoras, no começo, mas depois se aposentaram, minha tia Rute está com 90 anos e minha tia Rafa que é a mais nova deve estar com quase 80, é outra geração.

C – E você olha aqui, comparando as duas famílias, a mãe do Rafael com as irmãs, tem a idade da minha avó Célia, então é parecido mesmo que eles continuem naquele mesmo esquema, e a minha mãe, na idade, ela está mais perto da idade do Rafael que da minha idade, então esta mais perto da geração do Rafael com os irmãos dele, e eu entraria um pouco mais atrás e meus irmãos depois. A família do Rafael são mais velhos, e a minha família são bem mais jovens.

E – E agora conhecendo um pouco da família da Carmem, Rafael, no que você acha que a Carmem é bem diferente? Como mãe, como esposa?

R – Em relação a família? No que ela é diferente, não posso dizer, por que quando eu vou pra lá agente fica uma semana, dez dias, não tem um comparativo.

Eu não sei como foram tratados os filhos, o pouco que eu sei tua mãe trata bem, como você trata a Carmem, o teu pai também com teus irmãos, faz de tudo, estou tentando fazer um comparativo do que é diferente lá.

C – Eu fui... você lembra que eu morei com minha mãe, até os 17 ou 18 anos, por ai, e depois fui morar com minha avó, e toda minha vida com a mãe de minha mãe, naqueles esquemas, então eu fui educada naqueles esquemas bem antigos, eu sou uma pessoa que já foi criada com uma mente....então eu me acho antiga, em comparação com as amigas que eu tenho da minha idade, muito tradicionalista, meio moralista, e cheia de coisas, um pouco da minha família, um pouco mais modernizada, mas não liberal, comparando com a antiga eu sou mais aquele outro padrão, por causa da minha educação. Eu acho que por isto eu me dava tão bem com minha sogra. Por que as duas tinham o mesmo pensamento de agir de pensar, de como você tem que cuidar também da aparência, aquela coisa que agora ninguém liga. E eu... minha mãe é assim, minha avó era pior ainda. Só que minha mãe já não foi tão estreita, minha mãe, só com a vida dela já quebrou todos os padrões tradicionais, mas como ela sempre educou num sistema moralista, tradicional, mas também confiou, “eu te mostro como que é, e você vai tomar tuas

decisões e dar conta das conseqüências que você vai ter na sua vida”. Minha avó, ela educava e reprimia por medo das conseqüências, minha mãe não, já liberava, “eu ensinei, agora você administre aquilo que eu ensinei”. Eu acho que nisto eu pretendo fazer... continuar o que minha mãe... se a gente olha neste desenho, não pode ser muito modelo de coisas, por que... três casamentos, mas pra mim, minha mãe é uma pessoa que eu admiro muito, pela fortaleza que ela tem e pela personalidade que ela tem, e para mim é um exemplo a seguir, eu gostaria de ser um pouquinho de tudo aquilo que minha mãe é. É maravilhosa, minha avó também, mas ela é mais controladora, minha mãe não, minha mãe da liberdade, livre arbítrio, assim, “eu te ensino e você dispõe do que eu te ensino o melhor que você puder”.

E – Parece que teve muito mais mudança de sua mãe pra com sua avó do que de você pra com sua mãe, por que sua mãe já fez muita mudança. A pioneira, a inovadora.

R – *Acho que ali todo mundo já fez uma mudança, esta geração sofreu ali, por que era muita pressão lá de cima, quando foi, abriu todo mundo.*

C – *Mas a minha avó a Célia, ela também foi reprimida pela mãe dela, aí era pior que a minha avó. Então, o Rafael talvez não veja tanta diferença por que minha mãe é uma pessoa que se dá muito bem com ele, muito parecida com a cabeça do Rafael, ele se identifica muito com minha mãe, e eu me identifico muito com a minha sogra.*

E – Interessante.

C – *Ele já não se identifica tanto com meu pai, por exemplo, por que o meu pai é da típica sociedade Argentina tradicional machista, então homem pode tudo e a mulher não pode nada, o homem tem muitas permissões e a mulher não, quanto mais mulheres tiver, mais macho é, mais se reafirma, e o Rafael não se identifica com isto.*

E – Então, conhecendo a família do Rafael, no que ele é diferente?

C – *Bom, meu sogro é muito autoritário, ele é o dono da verdade, eu gosto muito dele, mas ele tem esta personalidade muito forte, e aquela coisa de que impõe educação pelo medo, o Rafael não faz isto com a Carmem, ele é muito companheiro, ele brinca muito com ela, ele escuta muito a Carmem, ele tem uns traços de... daquela educação meio firme demais, autoritária pode ser, mas não tanto assim como meu sogro, ele fez um equilíbrio, entre o carinho, a dedicação, que herdou da mãe dele e o que está certo, como as coisas devem ser, sem um tipo...*

como meu sogro, ele impunha a determinação dele, e tinha que cumprir, gostasse ou não gostasse. E o Rafael conseguiu equilibrar, então eu não vejo tão diferente dos dois, ele fez um equilíbrio dos dois.

E – Bom o modelo de casamento a gente já viu, casamentos tradicionais...

R – *É, meu pai depois de um certo tempo, começou a pular a cerca, muito mulherengo, e foi aí que minha mãe se separou.*

E – E teve assim, uma outra pessoa, não necessariamente da família, ou da família, que vocês admiravam, como um modelo, que queriam ser parecidos?

C – Eu tenho, meu avô Cornélio, o pai da minha mãe, ele é uma pessoa assim, que não só eu, todo mundo admirou, uma pessoa muito boa, muito honesta, generosa, muito simples, muito trabalhador, muito lutador, muito querido, ele era admirado na cidade inteira, até ele foi um grande empresário, um grande esportista, reconhecido na Argentina também, então ele provocava admiração de todo mundo e dentro da família, pra mim era minha paixão, ele e minha avó Célia. Os outros, meus avós pelo lado do meu pai, o meu avô Cristo, ele morreu quando eu era muito jovem, devia ter 4 ou 5 aninhos, então não tenho muitas lembranças dele, e a outra avó era aquela avozinha da Disney, boazinha, aquela que faz tudo pelos netinhos, que da comida na boca, faz carinho, mas ela morreu com 99 anos, então é aquela vovozinha de contos, maravilhosa, mas ela... eu também... eu adorava ela, mas o que mais marcaram eram estes, os pais da minha mãe, como exemplos, a Célia, por que era uma pessoa assim íntegra, ela era maravilhosa, muito carinhosa.

E – E você Rafael?

R – *Aqui, quem marcou, não só pra mim, pra toda família enquanto estava viva era minha avó Rosa, da minha mãe, ela sempre reunia mais a família, era mais o centro... meu avô morreu eu não era nem nascido, o meu avô René, então da parte da minha mãe, foi a minha avó.*

E – O que ela tinha?

R – *Tinha um carinho com todo mundo, ali ela era... sabe aquela vovozinha, eu trabalhava e ia fazer curso a noite, e sempre ia jantar com minha avó, e sempre tinha o meu pratinho, a panelinha, e sempre carinhosa, cheia de dengo, e se dava bem com toda família, apesar de ter muitos filhos, e genros, se dava bem com todo mundo, todo mundo gostava dela.*

E – Por ela que sua mãe puxou.

R – *É, era mais ela.*

E – Vocês eram mais próximos da família da mãe ou do pai?

R – *Da mãe, por que aquela família, eles são todos do Rio Grande do Sul, então daquela família só tinha meu pai aqui, eles não moravam aqui, então raramente a gente ia pra lá ou eles vinham pra cá.*

E – Você conheceu os avós?

R – *Conheci, conheci. Ela era a Rosalba, e o meu avô era Rui também. Rui, Rui Filho e Rui Neto.*

E – E seu irmão Rui era mais parecido com seu pai do que você?

C – *O Ruizinho, pelo que fala a família, foi o mais judiado pelo pai, o que mais sofreu aquela repressão, aquela pressão, aquele autoritarismo, mas ele está fazendo exatamente o mesmo, tudo aquilo que ele reclamou do pai, com os dois filhos. E a gente compara muito com minhas cunhadas, a minha cunhada diz que o Rafael é muito exigente com a Carmem, é o que mais se parece com o pai, mas elas também vêem como Ruizinho trata os filhos dele, meu Deus, ele é bem mais parecido com o pai do que o Rafael com a Carmem, mas também, tem dois filhos homens e o Rafael tem uma filha mulher.*

E – A herança do nome.

C – *Eu to vendo aqui, eu sou a única filha mulher, e me dou bem com todos os meus irmãos, eles comigo, eles tem verdadeira paixão pela Carmem, apesar da distancia, a minha filha está muito unida com eles, e eu nunca sofri inveja ou ciúme, nem eu com meus irmãos, nem meus irmãos comigo, isto é muito importante para nós, por que cada um foi educado com sua personalidade, com sua forma de ser, por que todos são diferentes, mas nunca teve, entre nós, pelo menos comigo, impressionante isto.*

E – Que bom. E tradição de família, tem alguma coisa que vocês querem passar pra Carmem?

C – *Há eu sou cheia destas coisas, minha mãe guardou as primeiras roupinhas nossas de recém nascido, que são de seda, que minha bisavó mandou fazer, que minha avó guardou pro primeiro neto, e que agora guarda pra bisneta, e tradições da família de festas, de lembranças, de jóias, vem passando, e eu to guardando pra ela, e to guardando pras filhas dela, meus netos, e minha mãe ta guardando pros outros. Nós temos muito disto, tanto da minha família, como eu mantenho da família do Rafael, por exemplo, aquelas irmãs velhinhas, as irmãs da minha sogra, como eu falei, eu amava minha sogra e amo aquelas velhinhas, e elas fazem chá todo ano*

pra se reunir, e eu faço chá como elas, na minha casa, só pra reunir elas. Então, aquela tradição que era da época da minha sogra, eu fui apresentada num chá, se elas não me aprovassem, ninguém me aprovava na família. Eu entrei na tradição da família, e eu gosto e continuo, da família do Rafael.

E – E você Rafael, teria alguma tradição?

R – *Teria, se ela fosse menino teria um monte, desde o judô, que eu lutei muito, mas...*

C – *Mas você guarda as suas coisas de judô, a medalha que ele ganhou, já deu pra ela.*

R – *Sim, mas é diferente, mas eu acho que o mais importante é passar os valores de honestidade que eu aprendi, passar isto pra ela.*

C – *Pra mim também isto é fundamental, mas o Rafael me ajuda com o chá das tias, fica ligando pra todos os tios, e sempre está perguntando, ele mantém um vínculo muito estreito também com a família dele, e com minha família também. E tradições, por exemplo, um dos filhos do Ruizinho é afilhado do Rafael, e nós sempre estamos indo visitar ele, e o Rafael leva coisas dele para o sobrinho.*

R – *Este Reinaldo aqui da minha irmã também é meu afilhado.*

E – Então também existe do lado do Rafael, esta coisa de preservar.

C – *Sim.*

E – Por que a Carmem não faz judô?

R – *Porque eu vi bem isto, as meninas ficam muito masculinizadas...*

E – Me deu a sensação de você não poder passar?

C – *Desde que eu fiquei grávida, nós combinamos que não iríamos colocar, independente de ser menino ou menina, por que muitos dos amigos do Rafael tem problemas com alimentação, por que eles tinham que competir e tinham que emagrecer, e tem joelho estourado, judiou muito desta geração. Então nós combinamos. Mas o Rafael passa outras coisas pra ela, ele gosta muito de jogos de guerra...*

R – *Jogos de guerra ela sabe tudo, Normandia, Hitler, sabe tudo.*

E – E isto que você falou Carmem, vocês fazem normalmente, de combinar, o que vamos fazer...

R – *Antes de comprar, seja um carro, programar uma viagem, a gente para e vamos ver...*

C – Desde as pequenas coisas até as grandes coisas, meu melhor conselheiro é ele, a melhor conselheira dele sou eu, nós nos escutam muito, muitas vezes, você pensa assim, mas eu penso diferente, então a gente respeita. Mas, não fazemos nada sem nos consultar antes, tanto com a Carmem, como com pequenas compras.

E – Também fica muito visível o salto de qualidade que vocês deram na relação de casal, na relação como pais. Na sua família sua mãe já começou, e na do Rafael, coube a esta geração. Como é a Rita?

R – A Rita, ela é meio... acho que como consequência do meu pai, ela é meio... como é que posso dizer... tem um complexo de inferioridade, então as irmãs ali, a Raquel, a Regina e a Rita, elas tem muita inveja de mim, mas faz tempo já, então, ali criou um clima... desde... eu me formei, comecei a trabalhar, tive as minhas coisas, e elas sempre foram limitadas na profissão de professoras, então quando eu comprava um carro, viajava, sempre teve uma posição de inveja delas pra comigo. A Rita compara com o marido, então a gente convive, mas não é a mesma relação que eu tenho com meu irmão, e até com as outras duas. Com a Rita e com o marido é uma relação mais difícil. E ela é muito complicada, ela sofre muito, ela tem que... pra dar aula ela acorda as quatro e meia da manhã, então ela é meio sofrida, ou pela vida que ela ta tendo, ela ta sofrendo muito.

E – O que o marido dela faz?

R – O marido dela é advogado.

C – Mas você não falou uma coisa, aí são cinco irmãos, os dois das pontas quebraram a tradição, por que o Ruizinho, engravidou depois casou, só depois do segundo filho, então isto pra mãe do Rafael foi uma coisa, ela nem conhecia a namorada, então foi um choque. E por outro lado, a primeira que casou, foi a Rita, que é a última, e ela casou com um divorciado, então pelo que eu sei, os pais evitaram muito que ela se casasse, por que achavam que não era a pessoa certa pra ela, então quando ela se casou ela foi em contra tanto do pai como da mãe. E o único que... as outras duas são solteiras, então o único que seguiu o esquema tradicional de tudo foi o Rafael. Então foi o único que não teve nem frustração, nem descontentamento, pelo contrário, foi só alegria.

E – E ainda com uma esposa que se deu bem com a mãe.

C – Que é mais parecida com a mãe dele.

R – Elas tinham um pouco de inveja da Carmem também.

E – Então, eu ia perguntar e vocês já estão me respondendo, o que eles esperavam de vocês?

C – *Eu acho que eu cumpri todas as expectativas dos meus pais, meu pai quando conheceu o Rafael havia preconceito, por que eu quando conheci o Rafael estava de férias com minha mãe, e quando voltei, eu contei que tinha conhecido um brasileiro, “então é preto, e quantos anos ele tem”, ele é quase 10 anos mais velho que eu, então foi: “meu Deus do Céu, você está louca”, então meu pai tinha preconceito, e meu pai sempre sonhou um cavaleiro inglês pra mim, então quando conheceu o Rafael, que caíram todos os preconceitos dele, ele tinha ciúmes, mas acabou aceitando, apesar de que continuava com ciúmes, mas assim que nasceu a Carmem acabou, por que ele se apoderou do papel de avô e ele está felicíssimo, ele e a esposa estão felizes de ser avós e tratam a Carmem com amor, então acabou esta...*

E – Cumpriu a expectativa.

C – *E minha mãe também, eu acho que cumpri.*

E – Casou com um cavaleiro inglês.

C – *É, um Lorde.*

E – E você Rafael, eu perguntei por que você foi o único que casou direitinho, qual era a expectativa de seus pais?

R – *Se dependesse de mim, era tudo diferente, eu que ficava só treinando e viajando, ninguém esperava que casasse, ainda mais que arrumasse uma pessoa como a Carmem, então acho que cumpri, até acho que foi mais do que eles esperavam (risos).*

E – Mais alguma coisa que eu não perguntei?

C – *Bom, meu sogro, ele tem paixão pela Carmem, ele gosta de todos os netos, mas da pra ver que tem uma coisa especial por ela, até por que é a única que enfrenta ele, e o Rafael era o único que enfrentava o pai também.*

R – *É, por que ali era... e depois já crescido enfrentei e uma vez quase saímos as vias de fato, aí depois ele começou a me respeitar mais.*

C – *Minha sogra não conheceu a Carmem, mas ela falava que... eu fiquei numa situação meio estranha..., por que quando Ruizinho..., nós estávamos começando a namorar, quando Ruizinho foi morar com a esposa dele que tinham engravidado, minha sogra falava, como gostaria que fosse a Carmem, e eu dizia, “ai! não me coloque no meio”. Aí veio todos os netos, mas quando ela morreu nós ainda não tínhamos filhos. E meus pais são felicíssimos de ter esta neta que eles tem.*

E – Então vieram cada um de um pais pra dar esta neta pra eles.

C – *E para nós, trabalhar e cuidar de uma filha, para nós é... no começo foi mais difícil, o Rafael tem seus horários que são livres, mas justamente por ser livre muitas vezes não tem horário, trabalha direto. E eu, antes de ter ela eu trabalhava mais, depois que tive a minha filha eu não renunciei ao meu trabalho, mas à parte do meu trabalho, mas em primeiro lugar está ela, então a metade do dia eu fico com ela, tem alguém que me ajuda, mas eu fico com ela, e quando ela vai pra escola eu faço minha vida profissional. Eu acho que consegui equilibrar com a minha profissão aquilo que eu tive quando era criança, com a situação de 2005, que você tem que trabalhar para se realizar profissionalmente, para ter sua independência econômica, mas priorizando o que é mais importante que é a nossa filha, e o Rafael, neste sentido, ele teve muitos momentos que teve que sacrificar o futebol, a saída com os amigos para ficar em casa cuidando de um bebe.*

E – Você não deixou as aulas à noite?

C – *Não, com 15 dias que a Carmem nasceu eu fui dar aula, eu saio as 18 e volto 21 horas, eu faço traduções, mas tenho um horários de aula variado, então se eu dou aula sábado de manhã, não tenho baba, então quem vai cuidar da Carmem vai ser o Rafael, então eles já fazem uma programação, e vão pro clube, e fazem o momento deles. E durante a semana se não tem a baba também.*

E – E o teu escritório é de que?

R – *Eu tenho uma firma de representações comerciais para construção civil, é muito no telefone, e às vezes vou nas obras fazer medições, nas construtoras, mas eu tenho uma flexibilidade, às vezes não, mas a maioria é flexível.*

E – Vocês não tem suporte dos avós, seu pai está longe, e estas tias se envolvem?

R – *Estas tias se envolvem mais com a família da minha irmã, levam pra aula, levam pros médicos, uma por que minha irmã está trabalhando longe, e elas estudam na mesma escola que as tias trabalham, elas praticamente assumiram as crianças.*

C – *As crianças dormem com os pais, mas passam o dia inteiro com as tias, e elas não procuram muito a Carmem, eu entendo...*

R – *Talvez ali elas são mais debilitadas.*

C – *Eu não sei por que, mas elas não se abrem comigo, e eu também tenho comigo que os meus problemas são da minha família, procuro não envolver, e não sei por que, a Carmem se da bem com elas, gostam dela, mas se vão viajar levam os outros e nem falam a Carmem se ela pode ir, quer ir.*

R – Mas tinha esta barreira faz tempo, antes da Carmem já tinha esta barreira, por isto que eu acho que deve ser um tipo de inveja.

C – E também é interessante que a Carmem se dá bem com todos, mas na hora de dormir ela quer voltar pra sua casa, e os outros não, querem ficar com as tias.

E – Sinal que tem coisas muito boas na casa de vocês.

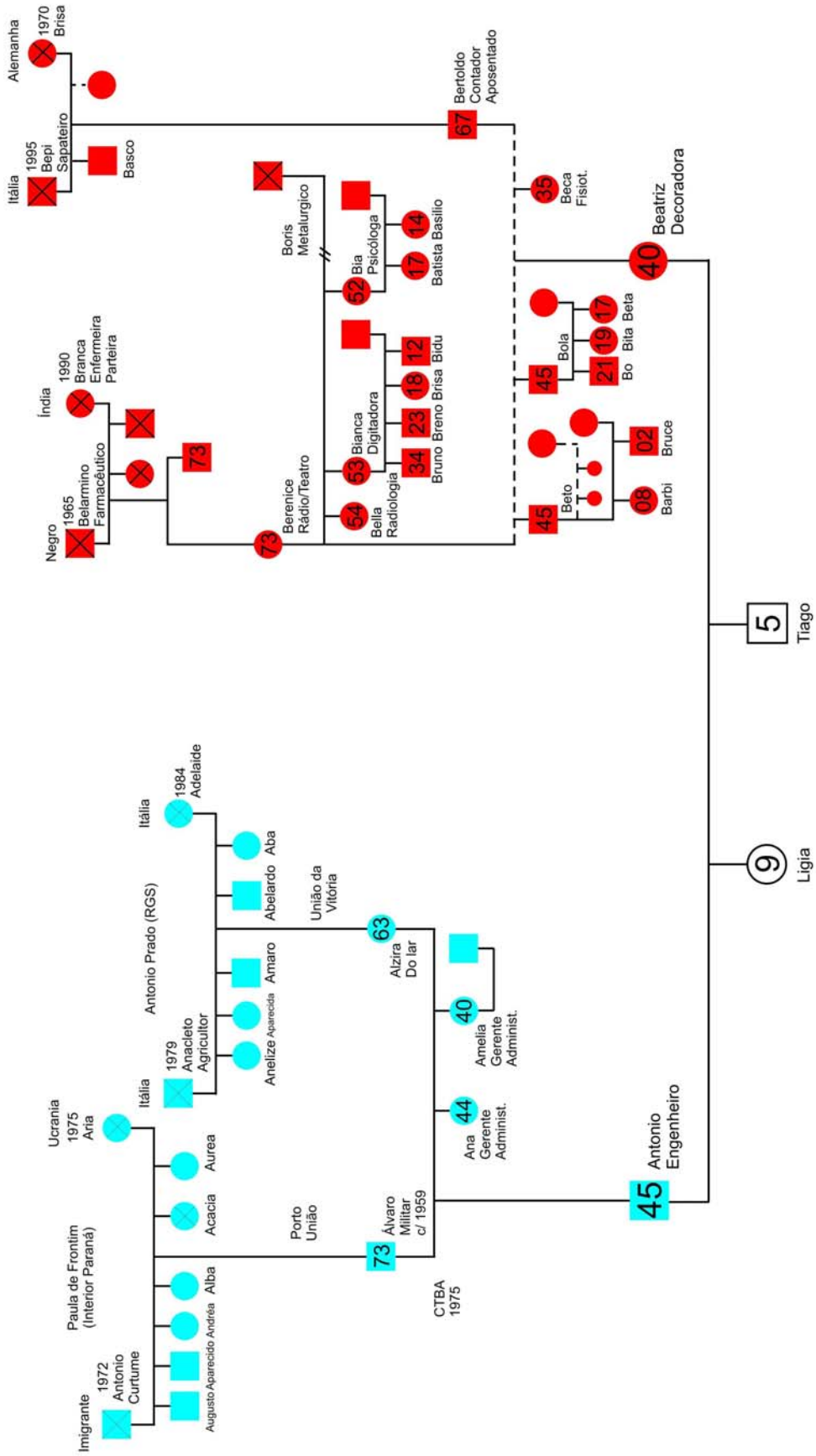
C – É a Carmem é uma criança muito decidida, confiante, ela sabe que ela pode contar com seus pais sempre, ela sabe que nós sempre vamos estar, nunca faltamos uma reunião, nunca faltamos uma festa de qualquer coisa na escola, até a apresentação do parquinho na escola, ela fala pais vocês vão, e nós vamos.

E – Os dois juntos.

C – Sim, os dois juntos.

E – Então é isto, é uma história muito bonita que vocês contaram.

Casal 04



ENTREVISTA CASAL 4

E – Então, nós vamos fazer o genograma, é como a árvore genealógica, conhecem, já ouviram falar? É um desenho esquemático da família, só que o genograma é mais didático, é um pouco diferente da árvore genealógica. Que família vocês querem começar?

A – *Pode ser a minha.*

E – A tua? Para eu localizar no papel, quantos irmãos você tem?

A – *Duas irmãs, comigo três, sou o mais velho.*

E – E a Beatriz ?

B – *Sou a sexta, depois tem mais uma.*

E – Só pra localizar no papel. Vou colocar você aqui, quadradinho é homem, são duas irmãs?

A – *Duas irmãs.*

E – Que idade você está?

A – *45.*

E – E a irmã?

A – *44, e a outra 40.*

E – São casadas?

A – *A de 40 sim, faz pouco tempo.*

E – Esta não?

A – *Não.*

E – Quanto tempo esta casada.

B – *Já faz um ano.*

A – *Não, não. Foi quando nós fomos para Rio Quente, não,... pra Termas de Jurema, foi agosto... faz uns quatro meses.*

E – E esta é solteira? Mora com seus pais?

A – *Mora.*

B – *Aí ela já descobriu um dado importantíssimo. (risos).*

A - *É.*

E – Qual é o dado importantíssimo?

B – *Filhos cangurus. Ele eu salvei. Pedi em casamento. (risos).*

E – É, esta casou tarde e esta ainda mora com os pais. Que idade tem seus pais?

A – 72 ou 73.

B – *Seu pai tem 73.*

E – Como é o nome dele?

A – Álvaro.

E – Os nomes depois eu troco, agora é só pra saber quem é quem. E o nome das irmãs?

A – *Ana e Amélia. E eu Antonio, do meu avô.*

E – Do seu avô? Já chegamos lá. O Álvaro 73, e sua mãe?

A – *A mãe 63.*

E – Como é o nome dela?

A – *Alzira.*

E – O que a Ana faz?

A – *É gerente administrativa.*

E – E a Amélia?

A – *A Amélia é gerente de uma clínica.*

B – *É gerente administrativa também.*

A – *É né.*

E – O Álvaro e a Alzira moram em Curitiba?

A – *Moram.*

E – E elas também? (as irmãs).

A – *Também.*

E – E o Álvaro, é qual filho?

A – *Espera aí, eu só preciso pensar um pouco.... Meu pai é o quinto.*

E – Depois dele tem mais?

A – *Tem mais, você vai precisar deles? Dos irmãos? Deixe eu ver.... Augusto, Aparecido, meu pai, Alba, Andréa, Acácia, tem mais uma que não lembro o nome.*

E – São sete.

A – *Hã, hã.*

E – Este é o avô Antonio?

A – *É.*

E – Faleceu faz tempo?

A – *Deixa ver... em 72.*

E – Mas você conviveu com ele...

A – *Pouca coisa.*

E – E sua avó, falecida?

A – *Falecida, deixa ver...78, não 75. Quando nós viemos pra cá.*

E – E como é o nome dela?

A – *Ária.*

E – Você disse quando vieram pra Curitiba, vieram de onde?

A – *Do Rio Grande do Sul, meu pai era militar.*

E – Então está família era do Rio Grande do Sul?

A – *Não, Rio Grande do Sul era um dos lugares que meu pai foi, por que era militar.*

B – *A família dele é de imigrantes.*

A – *O Antonio, nós não sabemos se veio da França, ou fugido pela Áustria, mas meu pai encontrou alguma coisa na Polônia, nós não sabíamos nem a idade exata do meu avô. Agora, minha avó veio da Ucrânia, é Ucraniana.*

E – Então o avô, você não sabe se veio da Polônia ou de onde, mas veio...

A – *É, é imigrante.*

E – E eles se conheceram...

A – *No navio, isto... o meu avô, ele achava que tinha... não sabia nem a data do aniversário dele.... mas, o meu avô devia ser uns sete ou oito anos mais velho que minha avó.*

E – Então eles se conheceram no navio e formaram esta família, como é o nome de seu tio mais velho?

A – *É o Augusto, depois tem o Aparecido, Andréa, Alba, o meu pai, aí é... a última é Áurea, é ... desculpe... a tia que morreu... como é?*

B – *Não vou lembrar nem dos meus, muito mais dos teus.*

A – *Daqui apouco vem.*

B – *A gente já devia trazer pronto, pesquisar em casa.*

E – Esta família, que se conheceram no navio, se formou em Curitiba?

A – *Não,, mais aqui no sul...*

B – *Guarapuava?*

A – *Não, é... Paula de Frontim.*

E – Isto é interior do Paraná.

A – *Interior do Paraná, próximo de Male.*

E – Male tem muito ucraniano.

A – *É, da minha mãe. Acho que começaram, não sei quanto tempo, depois foram pra Laranjeiras.*

E – E o Álvaro, quando entrou no exército...

A – *Exatamente, com 18 anos ele entrou no exército, foi pra Porto União....eles casaram em 59, aí meu pai já tinha 29 anos quando casou, casaram em 59, em 60 eu nasci, aí nós fomos para o interior do Paraná.....*

B – *Guarapuava.*

A – *Não... perto de Pato Branco, é...já vou lembrar. Em 64 meu pai foi pra Minas Gerais, Belo Horizonte, fez um curso, de lá nós fomos pro Rio, isto em 64, desculpe 63, por que em 65 nós já estávamos em Campina Grande no nordeste, onde nasceu a Amélia, ta certo?*

E - *Você tava falando do nordeste.*

A – *Então 65 nós já estávamos ali, aí depois meu pai foi promovido de novo e foi prum lugar do sul. Cachoeira do Sul, nós chegamos lá em 68, não.... é 68.*

E – *Você tinha que idade?*

A – *Com 8 anos.*

E – *E pra Curitiba, vocês vieram quando?*

A – *75.*

A – *Acácia, o nome da tia.*

E – *Viu como vem.*

A – *Francisco Beltrão a cidade, em 63.*

B – *Pra gravar todos estes lugares, dou graças de nunca ter saído de Curitiba.*

E – *É uma seqüência...*

A – *De lugares.*

E – *E a Alzira? Que filha que ela é?*

A – *A Alzira, esta eu tenho que pensar, por que na verdade.... aquela tia.... a mais velha...*

B – *Anelize?*

A – *Anelize, tio Amaro, aliás, tia Aparecida, tio Amaro...*

B – *Abelardo.*

A – *Não, a minha mãe, o Abelardo e a Aba por último, são seis.*

B – *Ela é a quinta.*

A – *Então vamos completar, é a Anelize, a Aparecida, o Amaro... é depois do Amaro que é a minha mãe, depois o Abelardo e a tia Aba.*

E – *Tem avós vivos aqui?*

A – *Não. O avô era o Anacleto, e minha avó a Adelaide.*

E – E já faz tempo que faleceram?

A – *Faz, o meu avô faleceu em.....79, e a Adelaide, faz menos tempo, março dia 13, (não sei por que lembro sempre desta data), 80, o meu pai já estava aqui e já tinha voltado, 84 ou 85.*

B – *Credo...*

A – *É, o meu pai já tinha voltado do nordeste...*

B – *Nossa já faz uns dez anos, não faz vinte anos.*

E – Vocês conviviam mais com esta família ou com esta?

A – *Sempre convivemos muito pouco, pela distancia né. Pelo menos...quando a gente estava no Rio Grande do Sul, uma vez por ano a gente vinha pro Paraná e visitava minha avó e a cada dois anos a gente visitava eles que estavam em Laranjeiras do Sul.*

E – Estavam onde?

A – *Em União da Vitória, também são imigrantes, meus avós são da Itália, os dois.*

E – Você é bem próximo, tem seu pai...

A – *É, sou a segunda geração.*

E – Eles se conheceram em União da Vitória?

A – *Não, eles se conheceram em Antonio Prado, no Rio Grande do Sul, uma região da serra gaúcha. O meu avô, por parte de pai, pelo que a gente sabe, ele chegou aqui errado, era pra ir para o porto de São Francisco nos Estados Unidos e veio parar aqui.*

E – Pra encontrar sua avó.

A – *Acho que naquela de fugir pra cá, fugir pra lá....*

B – *Agora eu descobri por que são todos atrapalhados. (risos).*

A – *Já começou assim.*

E – Então, nós agora vamos circular um pouquinho pela história da Beatriz, então eu vou ligar você aqui. Você é a sexta, então vou por um pouco mais longe. E aqui temos o Tiago e a Ligia, com 9 e com 5 anos. E você é a última?

B – *Não, tem mais uma depois de mim. Os três primeiros são filhos do primeiro casamento da minha mãe.*

E – Há!

B – *Aí começou a embolar. (risos). Quero ver como ela vai fazer.*

A – *Faz uma cisão...*

E – Então estes são do primeiro casamento.... quem é o mais velho?

B – Bella.

E – Qual a idade?

B – 54.

E – Casada?

B – Não.

E – Depois da Bella?

B – 53, a Bianca, casada.

E – Tem filhos?

B – Quatro.

E – Sabe a idade deles, consegue?

A – O Bruno tem 34, a idade da Beca.

B – É, daí tem o Breno com... não sei a idade. Depois tem a Brisa com 18, e o Bidu com 12. O Breno deve ter 23 ou 24.

A – É por aí.

E – Depois da Bianca?

B – Bia, 52 ela tem, casada, tem dois filhos, o Batista tem 17 e o Basílio tem...

A – 14.

B – É que na minha família é muita gente, pra lembrar o nome de todo mundo.

E – Então estes são da tua mãe, como é o nome dela?

B – Berenice, com 73 anos.

E – Com o.....

B – Boris, já morreu.

E – Casou de novo por que ele faleceu?

B – Não, não, se separaram.

E – Faz tempo que faleceu?

B – Ai este negocio de data de falecimento....

E – Mas você tem idéia, da idade que tinha quando se separaram.

B – Há, o meu irmão mais velho que é filho do meu pai já tem uns 47, por aí, em tão a minha irmã tem 52, a diferença é pouca, elas eram crianças, meu pai criou as meninas...

E – Este é o Beto, é casado?

B – Casado, desta que ele está agora ele tem duas meninas, a Barbi que tem 8 e a Bruce que tem 2.

E – É do primeiro casamento?

B – Não, é desta que ele está agora, mas de solteiro ele teve duas filhas com outra moça. Minha família é a família transitada, um pedaço de cada... Daí o próximo é o Bola, é casado tem três filhos.

E – Idade?

B – Tem 45. A mais velha é a Bitá, não é o Bó, tem 20, né?

A – Não, o Bó tem 21 já.

B – A Bitá com 19.

A – E a Beta com 17.

B – E depois vem a Beca que é solteira, com 35.

E – Tem cinco anos de você pra...

B – E pra outra também.

A – Começaram a maneirar. (risos).

E – Seu pai é....

B – Bertoldo, tem 67.

E – Então quando eles se separaram, ele foi morar com sua mãe, e moraram todos juntos.

B – E graças a Deus só aqui em Curitiba, senão eu não ia lembrar de tanta cidade como meu marido.

E – E o que eles fazem? O que a Bella faz?

B – A Bella é técnica em...

A – Radiologia.

B – Radiologia, a Bianca é...

A – Já é aposentada, né.

B – É, mas ela é digitadora da Copar.

A – Ela digita tão rápido que ela conversa ao mesmo tempo.

B – A Bia, ela é psicóloga, mas ela não trabalha, ela tem uma firma de emprestar dinheiro.

E – E o Beto?

B – Processamento de dados...

A – Informática, e a esposa dele é professora, né?

B – Não precisa a esposa, e o Bola é o que? Ta mais pra picareta, ta sempre envolvido com venda de carros, com guinchos, se for definir é picareta mesmo.

A – Coloca um ponto de interrogação, tudo que você possa imaginar que seja fácil, ele esta metido.

B – É, trabalhou com jogo de bicho.

E – E a Beca?

B – A Beca é fisioterapeuta, mas... até exercia á pouco tempo, mas... como autônoma.

E – E a sua mãe?

B – Minha mãe fazia rádio/teatro, quando era mais nova, mas depois ela acabou ficando em casa, fazia radio/teatro, aquelas novelas pelo rádio, só com voz.

E – Depois de casada, já com filhos...

B – Não, casada mesmo, mas depois...chamavam pra fazer um programa, ela voltava, mas nunca assim, com objetivo de sustentar a família, aí chamavam, ela ia lá fazer uma coisa ou outra, mas acabou ficando em casa mesmo.

E – E o Bertoldo?

B – Ele é contador.

E – Ta aposentado.

B – Ele agora trabalha numa industria de perfumes, trabalha pra não ficar em casa.

A – Controle de qualidade é o que ele faz lá.

B – E este outro era metalúrgico (Boris).

A – Minha mãe era doméstica, do lar.

B – Doméstica não, do lar.

B – A mãe dele é a típica do lar, aquela que faz geléia e tudo que tem direito.

A – Costura, borda.

E – A tua mãe não era tanto?

B – A minha mãe era mais assim, de limpar casa, fazer tricô, mas não é assim, se for comparar uma com a outra, já não é tanto, tão dedicada assim como ela.

E – E a sua mãe tem dez anos a mais.

B – É, minha mãe é mais liberal que ela...

A – Minha mãe, na verdade, acho que devido ao regime militar do meu pai...

B – Ela tem cachorro....

A – Ela tem cachorro, e eu me lembro que uma época ela gostaria de trabalhar, de fazer uma atividade fora, e meu pai proibiu, ela ia, ia, e acabava cedendo... e não ia.

B – E minha mãe já não era mulher de aceitar proibição, era de se impor.

E – E estes avós, vieram pra cá, e fizeram o que, trabalhar com que?

A – Olha, o meu avô tinha um curtume, este, o Antonio. A minha avó era do lar. O Anacleto sempre esteve envolvido com plantação, na verdade, dentro da chacrinha

deles eles plantavam pra sobreviver e pra vender, relacionado com a agricultura. E a minha avó ficava em casa, tanto que minha mãe ajudou na agricultura, eles saíam de manhã cedo, na agricultura familiar....

E – E aqui, a Berenice era qual filha?

B – *Ela era mais velha, mas era irmã gêmea, então eu não sei quem nasceu antes, acho que ela era mais velha, foi a que primeiro nasceu, mas tinha um irmão gêmeo.*

E – Um homem?

B – *É, depois mais uma mulher e mais um homem, que já morreram.*

E – E seus avós?

B – *Meu avô, já é morto, o Belarmino, ele deve ter morrido em 65, por que foi o ano que eu nasci, e minha avó morreu também....*

A – *Quando nós estávamos lá em Turmalina, fazem uns oito anos, mais...*

E – Vocês eram casados?

B – *Não, ele sabe melhor do que eu...*

A – *Treze anos...*

B – *Branca era o nome dela.*

A – *Meus pais já estavam aqui, 84 eles estavam aqui...*

B – *É importante isto?*

E – Só pra ter uma idéia...

A – *Pode ser em 89 ou 90.*

B – *Meu avô era farmacêutico e ela era enfermeira, enfermeira assim de ir pra guerra pra ajudar...*

A – *Ela era parteira também.*

B – *É parteira de ser chamada, de resolver, era bem ativa...*

A – *Por último ela fez faculdade de teologia, eu me lembro que...*

B – *É, era bem velhinha e ainda fez faculdade, tinha esquecido.*

E – Interessante, também ela ter poucos filhos, nesta época, talvez pelo trabalho.

B – *E minha mãe não aprendeu com ela. Mas também minha mãe teve dois maridos.*

A – *Não quis desapontar nenhum.*

E – E ela teve alguma atividade, que não só dentro de casa.

B – *E eles punham os filhos pra fazer violino, piano, cursos assim, então eles seguiram uma linha diferente, não como estes aqui (família de A)*

E – Então eles quebraram um pouco a tradição.

B – Engraçado, a gente nunca para pra pensar, mas agora eu estou vendo umas diferenças entre nós.

A – Apesar que a minha tia, ali, a Acácia, ela tocava piano, ela tocava pra nós, mas depois de casada, o meu tio Augusto tocava violino, mas depois aqui na nossa família...

E – Talvez tenha a sobrevivência...

A – É muito mais, era muito sofrida.

B – Estes daqui, não eram imigrantes, mas da família do meu pai, um veio da Alemanha, minha avó veio da Alemanha, por incrível que pareça, você vai olhar pra minha cara...Alemanha? Mas é....

E – Seu pai era o mais velho?

B – Tem o tio Basco, que é mais velho, e tinha uma irmã adotada depois.

E – E esta avó aqui, que veio da Alemanha?

B – Isto, a avó Brisa, ela morreu eu era bem pequenininha, acho que em 1970 ela morreu, 70 ou 68, eu me lembro que fui dar tchau pra ela, por isto que eu não gosto de velório até hoje, tenho trauma...

E – Tinha cinco anos?

B – Não, acho que tinha menos que cinco, uma lembrança bem triste, dar tchau pra ela. E ele é o Bepi, parece que ele veio da Itália, também, agora como eles se conheceram, eu não sei. Mas ele é falecido não há muito tempo, por que você conheceu ele, né?

A – Quando nós fomos pra praia...

B – Quanto tempo faz?

A – Mas nós não éramos casados, quando nós fomos com seu pai pra lá...

E – Mais ou menos?

B – Ele era sapateiro, sapateiro de fazer sapato, não de consertar...

A – Deve ter morrido há uns cinco anos atrás.

B – Só! Será? Não, por que eu não tinha a Ligia.

A – Então uns dez anos, pode colocar 95.

E – Basco e a....

B – Ai, como é o nome dela...

E – Vocês sabem por que adotaram?

B – Não sei por que.

A – Apesar que sua avó morreu nova.

B – Eu não sei se ela trabalhava, mas minha mãe conta que o pai dela tinha uma mercearia, e ela fala da limpeza da casa dela, que era muito limpa, eu acredito que ela cuidava da casa só.

E – Dona de casa. E aqui, qual era a descendência deles?

B – Aqui é que entra, o meu avô, ele era negro, a minha avó tinha uma cara de índia assim, desta região de Morretes, tal.

E – São brasileiros.

B – Aqui entra o lado escuro da família, que misturou com italianos e alemão, o meu avô ele era bem escuro.

E – Seus pais se conheceram aonde?

B – A minha mãe, ela sempre conta que ela estava brincando com as filhas, que ela já tinha, no quintal da casa dela, depois de ter se separado e.... o meu pai ele se aproximou, e ela disse que ele tinha voz bonita, e ele foi pedir uma informação pra ela no quintal, e ele conta que ele foi pedir informação por que se interessou por ela, e ela estava brincando com uma das meninas e quando ouviu a voz dele, achou bonita e daí depois não sei o que rolou, eles não contam pra gente, mas o interesse partiu daí, ele foi pedir uma informação por que se interessou por ela e ela se interessou pela voz dele.

E – Olha só.

A – Eu não falei dos meus pais, mas o pai da minha mãe, uma das coisas que ele cultivava era o vinho, tinha o parreiral, ali em União da Vitória, e eles faziam o vinho, e meu pai por influencia de alguém, começou a buscar vinho lá também, e daí conheceu uma das filhas, e daí...

B – Não era numa festa que eles estavam?

A – Pode ser que depois tinha uma festa, mas no começo foi assim.

E – E lá eles faziam vinho, e seu pai era de Porto União e União da Vitória...

A – É, é duas cidades juntas, e lá ele ia buscar vinho, por indicação ele ia de bicicleta, depois ia de bicicleta lá namorar.

B – Aqui minha família já era um pouco mais ousada, eu perdi um pouco desta ousadia, a minha mãe como já era separada, nesta época não tinha divórcio, ela foi morar com meu pai...

E – Há, não foi um casamento.

B – Não, nunca casaram, nem agora, ele vive brincando com ela que ele é solteiro.

E – Ele é solteiro.

B – É, e mesmo agora que o outro morreu, eles não foram casar.

E – É, tem uns pioneiros, separação para a época...

B – É, tem umas coisas mais liberais, minha própria avó, nesta idade, ia pra guerra, ajudar, falei pra você que tinha coisas que não tinha importância...

A – Não, tinha importância sim.

B – Falei brincando que não tinha nada de importância pra manter a privacidade, mas na minha família tinha umas coisas que.... é melhor...

E – Toda família tem seus segredos.

B – A minha mãe acha que isto é segredo, ela talvez se ouvir eu contar pra você, vai dizer: não, mas isto a gente não conta. Pois mesmo ela tendo ido morar com ele, quando a gente começava a namorar, isto era um dado que ela não gostava que a gente contasse, ela sempre quis manter....

E – Por que era uma quebra da tradição da época, muito difícil pra mulher quebrar. Hoje em dia, o que é que tem. E, como ela é, como foi com você como mãe?

B – Ela sempre foi muito rígida, parece contraditório com o que eu falei, mas acho que o temperamento dela, brava, né.

A – Temperamental.

B – É, um gênio muito forte, difícil, às vezes com muito bom humor, às vezes com um péssimo humor, daí desconta nos outros, né. Agora que a gente tem filhos, a gente entende que os filhos às vezes atormentam, aborrecem, você uma hora estoura, né. Agora eu vejo por este lado, antes eu não entendia por que.... ela com sete filhos, cada um numa faixa etária, tinha dias que ela estava insuportável. Esta pergunta, eu acho que depende muito do temperamento da gente, eu por exemplo, tenho irmãs que eram muito mais soltas do que eu, eu durante muito tempo escondia que tava namorando, pra não....

E – Contrariar?

B – É, mas não sei acho que fui eu mesma que acabei me prendendo, por que....eles eram tão liberados, eu não sei, a Bianca por exemplo, saiu de casa bem cedo, ela era mãe solteira, o filho acabou praticamente sendo criado pela minha mãe. E eu acabei assim, querendo compensar talvez, o resto da família que tinha dado algum desgosto, e acabei escondendo algumas coisas, acabei me retraindo mais, então esta tua pergunta depende muito também...

E – Como sua mãe era pra você.

B – É.

E – Você via nela um jeito mais autoritário?

B – *Mais autoritário, às vezes eu me rebelava contra algumas injustiças que ela cometia, mas eu acho que agora.... agora que eu sou mais madura, acho que ela cometia em função de algum stress, em função do dia a dia, dos filhos, das dificuldades financeiras pra criar sete filhos. Depois também, eu acho que depois de um tempo, quando as minhas irmãs mais velhas começaram a trabalhar, começaram a ajudar a família, minha mãe se acomodou, e acabou assumindo a casa, foi quando ela saiu do rádio dela, ficou acomodada mesmo. Mas, acomodada assim, de não fazer mais mercado, inclusive....*

E – Você acha que tinha um pouco de depressão?

B – *Não sei se nesta época, quando eu era criança ela já tinha entrado em depressão, agora eu acho que ela entrou um pouco em depressão, quando quase todos os filhos saíram de casa. É, por que de uma família grande que todo mundo ia almoçar em casa, que ela tinha que fazer almoço pra todo mundo, os genros, pros sobrinhos, os netos dela, que vinham almoçar em casa, que tinha todo aquele agito, que agora fica só ela, o meu pai, às vezes a Beca, agora que acalmou, ela...faltou um pouco de equilíbrio sim.*

E – E o Bertoldo, como ele é como pai?

B – *O meu pai é bem pacato, sabe.... é muito tranquilo, é o oposto dela, mas é super carinhoso, aqueles pai que até hoje você vai lá ele diz: olhe bem quando for atravessar a rua, muito cuidadoso, enquanto eu tava em casa, eu casei tinha 28, né, de ir lá ver se você tava coberta, muito carinhoso, você chega ele diz: quem é a filhinha mais feia do papai, é deste gênero, muito atencioso, muito carinhoso, principalmente comigo, eles dizem que eu sou o xodó dele. Por que as três primeiras não são filhas dele, de qualquer forma acaba existindo uma distinção, por que a Bella tem 54, ele tem 67, então.... o tratamento já é outro, eles tem pouca diferença de idade entre eles...*

E – Você é a primeira mulher...

B – *Eu sou a primeira mulher, e a minha avó, dizem que a história é esta, ela tinha tido dois filhos homens, então ela tinha uma certa frustração de não ter tido mulher na família, daí adotaram esta, e.... eu fui a primeira mulher da família deles mesmo, então parece que ela tinha um certo xodó, deu as jóias dela pra mim.*

E – Uma preferência.

B – É, mas a outra ela não conheceu, a Beca ela não conheceu, ela já tinha morrido, mas da família deles, legítima, eu era a primeira mulher. Dizem que quando eu nasci era uma festa. Eu saía muito com o meu pai, meu pai ia trabalhar aos sábados e me levava junto.

E – E entre eles, como era?

B – Entre meu pai e minha mãe? Eles brigavam bastante.

E – Como eles dividiam as tarefas, seu pai participava?

B – Participava, mas ela mandava, o gênio dela sempre mais autoritário, ele por ser mais calmo, mais tranqüilo, aceitava para evitar encrenca, até hoje é assim, ela...

E – Ela tem o poder.

B – Ela tem o poder sobre todos, o gênio dela é dominante.

E – É, parece que ela é pioneira em muitas coisas.

B – Ela é a matriarca.

A – Olhe outra matriarca.

B – É, mas eu sou mais ousada, nem fale. Ela é matriarca e ele mais calmo, mais tranqüilo.

E – E dinheiro, quem lidava com dinheiro, ela ou ele?

B – Acho que os dois, né, dinheiro sempre faltou, por causa de ter muitos filhos, é... acho que muitas das brigas deles era por causa de dinheiro, situação financeira. Daí, acho que quebrou um pouco isto aí, quando a Bella começou a trabalhar, e ajudar a criar os irmãos menores que éramos nós.

A – Ela tinha um emprego melhor...

E – Ela começou a colaborar um pouquinho.

B – Pouquinho não, muito, nós estudamos graças a Bella, que é a irmã mais velha, começamos a morar em casas melhores graças as irmãs mais velhas. Aí fomos crescendo e ajudando também.

E – Todos colaborando.

B – É, nem todos, nem todos, mas....

E – E aqui, como é que é?

A – Bom, o meu pai, por ser militar...

B – Aí é bem fácil, bem tradicional.

A – É, tradicional, o meu pai, por ele ter esta ascendência no exército e que era o que ele queria, único emprego, entrou com 18 anos e se aposentou, né, ele era o cabeça da família, então, todo sustento vinha daí, e a minha mãe sempre foi dona

de casa, nunca contribuiu com nada e usufruiu do ganho dele, minha mãe era quem mais nos acompanhava no dia a dia, fazia o almoço, acompanhava nos estudos, mas sempre muito prática, nunca esta afeição que o Bertoldo deu pra Beatriz...

B – Mas, a minha mãe também, mesmo sendo dura, era muito carinhosa, nos momentos que ela estava bem, era muito carinhosa...

A – Não tinha isto de ir dormir dar um beijo, ia dormir, cobria, fazia uma coisinha assim, mas nada... nada...

E – Só prática.

A – É, eu e a Beatriz nos beijamos o tempo todo, beijamos as crianças o tempo todo, isto não tinha.

E – Nem do pai?

A – Nem do pai...

B – Na casa dele só se beija se for viajar. Pra bem longe.(risos).

A – Até meu pai e minha mãe... muito difícil....

B – Acho que eu beijo mais meu sogro e minha sogra, do que eles se beijam.

A – É, exatamente, então é bem tradicional isto, não sei se uma coisa lá da região deles todos aí, agora, um pouquinho mais carinhoso do lado da família da minha mãe, mais unidos, contribuindo mais, é... os outros bastantes dispersos, apesar que o Augusto trabalhou muito, ele tinha sociedade com meu avô no curtume, ele ia muito bem, o Augusto tinha posse de terrenos muito bons, mas a questão dos pais, especificamente... aí meu pai bastante durão, bastante rígido, “vai fazer assim ,assim, vai ficar de castigo, vai ficar dois dias...” era bastante rígido.

B – O que deu uma quebra na família dele neste aspecto da afetividade foram os nossos filhos, o jeito de eu tratar os nossos filhos, o jeito de eles chegarem lá e beijar o avô, a avó, sabe, um dia o pai dele falou pra mim: “mas não é muito beijo” e eu respondi pra ele: “amor nunca é demais”, só falei isto, nunca mais ele criticou o tratamento que nós damos as crianças, e agora eles começaram a tratar as crianças com muito carinho. Então, o que mudou.... eles tratam as crianças com muito carinho, carinho que acho que eles nunca deram pros filhos deles.

A – É, é verdade.

E – Que bom que as crianças chegaram.

A – É, mas meu pai por ser homem ele tinha as atividades dele, era bem ativo, nunca foi de ficar parado, mesmo se tava em casa, tava mexendo no jardim, ou tava fazendo coisa...

B – Até hoje.

A – É, não para, e...nos sábados, ele tinha atividades no aeroporto, e eu participava muito, ia junto com ele, ia no quartel, lá aprendi muitas coisas. Muitas coisas de mecânica, que eu sei fazer foi lá que eu desenvolvi. Mas, nunca ficava muito do lado dele, era uma coisa natural, eu vinha, ficava ao lado dele daqui a pouco desaparecia, eu ia fazer minhas coisas, daqui a pouco eu tava com outras pessoas que eram amigos dele, que estavam fazendo outras coisas, um soldado que estava fazendo outra coisa, nunca era junto o tempo todo. É que nem com a Ligia, quando chega o final de festa sabia que tinha que se encontrar por que tinha que ir embora junto, alguma coisa assim, aí a gente ia embora.

B – O mínimo de dependência possível.

A – Mas ele me convidava bastante, então muitas coisas que eu aprendi foi graças a ele. E muito da linha de raciocínio, pouco da afetividade era da mãe, que já não tinha muito.

B – Muito pouco. Por que ela é muito prática... morreu.... há morreu é....

A – Vamos fazer um café, vamos enterrar...

B – Vamos rezar um pai nosso em cima do corpo, e é assim mesmo todo mundo morre.... sabe, uma praticidade, um realismo que... eu fico muito afetada com o realismo da família dele, por que não é o espírito da minha.

A – É, aqui choram bastante, aqui mais contidos.

E – Talvez tenha a história da imigração, da luta pela vida. Seus avós, que você lembra, eram afetivos?

A – Os por parte de mãe, estes sim, eles eram muito carinhosos, o meu avô era mais carinhoso.

B – Vai ver que por serem italianos....

A – A minha avó... o meu avô era mais brincalhão, se deixava levar, a minha avó era mais durona, aquela que brigava, “não faça isto”. E o avô era mais bonachão, mais gente boa, então quando a gente ia pra lá ia pescar, então mais ligado ao avô.

E – E estes tios?

A – Muito pouco contato, uma tia que eu prezo mais era a Aba que muitas vezes quando meu pai estava servindo ela fazia companhia pra minha mãe lá em casa...

B – Ajudou a cuidar de vocês.

A – É, mas depois se separamos, mas esta era a mais carinhosa de todas, mais afetiva, marcou bastante. Justamente, a Aba e a Áurea, as mais novas, esta aí é fora

de série também, quase parecida com a tia Aba, então... as mais carinhosas, que mais chamavam a atenção quando a gente ia visitar, uma semana...

B – É que vocês mudavam muito.

A – É, então quando a gente ia visitar era na cidade que eles estavam morando.

E – E o contato ficava muito cortado.

A – Muito cortado, tanto é que hoje eu não tenho contato com meus primos, por que foi muito interrompido, e eles moram em Curitiba, pois eu perdi o contato desde a infância.

E – E, aqui quem decidia, quem tomava as decisões?

A – Era meu pai.

E – E o afeto, um pouco mais da mãe?

A – Era, não posso dizer que era zero do pai, por que estava presente, encerrava o expediente ele vinha pra casa, mas...

E – E a Ana e a Amélia, como são neste lado afetivo?

A – Olha, elas tem a praticidade da minha mãe, não são assim...

B – A Ana é.

A – Entre nós, ela ta falando entre nós, agora, a Ana parece que demonstrou diferença da Amélia, com os nossos filhos, não só entre nossos filhos, como os filhos das amigas dela que ela é madrinha, então ela é bem mais afetiva, a Amélia é muito resguardada, muito quieta, muito no cantinho dela, mas... não é carinhosa.

B – Mas com os sobrinhos, as duas são, muito queridas...

E – Parece que deu uma boa mexida....

B – Deu, deu uma mexida na família, na família mais próxima deu uma boa mexida, sim. O próprio jeito deles, por que tanto a Ligia como o Tiago, eles são muito carinhosos, eles são bem frutos do meio nosso, então eles são muito carinhosos, então não tem como eles escaparem.

E – Vocês são mais próximos da sua família ou da do Antonio?

B – Acho que das duas, né.

A – A gente não esta todo tempo com eles, mas cada duas três semanas...

B – É meio que mistura assim.

A – Os meus filhos tem uma particularidade que eles gostam... ficam mais tempo na casa dos meus pais.

B – É por que a avó daqui chama mais, esta avó daqui chama mais as crianças, e esta daqui espera que a gente leve, é esta a diferença básica.

A – *É verdade.*

B – *E esta daqui, como eles têm só eles de netos, eles meio que acabam ficando meio interesseiros por que eles ganham mais coisas, Natal é só pra eles, Dia das Crianças é só pra eles, e ali como tem uma pancada de neto, é menos..*

E – *É mais diluído.*

A – *É mais diluído, exato.*

B – *Então eu acho que por interesse, as crianças acabam... há vamos em tal avó, e esta avó aqui é mais avó, aquela história que eu te falei da geléia, aquela coisa caseira, venham aqui comer, a vovó faz, a vovó dá o pãozinho na boca, a vovó põe no colo, conta historinha. Minha mãe é muito prática, quer comer come senão come depois, não quer comer não come. Como ela criou a gente ela trata eles.*

E – *Houve realmente uma mudança, a sua mãe era bem mais prática com vocês...*

A – *Ela realmente trata os netos muito diferente.*

E – *E a sua mãe continuou...*

B – *A minha mãe continuou do mesmo jeito, por que ela tem muitos netos, então estes dois mais novinhos ali, não mudou o jeito da família, agora pra eles mudou muito.*

E – *E o afeto veio mais do seu pai, na sua família?*

B – *Da minha mãe também, o problema da minha mãe é que ela muda da água pro vinho, mas ela é muito carinhosa, de deitar no peito dela, pra mim ela deu de mamar por cinco anos, que mãe que da de mamar cinco anos se não é afetiva, pra outra mais nova ela deu sete, pro Beto ela deu cinco, então quer dizer, de acordar de manhã e ir lá deitar nos peitos dela, que ela tem os peitos grandes, macios, dela ficar fazendo carinho, dizer que a gente está bonita, dar força quando a gente precisa. Então, quer dizer, dos dois, mas em compensação quando ela ta mal é o capeta.*

E – *Ela altera.*

B – *Altera.*

A – *E quem mais herdou tudo isto foi o Tiago.*

B – *Por que?*

A – *Por que ele é mais sensível, a Ligia é mais prática, vamos fazer....*

B – *Daí ele herdou de mim, este lado mais sentimental.*

A – *É, da sua família.*

E – *E a afetividade do Antonio? Como apareceu?*

B – Eu dei uma melhorada nele. (risos).

A – Eu era prático, era produto deste meio aqui.

E – E hoje você vê o Antonio carinhoso?

B – Não, ele é muito carinhoso comigo, com as crianças, mas ele também é muito prático, de vez em quando ele tem que se isolar assim, ficar na dele, eu digo que ele tem que ficar no mundo da lua, daqui a pouco ele volta, mas ele é muito carinhoso, ele mudou bastante, eu acho que ele mudou bastante. A gente namorou muito tempo, ele ficou muito comigo, e depois que as crianças nasceram, ele é muito carinhoso com elas, mas ele precisa de um tempo pra ele, de um bom tempo pra se dedicar as coisas dele.

A – É, um tempo fora trabalho e fora família.

E – Um tempo pessoal. De onde você acha que veio este jeito diferente da sua família?

A – Olha, eu acho que só descobri este mundo depois que comecei a namorar a Beatriz, nós namoramos praticamente, acho que este é um ponto de elo que eu tava analisando, nós namoramos 12 anos, quase dose anos...

E – Quase o mesmo tempo que vocês estão casados.

A – Exatamente, então... eu sempre tive muita sorte nos meus empregos sempre me dei muito bem e depois numa determinada época eu tentei ser empresário eu não sei se foi bom ou se foi ruim mas chegamos onde estamos hoje. Não temos uma vida estável, estável, temos pra suprir as nossas necessidades mas, dificultoso, assim para fazer uma viagem tem que fazer um planejamento, ou quando dá a gente faz, então a gente tem uma vida que não da pra esbanjar, muito voltada para o dia a dia pra sobrevivência.

B – Não que vá faltar, as crianças tem uma escola boa...

E – Não tem aquela sobra

A – Exatamente, vamos viajar? Vamos planejar no final do ano uma viagem, não, é quando pinta um dinheiro pra Beatriz, a gente vê que não vai fazer falta, vamos viajar? Às vezes é a Beatriz que tem esse dinheiro e todo mundo compartilha, às vezes sou eu e todo mundo compartilha, então é uma forma de acerto entre nós. Mas, este tempo que agente passou namorando, eu tive empregos bons a gente começou a construir uma casa... acho que o intuito, a minha sempre foi ter um lugar para morar, acho que se agente casasse e não tivesse um lugar pra morar ficaria difícil para nós, ficar pagando aluguel, aluguel, aluguel então a minha primeira

pretensão sempre foi essa, ter um lugar para morar, então compramos um terreno , começamos a construir uma casa, daí essa casa parou porque eu saí desse emprego que eu tinha e fui ser empresário, daí não deu e a gente ficou vivendo a nossa vida, porque eu comecei do zero nessa empresa, a Beatriz teve uma empresa, também começou do zero. A outra empresa eu saí também comecei do zero novamente, a Beatriz também encerrou a empresa dela...

B – Aí a gente já tava casado. Mas acho que não foi isso que ela perguntou...

A – O que eu tava dizendo é que na verdade a gente sempre tava compartilhando algumas coisas por este grande tempo de namoro...

B – Namoro sério, ele ia todo dia na minha casa. Mas eu acho que a pergunta dela tem a ver com o seguinte, a família dele é muito certinha, tudo isso que você tá vendo aí de perfil de pai, tudo certinho, na minha família não tem isso, e na minha família é tudo muito alegre, agente se reúne pra contar piada, pra um tirar sarro da cara do outro, essa alegria e essa informalidade é que ele sentia falta, é justamente dessa afetividade é que ele sentia falta na família dele, que fez com que ele mudasse um pouquinho, entendeu?

E – Vocês tem 24 anos de convivência, metade da sua idade.

B – Tanto é que eu acho que ele mudou neste aspecto da convivência. Porque ali todo mundo é certinho, o Natal é certinho, o Natal você chega, reza come e vai embora. Na minha casa não, você chega ri da cara do outro, tira sarro da cara, fala mal de não sei que é uma coisa mais bagunçada, tanto é que ele se da melhor com a minha família, porque ele chega minha mãe fala: “meu filho “, porque ela chama ele de meu filho, “não entre aqui que eu vou troca de roupa”, ele fala: “O que? Vai trocar de roupa? ”, e pega ela pelada. Pra mãe dele ele não faz isso. Então, ele se sente muito mais a vontade na minha família. Ele é muito mais solto na minha família do que na dele. E lá em casa também funciona assim.

A – É, bem liberal, tanto que eu tomo banho, e a Ligia não tem proibição pra entrar no banheiro, às vezes eu to saindo do banho ela tá entrando, me vê pelado, então é bem natural.

B – Enquanto que na família dele por ser certinho não conseguiria, e foi em função dessas coisinhas que ele foi mudando.

E – E em função desta família que vocês construíram, como vocês acham que seus pais vêem vocês? Será que vocês cumpriram as expectativas que eles tinham?

A – Olha os meus pais eu diria que sim. A idéia deles quando nos viemos do RS para o PR era nos dar melhores condições de vida, de estudo, porque lá na cidade onde nós estávamos não tinha faculdade, só em Porto Alegre, e lá meu pai sabia que a família se dispersaria, daí eu sei que ele batalhou muito uma transferência para o Paraná, para Curitiba ele veio umas 2 ou 3 vezes para cá e conseguiu uma forma de ser transferido para cá. Então novamente a família continuou unida e nós começamos a fazer faculdade, então o anseio de ver os filhos formados acabou conseguindo a partir da. Apesar de que eu nunca precisei estudar muito, na época do cursinho minha irmãs se matavam e eu... não sendo português o resto era fácil.

B – Mas acho que ele é frustrado. Ele ainda tem esperança que algum neto siga a carreira militar, tentou no filho, tentou na filha, e esses dias ele comentou que gostaria que a gente colocasse, (eu nem dou bola), as crianças na escola militar. Ele é frustrado em relação a isso, ele tem essa expectativa. Mas a pergunta dela tem a ver como nós criamos as nossas crianças, eles nunca interferiram, quando eu precisei, quando a Ligia nasceu que eu precisei dela pra ajudar, quando eu precisava ir num cliente, eu dizia daqui a umas 2 horas eu volto pra pegar a Ligia pra dar de mamar e ela me ajudava, tanto ela quanto minha mãe. Quando a casa dela era mais próxima do lugar que eu precisava ir eu pedia pra ela me ajudar. Daí um dia eu comentei com ela, que bom que eu não tenho emprego fixo, se não ia ficar impossível, ela disse: “Não, qualquer coisa agente levava ela lá pra você”. A mãe dele sempre me ajudou, nunca questionou, a minha mãe também ficava um tempão com a Ligia eu cheguei a desenhar na casa da minha mãe.

A – Acho que eles foram crescendo e eles foram vendo...

B – Mas a mãe dele, eu acho, um pouco frustrada por nunca ter trabalhado, ela me ajudou muito com a Ligia, com o Tiago eu já não precisei dela, já tinha outra estrutura, tinha empregada, daí não quis abusar, por que já eram dois, a Ligia na escola, o Tiago bebezinho, mas ela me ajudou muito, ela nunca me disse assim: “A minha nora tem que parar de trabalhar por que os meus netos nasceram.” Nunca fez isso, e eu acho que não fez isso por frustração própria.

E – Sempre validando.

B – É, e minha mãe nunca questionou uma coisa destas, eu com uma semana de cesariana, tanto de um como de outro eu já tava trabalhando e nunca ninguém questionou nada, muito pelo contrário, ajudaram, tanto uma como a outra sempre ajudaram. Acho que a tua pergunta era quanto a isto.

E – Sim, se vocês acham que cumpriram a expectativa deles, se eles vêem e aprovam como vocês estão hoje.

A – *Meu pai não aprova que eu seja empresário....*

B – *Por que ele acha que uma carreira estável como a carreira militar seria melhor.*

A – *Por que largar um emprego público, formar uma empresa, às vezes eu comento, (não devo comentar): “ah! to mais ou menos”...*

B – *Mas vida de empresário é assim, tem que pagar o preço.*

E – Hoje em dia nada mais é tão estável.

B – *Pra ele existe, pois está aposentado.*

E – E como pai, como você acha que ele te vê como pai? Aprova, não aprova?

A – *Olha, eu não tenho uma expectativa como filho...*

B – *É por que ele não tem liberdade.*

A – *Por que parece que é uma pessoa, não uma família, eu tenho um pouquinho mais de sentimento pela mãe, parece que a mãe vibra mais por nós que o pai, então, eu não consigo descrever qual que é o sentimento, e nem acabou ficando muito estreito.... tem uma parede.....*

B – *Ele tem uma barreira, e a mãe dele parece que dá mais apoio, e o pai.... não por mal, é o jeito dele, sempre...”ah! mas, levaram no médico, mas será que este remédio tá certo”, ele está sempre criticando.*

A – *A gente até evita de falar certas coisas, vai ficando cada vez mais distante...*

B – *É que sempre foi assim, se fala tem que estar preparado pra ouvir: “mas será que tá certo, mas este médico...” sempre uma crítica, então a gente já nem fala por causa disto.*

A – *O pai e a mãe também é bastante assim, então a gente evita e fala o estritamente necessário e relacionado aos filhos mais... eles fizeram isto, fizeram aquilo, então o nosso dialogo acaba....*

B – *Sempre em função dos dois.*

A – *Lá já não, se fala de outros assuntos de família, de outras pessoas, também dos filhos.*

B – *Aqui é mais tipo relatório, eles ligam pra saber das crianças: “foram na colônia de férias, gostaram, como é que foi?”*

E – Parece que tem um padrão de falar das coisas mais funcionais, não se fala muito de sentimentos. Apesar de que eles agora demonstram mais sentimentos.

B – Demonstram da forma deles, demonstram sim. Eles amam as crianças, sem duvida nenhuma, eles sentem falta. Mas, não sei, eu estava acostumada a uma forma tão diferente.

E – E tradições, que vocês receberam e querem passar pras crianças?

B – Na minha família tem bastante.

E – O que você mantém?

B – O malhar Judas, antes era minha mãe que malhava a gente, batia na gente, agora a gente vai lá pra malhar ela, estas coisas assim, Natal, Ano Novo, Páscoa, datas mais religiosas. Festa Junina.

A – Agora fora isto, o meu pai, hoje acredito que ele já seja expert na língua ucraniana, por que estuda, pois ele já falava, mas uma língua mais camponesa, do interior, mas não passou isto pra nós. A minha mãe estuda italiano também, mas na casa da minha avó, falavam italiano e ela respondia em português, então também não foi passado pra nós. Então esta tradição de línguas....

B – Só de festas mesmo.

E – E de toda esta família, ou mesmo não da família, teve alguma pessoa que vocês admiram, que pensassem que queriam ser parecido?

A – Aqui. (apontando para Beatriz). Única que me lembro. (risos).

E – A Beatriz.

A – É, aprendi muito com a Beatriz, barbaridade, acho que aprendi, melhorei. Alguns amigos, mas a gente não tem amigos de ir em casa...

B – A gente vai, vai uma vez ou outra, mas acabamos nos afastando.

A – Nós somos muito fechados, muito mais na família, um pouco por causa da Beatriz, eu sou um pouco mais sociável, mas a Beatriz não é muito sociável. Chega na hora de ir em algum lugar “será que vamos...” e acaba ficando, então este lado social nós perdemos. Eu era mais sociável e acabei perdendo isto.

B – Eu gosto de uma coisa mais sossegada, um teatro, um cinema, se for só com meu marido ta bom já, sabe. Não precisa ser de grande turma, muitos amigos, não precisa.

E – Talvez tenha a ver com a família muito grande aqui e aqui muito pequena.

B – É, inclusive na hora do almoço, eu gosto de silencio, por que na minha família era muita bagunça, muita gente, prefiro uma coisa mais sossegada assim.

E – E quando vocês eram menores, durante a vida teve alguma pessoa que admiraram?

A – *Eu gostava muito do meu pai pelas coisas que ele fazia, construía estradas, pontes, como filho eu admirava, de família acho que era mais o pai, até por que a gente não tinha muito contato, pelas mudanças, não criava raízes.*

B – *Eu tive algumas pessoas, mais esparsas, eu acho que sou mais assim.... volúvel, posso admirar agora, mas não quer dizer que daqui dez anos vai marcar.*

É que de cada pessoa a gente pega uma característica, e eu como sou um pouco crítica, vejo uma coisa boa e já vejo um defeito, então não pego como um ídolo, não pego ninguém como um ideal.

E – *E em casa como vocês fazem pra tomar uma decisão entre vocês dois, uma viagem, uma compra?*

B – *Compra grande?*

A – *Dificilmente a gente faz uma compra grande, se é pra ir no supermercado, ou vou eu ou vai a Beatriz, as vezes eu vi que falta alguma coisa... agora mais organizada é a Beatriz, ela já vai, faz uma listinha, ela não diz vá comprar, ela vai e compra. As nossas coisas são divididas da seguinte forma, as coisas da casa, condomínio, luz...*

B – *Pra prover a casa é responsabilidade dele...*

A – *Mas o meu cartão a Beatriz compra com ele...*

B – *Se eu acho que vai extrapolar as contas da casa e eu quero comprar alguma coisa, aí eu compro com o meu dinheiro, pra não ter que pedir pra ele e pra não abusar da coisa dele.*

A – *Coisas mais superfulas, sorvete pra crianças sai do dela...*

B – *Que nem outro dia, eu invoquei que o tênis do Tiago todo dia estava desamarrado, disse pra ele “vamos lá no shopping, vou comprar um tênis de velcro pra você”, fui lá e comprei, sem comentar nada com ele, comprei com o meu dinheiro, então eu não gosto de pedir nada pra ele, se eu posso comprar, vou lá e compro.*

A – *Às vezes, precisa comprar roupa pras crianças....*

B – *Quando eu digo precisamos comprar, eu quero dizer que é com o dinheiro dele, quando eu vejo que posso comprar eu vou lá e compro, sem dizer nada pra ele.*

A – *É que a Beatriz ajuda muito a família dela...*

B – *É aquele esquema que eu te falei, que continuamos mantendo....*

E – *Continua ajudando então.*

A – *Então eu supro aquela base, ela coloca o diferencial, e ajuda a família dela.*

B – Eu compro as minhas coisas com o meu dinheiro, alguma coisa das crianças que eu acho que vou extrapolar, eu vou lá e pago.

A – O carro da Beatriz, não sempre, mas às vezes eu vou lá e abasteço.

B – Existe um respeito entre nós, não aquela coisa de “posso comprar”, não sei se isto é falta de respeito ou não, mas existe respeito, se eu acho que vou abusar, por ter o cartão dele, eu compro com o meu.

E – Um respeito e uma autonomia.

A – Exatamente, a gente já sabe como é, às vezes eu chego e digo que estamos passando por dificuldades na empresa, e aí eu seguro mesmo, só pra pagar as necessidades. Então a Beatriz automaticamente se ela tem ela assume, se não fica também...

B – Recolhida.

A – Recolhida, dali a pouco a gente começa a soltar.

E – E com as crianças, como vocês se dividem, quem vai levar pra escola, pegar?

A – Já é bem institucionalizado isto, eu levo e a Beatriz pega, se a Ligia tem uma atividade extra eu passo mais tarde pegar, pra não precisar ficar esperando...

B – Se ele tem um compromisso ele me avisa....

A – Se ela tem me avisa.

B – Mas, mesmo assim, a prioridade de trabalho sempre é dele, digamos assim, entre o trabalho dele e o meu, eu que acabo cedendo, se ele tem um cliente e eu também, eu que tenho que me virar com as crianças. Isto aí a gente ainda não conseguiu.

E – É o que a gente tava falando da transição do modelo de seus pais, para um modelo novo, mas ainda...

B – Ainda tem algumas dificuldades.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)